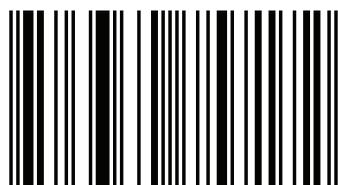


Um Lugar do Rio

Nesta jornada acadêmica, entrelaçado com o meu lugar, utilizo minha experiência vivida e, irmanado com os membros de minha coletividade, empreendo esta saga sobre o nosso universo vivido. Esse memorável lugar, inscrito em nossos corações e mentes, Ilha de Guaratiba, vem sendo metamorfoseado pela marcha urbanizadora que vige em seus domínios. Aqui nasci. Assisti o bairro com sua fisionomia rural/agrícola, em décadas anteriores, agora substituído mais fortemente pelo urbano residencial. Considerando-se que o indivíduo não se distingue de seu lugar, o processo em voga tem provocado uma série de mudanças espaciais/ambientais/existenciais sobre o lugar. Esta tese pretende descortinar as geografias de Ilha de Guaratiba utilizando, para este fim, as experiências vividas relatadas por seus moradores. As metamorfoses simbólicas e/ou sentimentais que vicejam no bojo desse evento espacial, igualmente, merecerão destaque nesta pesquisa. O Rio avança no âmbito de grandes eventos internacionais e, como tal, Ilha de Guaratiba singra e deságua nesta perspectiva olímpica.



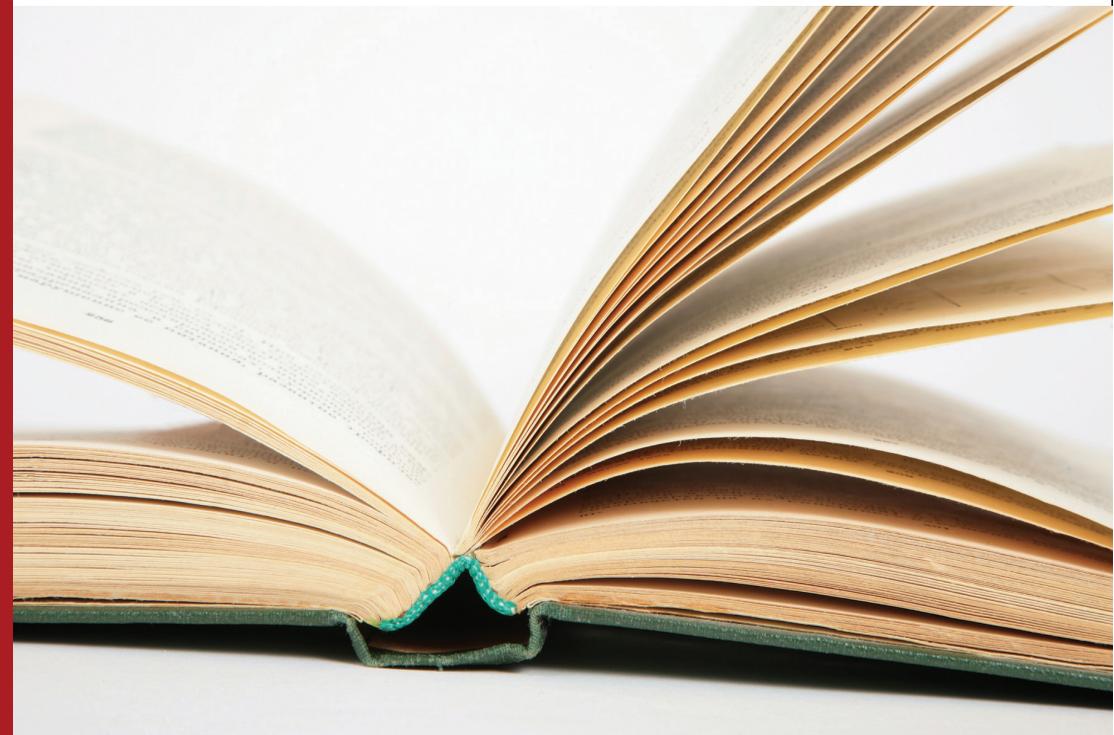
Geógrafo com especialização em políticas territoriais no estado do Rio de Janeiro - UERJ; Professor de geografia, história, sociologia e filosofia em escolas das redes pública e privada no município do Rio de Janeiro; Mestre e Doutor em geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.



978-3-330-75717-2

Um lugar do Rio

Luis Fernandes



Marcio Luis Fernandes

Um Lugar do Rio

Sobre as geografias de Ilha de Guaratiba

 Novas Edições
Acadêmicas

Marcio Luis Fernandes

Um Lugar do Rio

Marcio Luis Fernandes

Um Lugar do Rio

Sobre as geografias de Ilha de Guaratiba

Novas Edições Acadêmicas

Impressum / Imprensa

Bibliografische Information der Deutschen Nationalbibliothek: Die Deutsche Nationalbibliothek verzeichnet diese Publikation in der Deutschen Nationalbibliografie; detaillierte bibliografische Daten sind im Internet über <http://dnb.d-nb.de> abrufbar.

Alle in diesem Buch genannten Marken und Produktnamen unterliegen warenzeichen-, marken- oder patentrechtlichem Schutz bzw. sind Warenzeichen oder eingetragene Warenzeichen der jeweiligen Inhaber. Die Wiedergabe von Marken, Produktnamen, Gebrauchsnamen, Handelsnamen, Warenbezeichnungen u.s.w. in diesem Werk berechtigt auch ohne besondere Kennzeichnung nicht zu der Annahme, dass solche Namen im Sinne der Warenzeichen- und Markenschutzgesetzgebung als frei zu betrachten wären und daher von jedermann benutzt werden dürften.

Informação bibliográfica publicada por Deutsche Nationalbibliothek: A Nationalbibliothek numera esta publicação no Deutsche Nationalbibliografie. Os dados biográficos detalhados estão disponíveis na internet: <http://dnb.d-nb.de>.

Os outros nomes de marcas e produtos citados neste livro estão sujeitos à marca registrada ou à proteção de patentes, sendo marcas comerciais registradas dos seus respectivos proprietários.

Os outros nomes de marcas e produtos citados neste livro estão sujeitos à marca registrada ou à proteção de patentes, sendo marcas comerciais registradas dos seus respectivos proprietários. O uso dos nomes de marcas, nomes de produtos, nomes comuns, nome comerciais, descrições comerciais, descrições de produtos, etc., mesmo sem um relevo particular nestas publicações, de forma alguma deve interpretar-se no sentido de que estes possam ser considerados limitados em matérias de marcas e legislação de proteção de marcas e, portanto, ser utilizadas por qualquer pessoa.

Coverbild / Imagem da capa: www.ingimage.com

Verlag / Editora:

Novas Edições Acadêmicas

ist ein Imprint der / é uma marca de

OmniScriptum GmbH & Co. KG

Bahnhofstraße 28, 66111 Saarbrücken, Deutschland / Niemcy

Email / Correio eletrônico: info@omniscryptum.com

Herstellung: siehe letzte Seite /

Publicado: veja a última página

ISBN: 978-3-330-75717-2

Zugl. / Aprovado/a pela/pelo: Tese de Doutorado em geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) defendida em dezembro de 2015.

Copyright / Copirraite © Marcio Luis Fernandes

Copyright / Copirraite © 2017 OmniScriptum GmbH & Co. KG

Alle Rechte vorbehalten. / Todos os direitos reservados. Saarbrücken 2017

Um lugar do Rio



Marcio Luis Fernandes

DEDICATÓRIA

Consagro esta obra ao meu Bondoso Deus, fonte de toda a minha inspiração. Ele é o Senhor de tudo e de todos, o dono de todas as coisas. Ele enviou o seu único filho, Jesus Cristo, Senhor e consumidor de minha fé. Ele esteve comigo em todos os momentos, não permitindo que esta tese se tornasse um trabalho solitário. “Porque dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas” (Romanos 11: 36).

Ofereço esta pesquisa, igualmente, à minha querida mãe, Vandí Bastos de Moraes. Sem o suporte desta mulher incrível, certamente eu não teria chegado até aqui. Desde sempre, foi minha maior incentivadora e por isso mesmo merecedora do meu carinho, admiração e amor.

Dedico este trabalho, outrossim, ao maior presente que já recebi dos céus. Falo da minha filha Nicole Bazzani Fernandes que foi gerada, nasceu e se desenvolveu no percurso desta tese. Minha vida ganhou um sentido muito mais amplo depois dela.

Além disso, destino esta investigação à minha querida esposa Jeane Bazzani, parceira de todas as horas. Meus dias seriam bem menos interessantes sem sua companhia! Agradeço sua compreensão e suporte em todos os momentos.

Não poderia deixar de tributar esta busca aos meus queridos vizinhos e amigos guaratibanos. Na verdade, este trabalho investigativo foi escrito por causa dos moradores de Ilha de Guaratiba. Estes são os verdadeiros autores deste livro.

AGRADECIMENTOS

Tenho uma dívida de gratidão enorme endereçada ao meu orientador, o Professor Doutor João Baptista Ferreira de Mello. Certamente, foi ele quem me formou como pesquisador. O conheci ainda no primeiro período de minha graduação, em 2001, por meio de um texto que me inspirou, desde o princípio, a adotar a abordagem humanística em geografia (MELLO, 1991). Na verdade, eu vim para a UERJ por sua causa. Na especialização em Políticas Territoriais no Estado do Rio de Janeiro, minha meta era conhecer melhor e me aproximar do professor famoso por seus roteiros geográficos em meio à Cidade Maravilhosa, bem como pela inédita aproximação entre geografia e música. Que bom que deu certo. De 2005 a 2015 foram, ao todo, nove anos de orientação e parceria (especialização: 2005-2006; mestrado: 2008-2009-2010; doutorado: 2012-2013-2014-2015). Grato por tudo João...

Outro que fez grande diferença em minha vida foi o Professor Doutor Miguel Ângelo Campos Ribeiro. Antes de conhecer o Miguel, sua fama já percorria todo o campus do Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos. A presença de uma das grandes estrelas da geografia brasileira em nossa faculdade era sempre motivo de honra, estando o auditório sempre apinhado de graduandos dispostos a ouvir suas

criativas abordagens relacionadas a temas diversos como a interação entre o turismo e geografia, os territórios da prostituição, reflexões relacionadas ao espaço fluminense, entre outros. Desde minha chegada à UERJ, em 2005, a participação do Miguel em minha trajetória universitária sempre foi emblemática. Sempre me impressionei com sua didática e com o seu carisma em sala de aula. Esteve presente em todas as minhas bancas na UERJ (monografia de especialização, qualificação de mestrado, defesa de dissertação, qualificação de doutorado), sempre contribuindo para o meu aprimoramento. Ao querido Professor Miguel externo os meus sinceros agradecimentos.

Fiquei muito feliz em poder contar com a participação da Professora Doutora Aureanice de Mello Corrêa na banca da minha qualificação para o doutorado. Suas pontuações e sugestões contribuíram muito para o desenvolvimento do presente texto. A Professora Aureanice é, certamente, a docente mais simpática e extrovertida do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Em suas participações nos eventos da UERJ, costuma deixar o ambiente sempre descontraído por meio de suas leves apresentações que fogem do convencional rigor acadêmico. Suas risadas trazem sempre alegria para as salas e corredores de nossa universidade. As pesquisas desenvolvidas junto ao NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura), estudos estes relacionadas à dimensão cultural do espaço, atrelado ao fenômeno religioso, conferiram know-how à Professora Aureanice em relação

aos estudos interpretativos. Sou agradecido por sua contribuição, por seu desprendimento e por estar abrilhantando ainda mais esta banca de defesa do título de doutor em geografia

Agradeço, igualmente, à Professora Doutora Lucia Maria Sá Antunes Costa, docente titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenadora do Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística do PROURB-FAU/UFRJ, pelo privilégio de poder contar com sua presença nesta banca de defesa de tese. Perseguindo o rastro deixado pelo saudoso Roberto Burle Marx e irmanada com muitos outros moradores de Ilha de Guaratiba, cujos relatos encontram-se na presente pesquisa, a Professora Lúcia Costa é também paisagista. Seu olhar aguçado no que concerne ao ramo em evidência em Ilha de Guaratiba, certamente contribuirá para o enriquecimento dos debates a que serei submetido por ocasião da sabatina. Obrigado por se dispor a contribuir e participar de minha defesa.

O Professor Doutor Werther Holzer, docente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (PPGAU/ UFF), é considerado, juntamente com o meu orientador, o maior expoente da geografia humanística (ou humanista, como ele prefere) do Brasil, precursor desta vertente do saber geográfico em nosso país. Entre as décadas de 1980 e 1990, temporalidades em que as correntes do pensamento geográfico que

vigoravam no Brasil ainda desconsideravam as relações dos indivíduos e grupos sociais com respeito aos seus respectivos espaços e lugares – baseado em Tuan, Lowenthal, Buttimer, entre outros – Werther Holzer traz à luz os pressupostos filosóficos do humanismo em geografia. A partir de então, surge no bojo da geografia brasileira uma nova possibilidade de abordagens do real centradas no ser humano em meio ao seu universo vivido. Os homens e mulheres deixam então de ser considerados apenas mais um elemento da paisagem, contados aos montes como gados. Me sinto extremamente honrado em ter em minha defesa de tese de doutorado os dois geógrafos considerados os gestores da geografia humanística (humanista) brasileira quais sejam os professores doutores João Baptista Ferreira de Mello e Werther Holzer.

Qual ave que vagueia longe do seu ninho, assim é o **homem** que anda vagueando longe do seu **lugar**.

(Provérbios 27: 8)

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS	17
PARTE I – POR UMA GEOGRAFIA MEMORÁVEL.....	33
1 EM BUSCA DE UMA GEOGRAFIA MAIS HUMANA	37
1.1 Um outro horizonte em busca da humanização da geografia	38
1.2 As filosofias do significado: fundamentos metodológicos da Geografia humanística.....	42
2 AS MÚLTIPLAS DIMENSÕES DO VIVIDO.....	48
2.1 Sobre as memórias dos lugares.....	52
2.2 Espacialidades e temporalidades.....	55
2.3 Polivocalidade: as múltiplas interpretações do universo vivido.....	59

2.4	O lugar em sua multidimensionalidade.....	61
	PARTE II – UMA ILHA DE MEMORÁVEIS GEOGRAFIAS..	68
3	A ESCALA INVESTIGATIVA DE UM BAIRRO ELEITO POR SEUS MORADORES.....	72
3.1	A emblemática devoção dos coautores da pesquisa: os guaratibanos.....	74
3.2	Ilha de Guaratiba: um bairro afetivamente recortado por seus Moradores.....	77
4	A MARCHA URBANIZADORA EM ILHA DE GUARATIBA NO ENTENDIMENTO DE SEUS MORADORES.....	92
4.1	O contexto rural-agrícola de outrora.....	93
4.2	A decadência das feiras-livres e o alvorecer do paisagismo.....	99
4.3	As residências secundárias como embrião da marcha Urbanizadora.....	106

4.4	A especulação imobiliária e o advento dos condomínios.....	113
4.5	A hodierna tendência urbana e os impactos ambientais.....	116
5	UMA ILHA DE SÍMBOLOS.....	126
5.1	Decifrando a toponímia em seus significados.....	131
5.2	O simbolismo dos elementos naturais.....	139
5.3	Descortinando símbolos pretéritos e hodiernos de Ilha de Guaratiba.....	147
6	A VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO PROMOVENDO A VALORAÇÃO PELO LUGAR	167
6.1	Da valorização do espaço à valoração do lugar.....	169
6.2	Da promoção do lugar à expulsão do universo vivido...	175
6.3	Topofilia: experiências íntimas com o lugar.....	180

6.4	Etnocentrismo: o lugar como centro/umbigo do mundo	186
6.5	Ilha de Guaratiba: um lugar	195
6.6	Desaguando no Rio olímpico	197
	PALAVRAS FINAIS	200
	REFERÊNCIAS	204
	ANEXO A - Decreto Nº 3158 de 23 de Julho de 1981. Estabelece a Denominação, a Codificação e a Delimitação dos Bairros da Cidade do Rio de Janeiro (Resumo Restrito à Região Administrativa de Guaratiba).....	224
	ANEXO B – Plano Urbanístico elaborado pelo Grupo do Trabalho do PEU da Associação Rural Guaratiba. referente a àrea da Ilha de Guaratiba.....	230

ANEXO C – Carta de Recomendação para o PEU – Projeto de Estruturação Urbana de Ilha de Guaratiba – proposta da AMIG – Associação de Moradores de Ilha de Guaratiba.....	233
---	-----

ANEXO D – Estruturação Urbana de Guaratiba – Proposta encaminhada pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil.....	245
---	-----

ANEXO E – Decreto nº 24230 de 20 de maio de 2004 – Dispõe sobre a Baixada de Guaratiba, onde localiza-se Ilha de Guaratiba, decretando a criação do bairro denominado Recreio de Guaratiba.....	258
---	-----

PRIMEIRAS PALAVRAS

Minha infância foi vivida entre goiabeiras, laranjeiras, bananeiras em tons de muita brasilidade e carioquice, porém, com toques marcantes de uma periferia periurbana. As brincadeiras incluíam o soltar de pipas, corridas tipo pique bandeira, jogo de pelada e bola de gude. Como meu pai era coveiro, Manoel Fernandes, eu tinha o compromisso de levar seu almoço ao Cemitério de Ilha de Guaratiba. Por isso mesmo, nenhum sentimento de rejeição pelo campo dos mortos. Adolescente, por conta de poucos recursos, passei a militar como feirante vendendo legumes, hortaliças e verduras por mim mesmo cultivados. Todo este acervo me conduziu a uma experiência de forte apego ao meu universo vivido e sua gente em mim interiorizados.

Nesta jornada intelectual, entrelaçado com o meu lugar, utilizo minha experiência vivida e, irmanado, com os membros de minha coletividade, empreendo esta saga sobre o nosso universo vivido. Esse memorável lugar, inscrito em nossos corações e mentes, Ilha de Guaratiba, vem sendo metamorfoseado pela ambição e perspectivas especulativas em seus domínios. Aqui nasci. Assisti o bairro com sua fisionomia rural/agrícola, em décadas anteriores, agora substituído mais fortemente pelo urbano residencial com vistas a se constituir em uma porção espacial de enorme valor econômico do seu solo, por conta dos agentes imobiliários contando com o incentivo/ganância do Poder Público. Mais recentemente, assistimos ao que pode se chamar

do desaguar de um Rio olímpico sobre Ilha de Guaratiba e esta envolvida em seus meandros singrando, igualmente, e se enveredando por sua calha.

Na verdade, há tantas geografias quantas são as interpretações do mundo vivido de cada indivíduo e/ou grupos sociais (JOHNSTON, 1986 a). Partindo da ideia de que “o conhecimento do lugar é calcado na experiência” (HOLZER, 1992), os geógrafos humanísticos têm se debruçado sobre as experiências vividas, buscando nos relatos das pessoas comuns o alicerce com vista às suas investigações. Nesta vertente, o ser humano é o ator geográfico que, ao transformar o seu meio ambiente, modifica, igualmente, a sua vida de relações (JOHNSTON, 1986 b). Isso ocorre porque, na indissociabilidade fenomenológica que norteia o humanismo em geografia, o indivíduo não é distinto de seu lugar (RELPH, 1976). Sendo assim, quando o lugar passa por transformações de diversas ordens ou provocadas por dissabores, podem ocorrer mudanças existenciais. Nesses casos, é comum, igualmente, a mudança de relação das pessoas com seu mundo vivido (FERNANDES, 2003; 2006; 2010).

Perseguindo o rompimento com os paradigmas positivistas e neopositivistas, cujas abordagens privilegiavam apenas os aspectos palpáveis e quantificáveis da realidade, a fenomenologia, desde o início, impeliu os adeptos do humanismo em geografia a deslocar sua atenção dos sistemas espaciais para a experiência humana em seus significados, sejam eles negativos ou positivos (BUTTIMER, 1982; MELLO, 2005). O genuíno conhecimento do lugar, no entanto, envolve – tanto seus valores subjetivos: vivências afetivas, experiências

íntimas, pertencimentos, decepções, simbolismos, significados, a vida de relações e a existencial maneira de viver de seus moradores – quanto suas características e valores objetivos: particularidades físicas, estrutura interna, dimensão dinâmica, atributos naturais, localização, valorização imobiliária, nível de urbanização etc. (LOWENTHAL, 1982; FERNANDES; 2009; 2012). Vale frisar que as citadas dimensões são inseparáveis, considerando-se a abordagem humanística em sua postura fenomenológica que privilegia a indissociabilidade sujeito/objeto.

Ao assumir que o conhecimento não existe independentemente do ser humano, a fenomenologia apregoa que o saber geográfico precisa ser obtido por meio da experiência humana do mundo. Nesse sentido, o método fenomenológico é oferecido ao geógrafo como um procedimento em suas abordagens sobre o lugar (RELPH, 1970). Em suas investigações, as experiências vividas são fundamentais para o descortinar da multidimensionalidade do lugar dotado de “traços físicos, atividades e funções observáveis e significados ou símbolos” (HOLZER, 1992, P. 251).

Por serem visíveis, os fatos e fenômenos observáveis podem “servir de ponte entre os enfoques objetivo e subjetivo da geografia” (SACK, 1976). Em sua concepção clássica, o humanismo valoriza a existência em detrimento aos objetos e/ou mundo material (HOLZER, 1992). A principal preocupação da geografia humanística sempre esteve relacionada à vivência dos indivíduos em suas atividades cotidianas (BUTTIMER, 1982; MELLO, 2005). O vivido, no entanto, pressupõe o material e o não-material; o objetivo e o subjetivo; o lugar

em sua morfologia e dinâmica espacial e os seus vivenciadores em seus significados e experiências (FRÉMONT, 1982). Como negligenciar a materialidade e os eventos espaciais que nos saltam aos olhos? Será que o mundo material que nos cerca, bem como as dinâmicas pelas quais estamos envolvidos, não influenciam nossa existência?

Nas palavras de Tuan (1961, P. 32), “não temos qualquer obrigação de descrever outra área senão aquela pela qual temos um afeto especial ou uma inexplicável fascinação”. O lugar no qual vivemos é nosso foco fundamental de preocupação. Nosso mundo não deriva de estudos científicos, mas de nossas experiências nele vivenciadas (PICKLES, 1985). De acordo com esses preceitos, o livro perfila com os princípios do humanismo em geografia, sendo desenvolvido no âmbito do próprio lugar vivido pelo autor, baseada em sua própria vivência, bem como as experiências vividas pelos membros de sua coletividade.

Nestas circunstâncias, o elo afetivo entre a pessoa e o lugar, forjado através das experiências vividas, mediadas – na maioria das vezes – por uma longa e/ou intensa interação do indivíduo com seu mundo vivido, salta para ser elucidado no bojo dos cânones acadêmicos. Esses valores são singulares, coletivos, subjetivos e intersubjetivos, fazendo assim parte dos acervos íntimos e particulares dos indivíduos e grupos sociais. Em sua abordagem humanística da relação entre espaço e lugar, Mello (1990), com base em Tuan (2013), assevera que determinados espaços só se tornam lugares após uma demorada experiência. O que inicialmente é feio, sem graça ou até

mesmo odiado (espaço), com o tempo pode ganhar foros de lugar. Espaços se tornam lugares em razão do contato com outras pessoas e em trocas afetivas, econômicas etc (MELLO, 1990). Neste contexto, espaços se tornam lugares não apenas por meio de trocas afetivas (valorização), mas também através de trocas econômicas (valorização) ou por questão de status (YÁZIGI, 2003). Certos espaços só se tornam lugares após passarem por um processo de valorização que proporcione uma mudança de seus vivenciadores (valorização) na relação com o seu cotidiano e/ou mundo vivido. Nesse caso, a valorização do espaço pode produzir também a valorização daqueles que o experienciam por seu universo vivido que alcança assim o patamar de lugar (FERNANDES, 2003; 2006; MELLO, 1990; 1991; 2000; TUAN, 1982; 1998; 2013).

Ilha de Guaratiba, porção periférica da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, passa, atualmente, por uma verdadeira metamorfose, uma vez que sua pretérita configuração rural-agrícola vem sendo substituída pela hodierna dinâmica urbano-residencial (FERNANDES, 2006). A crescente especulação imobiliária em voga na localidade teve seu início na década de 1970, intensificando-se nos últimos anos da década de 1990. Esta marcha urbanizadora tem metamorfoseado Ilha de Guaratiba em um dos veios do espraiamento da urbe carioca nos últimos anos. O evento em questão tem estimulado uma considerável mobilidade em direção ao lugar. O local bucólico, visitado esporadicamente por proprietários de residências secundárias – tradicional produtor agrícola – passa por um constante processo de valorização fundiária/imobiliária e por um aumento considerável em

sua população residente. A localidade em tela há anos é apresentada como o mais provável alvo sobre o qual incidirá o volátil capital especulativo imobiliário. Muitos especialistas apontam que a cidade do Rio de Janeiro crescerá em direção à Ilha de Guaratiba, notadamente os segmentos mais abastados (LESSA, 2001; REDONDO, 2012; JANOT, 2013).

Com efeito, a análise dos espaços e lugares, por meio de pesquisas qualitativas, engloba dimensões concernentes aos significados, às questões existenciais e mesmo as metamorfoses simbólicas e sentimentais dos seus vivenciadores, registrando o seu modo de ser e sentir o seu mundo. Neste ponto, cabe indagar: todo esse turbilhão de alterações do rural para o urbano tem interferido no sentimento dos guaratibanos em relação ao seu lugar?

Concernente às transformações que ocorrem em um dado lugar, pensamos que as metamorfoses existenciais, as perspectivas e as demais experiências vividas por seus habitantes não devem ser negligenciadas. Partindo destas premissas, os contextos geográficos pretéritos e contemporâneos de Ilha de Guaratiba serão interpretados considerando as experiências relatadas por seus vivenciadores.

A expansão do tecido urbano carioca, notabilizado pelo fenômeno descrito por Abreu (2008) como “febre imobiliária,” depois de ter percorrido o litoral a partir do centro da cidade (Área Central – Zona Sul – Barra da Tijuca – Recreio dos Bandeirantes) e, mesmo no interior, no âmbito da Zona Norte, “Central do Brasil”, Leopoldina e Zona Oeste tradicional, urge por atravessar o maciço (Serra da Grota Funda) em direção à Ilha de Guaratiba (LESSA, 2001), envolvendo um

espaço a ser descortinado, quem sabe, alçado à categoria de lar ou lugar, tendo em vista a chegada de novos moradores que, segundo Haesbaert (2004), tanto podem influenciar os grupos mais enraizados, como podem por eles ser subordinados.

Com os lugares sofrendo intensas transformações torna-se indispensável saber de seus próprios indivíduos quais os seus sonhos, premências, embates e triunfos. Com efeito, o livro opta por um atalho de significativa pertinência, dando voz aos seus moradores para o entendimento de seus universos vividos.

A passagem de espaço para lugar, como temos discorrido, emerge das experiências vividas pelos indivíduos e/ou grupos sociais em seus lugares. Por ser de natureza existencial, essa metamorfose subjetiva ocorre a partir da mudança de postura das pessoas com seu mundo vivido. Por fazer parte do acervo íntimo de cada indivíduo, esse tipo de experiência pode ser descrita por meio de depoimentos nos quais a pessoa relata suas práticas cotidianas e os valores materiais, históricos, culturais, afetivos, sociais, estéticos, econômicos e simbólicos atribuídos a um outrora espaço indiferenciado que – após ganhar visibilidade e/ou permanência – se transforma em lugar (FERNANDES, 2003; 2006; MELLO, 1990; 1991; 2000; TUAN; 1998; 2013).

Ao focalizar a transformação do espaço indiferenciado em lugar através, tanto das experiências nele vividas, quanto do processo de dotação de valor ao mesmo, Tuan (2013) refere-se ao valor simbólico e afetivo (valoração) atribuído por indivíduos e grupos sociais a uma dada localidade. No entanto, a passagem de espaço para lugar não

envolve apenas o valor simbólico e afetivo da porção espacial na qual o indivíduo está inserido. Em muitos casos, o valor econômico (valorização), ou de outras esferas, conferido a um artefato, logradouro ou área, pode representar um elemento indispensável para transformações espaciais qualitativas (FERNANDES, 2006).

Os lugares são repletos de símbolos, sendo este preceito defendido pelos geógrafos do horizonte humanístico, segundo os quais os lugares e seus símbolos adquirem profundo significado de acordo com os laços emocionais tecidos ao longo dos anos (MELLO, 2003; TUAN, 2012; 2013). Nestas condições, o campo humanístico tem como uma de suas tarefas conciliar, entender e decodificar o conteúdo simbólico dos lugares, uma vez que, o indivíduo não é distinto de seu lugar, como defende Relph (1976) e cada pessoa possui uma geografia particular e pessoal (LOWENTHAL, 1982; COSGROVE, 2004), faz-se necessário uma abordagem fenomenológica que privilegie o indivíduo em seu mundo vivido.

Este livro tem por meta traduzir as geografias de Ilha de Guaratiba a partir da memória geográfica de seus moradores. A abordagem partirá dos depoimentos dos guaratibanos e procurará descortinar, igualmente, o sentimento e o entendimento destes com respeito às permanências e transformações nos seus espaços e lugares. Nessa trilha, pretendemos decodificar suas geografias pessoais, forjadas por meio das experiências vividas, vivências estas responsáveis pela eleição de símbolos pretéritos e hodiernos e por uma forte identificação com seu lugar.

A presente pesquisa se justifica pela necessidade de um enfoque de indivíduos e grupos sociais integrantes de uma porção estratégica da cidade do Rio de Janeiro (LESSA, 2001), quadro este que está sendo rapidamente modificado pelas alterações vigentes. O perímetro em destaque, alçado ao patamar de lugar, tem sido estudado por agrônomos, biólogos, ambientalistas e arqueólogos buscando salientar sua importância relacionada à fauna, à flora e à natureza de uma maneira geral. No entanto, Ilha de Guaratiba, assim como vários bairros da zona oeste, carecem de pesquisas que privilegie o elemento humano em relação às mudanças espaciais e ambientais, bem como espaços e lugares, campo este específico das ciências sociais e da geografia em particular (MORAES, 2007).

No mais, por representar meu universo vivido, Ilha de Guaratiba sempre foi meu foco de pesquisas em minha trajetória acadêmica. Sempre morei em Ilha de Guaratiba, sendo desbravador e conhecedor de seus domínios, possuindo uma grande identificação com meu lugar vivido. Evidentemente que apenas este fato não é suficiente para justificar um trabalho acadêmico. No entanto, Ilha de Guaratiba é um lugar relevante para ser explorado e, nestas condições, ser foco de estudos e pesquisas, razão para que esta obra seja desenvolvida com maior motivação.

Nesta senda, a pesquisa procura apresentar um quadro de transformações, experiências, vivências simbólicas e afetivas, entre outras, pelas quais o lugar focalizado vem passando, aguçando seu estudo a partir das experiências vividas pelos indivíduos e grupos sociais.

Por privilegiar o(s) indivíduo(s) em seu lugar vivido, a presente pesquisa se pauta no método fenomenológico, utilizando também outro suporte filosófico pertencente ao nicho das filosofias do significado, qual seja, a hermenêutica. As bases teóricas deste livro foram buscadas em obras de filósofos e geógrafos humanísticos que se fundamentam em subjetividades, simbolismos e identidades, portanto, em adeptos do método fenomenológico e da hermenêutica como Relph (1976), Schutz (1979); Buttimer (1982), Tuan (1982; 1998; 2012; 2013), Holzer (1992; 2001; 2008), Mello (1990; 1991; 1993; 1999; 2000), entre outros.

Procuramos manter esta linha metodológica nos baseando nos pressupostos da fenomenologia e da hermenêutica que buscam decodificar as geografias existenciais por meio de análises qualitativas onde o indivíduo é indispensável e o seu mundo vivido fundamental (ARANHA, 1996; ABBAGNANO, 2007) em meio à indivisibilidade sujeito/objeto. Sendo assim, a metodologia proposta baseia-se em pesquisa bibliográfica e coleta de material filosófico que tem nos fornecido um relevante apoio teórico-conceitual. Nestas condições, não ferindo os princípios do humanismo em geografia, recorreremos a entrevistas e conversas informais com os guaratibanos, onde buscamos explicitar e interpretar a geografia dos indivíduos entrevistados, em uma tentativa de decifrar as geografias memoráveis de Ilha de Guaratiba com base e compromisso com o referido mundo vivido. A fim de alcançar uma análise fenomenológica, decifrando o sentimento e o entendimento dos indivíduos e grupos sociais em

relação ao espaço forjado, vivido e reverenciado, procuramos conduzir nossas pesquisas qualitativas (entrevistas) “ao ritmo da pessoa entrevistada, ou seja, livre, espontânea, informal, sem limitações de tempo e temas e em seu próprio meio”, como preconiza Nogué Y Font (1992, p.90).

Nestes termos, estamos trilhando os passos perseguidos pela filosofia fenomenológica, na qual a geografia humanística busca elementos para pautar suas pesquisas. A noção mais frequentemente utilizada pelos geógrafos da ala humanística, justamente o conceito lugar, vale repetir, advém da fenomenológica e indissociável ideia de mundo vivido no qual não há separação entre o sujeito e o objeto. Nestas circunstâncias, o indivíduo e tudo que o rodeia compõem um mundo pleno de valores, sofrimentos, dilemas, alegrias, vivências, “canções que minha mãe me ensinou” (SCHUTZ, 1979, p. 291) e utopias em meio a amigos, parentes, conhecidos, base territorial, sentimentos e assim por diante, compondo um todo de introjeções, estranhamentos, aderências, reinvenções, fobias e pertencimentos (MELLO, 2000).

O presente livro, vale repetir, se debruça, igualmente, em traduzir, decodificar e interpretar as geografias de Ilha de Guaratiba, dando voz aos seus moradores, sendo estes os desbravadores e profundos conhecedores de seu mundo vivido. Com esse fim, as dimensões espacial, simbólica e/ou existencial do referido lugar são interpretados segundo o entendimento de seus moradores. Vale salientar também que as muitas leituras de porte que fizemos durante nossa trajetória acadêmica, nos possibilitaram caminhos mais

profícuos em relação ao método, onde novos e importantes componentes conceituais foram acrescentados. Além disso, as entrevistas empreendidas entre os meses de setembro de 2014 e outubro de 2015, deflagraram novos elementos que foram abordados segundo esses relatos verbais. Por representar uma narrativa da experiência vivida, essas pesquisas qualitativas foram imprescindíveis para o descortinar das geografias de Ilha de Guaratiba, bem como para a decodificação da complexa teia de relações que envolve seus moradores em seu universo vivido.

A partir do processo de renovação da geografia e da eclosão da geografia crítica – entendida como as correntes que romperam com os ideários positivista e neo-positivista – geógrafos de diversas orientações metodológicas (existencialistas, marxistas, ecléticos etc) passaram a assumir uma perspectiva mais humana, buscando por meio da transformação da ordem social, uma geografia mais generosa e um espaço ou lugar mais justo, que fosse organizado em função dos homens (MORAES, 2007). Neste diapasão, pensamos que a melhor maneira de focalizar o ser humano no centro de todas as coisas (MELLO, 1991; 2000; 2001; TUAN, 1982; 1998; 2013) seria por meio da utilização dos acervos íntimos e particulares de cada indivíduo nas abordagens do seu universo vivido, onde seu enfoque fosse a base da investigação científica.

No que diz respeito ao recorte espacial demarcado, uma geografia tem sido forjada, plena de sentimentos e entendimentos, a partir das experiências dos indivíduos e grupos sociais de Ilha de Guaratiba.

A pesquisa encontra-se organizada em duas partes. A Parte I representa o arcabouço teórico-conceitual do livro, sendo composta por dois capítulos. No primeiro capítulo, nosso propósito é fornecer as bases filosóficas que nortearão este estudo, bem como os temas e conceitos que servirão de base para a parte substantiva da pesquisa (Parte II). Assim sendo, neste capítulo, intitulado “Em busca de uma geografia mais humana”, nos debruçamos sobre os pressupostos do horizonte humanístico, estabelecendo este viés como uma proposta para a humanização da geografia. Complementando, então, nossa asserção de focalizar os indivíduos no centro de nossa investigação, versamos sobre alguns dos princípios defendidos pela hermenêutica e pela fenomenologia, sendo estes os principais fundamentos filosóficos do humanismo em geografia.

Como dissemos, o arcabouço teórico desta obra se estende também ao segundo capítulo. Como o nosso propósito consiste em estabelecer uma abordagem multidimensional – abarcando o espacial e o simbólico/existencial – elaboramos este capítulo com a finalidade de embasar teoricamente nosso referencial empírico. “As múltiplas dimensões do vivido”, eis o título do segundo capítulo. Neste, buscamos uma base teórica e conceitual que abarque a multidimensionalidade que permeia nossos universos vividos particulares: espacialidades, temporalidades, artefatos, significados, mudanças, permanências etc.

A Parte II deste livro diz respeito à pesquisa em si, sendo constituída pelos demais capítulos, quatro no total. Nestes,

caminharemos pelas veredas memoráveis de Ilha de Guaratiba por meio do compartilhamento da memória geográfica de seus moradores. No terceiro capítulo (A escala investigativa de um bairro afetivamente recortado), como o título sugere, enfocaremos as características de Ilha de Guaratiba e de seus moradores. No quarto capítulo, nossa meta é abordar sinteticamente o processo de mudanças na espacialidade em tela, buscando contextualizar as geografias de outrora ao contexto geográfico hodierno por meio de relatos memoriais de guaratibanos que vivenciaram e/ou vivenciam as transformações pelas quais o lugar vem passando ao longo do tempo. Com este fim, utilizamos os pressupostos metodológicos citados anteriormente no intuito de descortinar geografias de outrora e contemporâneas em uma abordagem que privilegie o enfoque dos muitos geógrafos informais (LOWENTHAL, 1982; COSGROVE, 2004) da localidade em tela, em relação ao fenômeno vigente em seu lugar vivido. Isto posto, neste capítulo – intitulado “A marcha urbanizadora em Ilha de Guaratiba no entendimento de seus moradores” – descreveremos pontualmente a aludida marcha do Rio olímpico desaguando sua urbanidade sobre o bairro e este entre os meandros da calha urbana carioca, com o intuito de alcançar um melhor entendimento acerca do lugar. A abordagem parte do contexto em que vigorava na localidade um panorama rural-agrícola, passando pela desarticulação desta disposição de elementos e culminando com as transformações que conferem, hodiernamente, um arranjo urbano-residencial à antiga porção periurbana da cidade do Rio de Janeiro.

No quinto capítulo, o conteúdo simbólico do lugar assoma em sua plenitude. Por meio de relatos pessoais, buscamos captar e decifrar os símbolos de outrora e contemporâneos de Ilha de Guaratiba.

Finalmente, no sexto capítulo intitulado A valorização do espaço promovendo a valoração pelo lugar, versamos sobre as experiências e sentimentos dos guaratibanos em relação ao seu universo vivido que, ganhando visibilidade, tornou-se o centro (umbigo) do seu mundo, ou seja, com uma expressão etnocêntrica, no que diz respeito à geografia (TUAN, 1980; 2012). A gradativa metamorfose existencial e as demais transformações subjetivas ocorridas na vida das pessoas no desenrolar do processo de mudança (urbanização) que ocorre na localidade, igualmente, merecerão destaque nesta última etapa do livro. Assim sendo, neste capítulo, buscaremos traduzir as metamorfoses existenciais que vicejam no âmago da marcha urbanizadora que vigora em Ilha de Guaratiba, resultante, como já sublinhamos, do desaguar do Rio olímpico sobre o lugar.

Mesmo disponibilizando dois capítulos contendo os princípios filosóficos, metodológicos e teóricos da pesquisa, procuramos observar a articulação entre a base teórico-conceitual e a pesquisa operacional por meio da utilização de temas e conceitos que estão circunscritos a toda esta investigação científica. Vale frisar que a delimitação temática, filosófica, conceitual e metodológica encontra-se implícita e/ou explicitamente circunscrita das primeiras às derradeiras páginas desta pesquisa. Firmemos, portanto, as bases de uma geografia Memorável.

PRIMEIRA PARTE: BASE FILOSÓFICA

*“Geografia é o estudo da Terra como o lar das pessoas” (YI
FU TUAN).*

PARTE I POR UMA GEOGRAFIA MEMORÁVEL

A primeira parte deste livro diz respeito ao arcabouço teórico-conceitual no qual buscará se alicerçar. Esta elaboração intelectual é fruto de um considerável esforço despendido ao longo de minha trajetória acadêmica, tendo sido alcançada por meio da leitura e análise de uma vasta relação de autores de diversas correntes do pensamento no percurso dos meus últimos quinze anos de bancos universitários (vide referências).

O aproveitamento de referenciais de pensadores de diferentes linhas investigativas sempre representa um risco em se tratando de uma investigação acadêmica. Segundo o parecer da antropóloga Regina Abreu (2011, p. 30-31), no entanto, “é possível recorrer a autores de diferentes escolas e tradições de pensamento, sem que isso seja uma heresia acadêmica”. A professora Abreu salienta, todavia, que “misturar referências de autores em um texto acadêmico não quer dizer um uso indiscriminado desses autores”. Evidentemente, alguns cuidados devem ser observados a fim de evitar um contrassenso. Além de manter “o diálogo permanente entre teoria e pesquisa”, não se deve “colocar diferentes autores em um mesmo saco, sem distinguir os autores clássicos daqueles que deram contribuições pontuais para um determinado assunto” (ABREU, 2011, p. 31-32).

Nas pesquisas, textos e artigos que desenvolvi (FERNANDES, 2003; 2005; 2006; 2008; 2009; 2010; 2011; 2012; 2013; 2014 a; 2014

b; 2015), excetuando as de caráter puramente operacional (FERNANDES, 2005; 2008; 2014 b) e aquelas relacionados a temas específicos (FERNANDES, 2009; 2013), sempre busquei dialogar com autores de distintas orientações metodológicas. O foco de minhas abordagens, contudo, era mantido, uma vez que as filosofias defendidas pelos autores clássicos que fundamentavam teoricamente minha abordagem não eram negligenciadas, tampouco “misturadas” com as citadas “contribuições pontuais”, como se o mesmo peso de importância tivessem. Nesta pesquisa não será diferente, uma vez que a abordagem partirá dos pressupostos filosóficos do humanismo em geografia defendidos no primeiro capítulo por pensadores clássicos e contemporâneos desta corrente do pensamento geográfico (TUAN, 1961; 1980; 1982; 1983; 1986; 1991; 1996; 2005; 2011; 2012; 2013; RELPH, 1970; 1976; 2012; PALMER, 1970; SCHUTZ, 1979; LOWENTHAL, 1982; 1985; 2008; BUTTIMER, 1982; 2015; MELLO, 1990; 1991; 1993; 1999; 2000; 2001; 2002; 2003; 2004; 2005; 2007; 2008; HOLZER, 1992; 2001; 2008; MARANDOLA, 2012).

Como a presente pesquisa se ocupará, de igual modo, em desvendar o dinamismo de um universo vivido em meio a uma verdadeira marcha urbanizadora, foi elaborado um segundo capítulo teórico a fim de demonstrar as múltiplas dimensões de um lugar vivido (vide capítulo 2). Entre os pensadores que subsidiam este capítulo secundário estão geógrafos de diversas orientações teórico-metodológicas, inclusive humanísticos, bem como autores de outros campos do saber como filósofos, historiadores, sociólogos, entre outros. Mesmo não compondo o corpo teórico da orientação

humanística que alicerça este texto, a contribuição destes estudiosos foi significativa para embasar teoricamente o lugar em sua multidimensionalidade.

Esta primeira parte do livro, composta pelos capítulos um (Em busca de uma geografia mais humana) e dois (As múltiplas dimensões do vivido), não precisaria – necessariamente – ter um título. No entanto, imbuído pelo desejo de descortinar um lugar por meio do vislumbre e compartilhamento das memórias geográficas de seus moradores, decidi pelo título “Por uma geografia memorável”. A inspiração, obviamente, partiu do termo cunhado pelo geógrafo reconhecido, juntamente com Tuan, como o pai da geografia humanística: David Lowenthal (HOLZER, 1992).

No entendimento de Lowenthal (1982), “as geografias memoráveis” são aquelas elaboradas a partir de textos interpretativos, onde o passado possui um papel fundamental para a construção dos universos particulares dos indivíduos e grupos sociais. Neste contexto, a experiência vivida e compartilhada passa a representar o alicerce de um novo saber e fazer geográficos. Mas, como um indivíduo pode compartilhar suas vivências sem reportar-se a sua memória? Sendo assim, memória é um conceito (GONDAR E DODEBEI, 2011; SILVA, 2015) ou categoria (ABREU, 1998) fundamental para o descortinar das geografias pessoais e/ou coletivas dos diferentes lugares.

Nesta abordagem a memória é representada pela capacidade de armazenar e/ou guardar informações relacionadas ao nosso passado: remoto ou recente (ABREU, 1998). Memórias são as lembranças que nos reportam a diferentes temporalidades e espacialidades, sendo

estas as duas dimensões, tanto da construção social, quanto da experiência humana (SACK, 1986). Por nos remeter a identidades pessoais e coletivas, a memória torna-se uma das dimensões dos lugares (SILVA, 2015). Recurso comum, tanto nos estudos históricos quanto nos geográficos, as pesquisas qualitativas procuram aguçar a memória dos indivíduos por meio de perguntas sobre eventos e/ou lugares de outrora (FERNANDES, 2015).

Na presente pesquisa não é diferente, uma vez que se baseia nas memórias dos moradores de Ilha de Guaratiba, lembranças estas atreladas a diferentes contextos pretéritos vivenciados pelos guaratibanos. Além de estar embasada na memória histórica e geográfica dos citados moradores, este estudo, vale repetir, se pauta, igualmente, nos pressupostos do humanismo em geografia – bem como em uma abordagem multidimensional (marcha urbanizadora, vivências simbólicas e afetivas, entre outras facetas que envolvem o dinâmico universo vivido). Sendo assim, seguindo a definição do meu dicionário predileto (BORBA, 2011), uma geografia “memorável” seria aquela que se encontra retida na memória geográfica dos moradores do lugar pesquisado, uma geografia “humanizada” e inesquecível, por excelência, que merece ser descortinada (FERNANDES, 2014).

Diante do exposto, consideremos as questões pertinentes no que tange os pressupostos do horizonte humanístico, bem como os princípios defendidos pela hermenêutica e pela fenomenologia, sendo estes os principais fundamentos filosóficos da corrente que norteia esta obra.

1 EM BUSCA DE UMA GEOGRAFIA MAIS HUMANA

Na concepção de Lowenthal (1982, p. 137), uma geografia memorável não estaria atrelada a meros textos de compêndios – muito menos a perspectivas generalizantes que ignoram as particularidades, as individualidades e as singularidades – “mas a estudos interpretativos que incorpore um acentuado ponto de vista pessoal”. Seguindo tal premissa, entendemos que uma geografia comprometida com aspectos universalizantes que abarcam a sociedade como um todo, eximindo os universos particulares dos indivíduos e grupos sociais, não pode dar conta de uma geografia genuinamente humana e pessoal, forjada por cada geógrafo informal em seu mundo vivido (LOWENTHAL, 1982; COSGROVE, 2004).

Por menosprezar o rico material representado pelas experiências do mundo vivido, bem como as concepções que derivam dessas vivências, “a geografia trilhou um longo caminho até introduzir o homem como ser pensante em suas pesquisas” (MELLO, 1991, p. 1). No início dos anos 1970, no entanto, alguns geógrafos frustrados com uma geografia onde o ser humano representava apenas mais um elemento da paisagem estudada (MORAES, 2007), “começaram a buscar nas filosofias do significado respostas para suas angústias” e caminhos para o rompimento com os pressupostos positivistas e neopositivistas que predominavam na ciência geográfica (MELLO, 1990, p. 22). Surgia a geografia humanística, uma perspectiva que focaliza o homem no centro de todas as coisas, uma vez que todo ser

humano pensa e filosofa, sendo, portanto, capaz de refletir sobre os fenômenos dos mundos vividos (BUTTNER, 1982; MELLO, 2000; RELPH, 1976; TUAN, 1982).

Por uma geografia mais humana entende-se aquela que reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição (TUAN, 1982). Nesse sentido, a abordagem humanística em geografia, possuindo a fenomenologia existencial como filosofia subjacente e a hermenêutica como método de interpretação (BUTTNER, 1982; GOMES, 2007), procura valorizar a experiência do indivíduo ou grupo social, visando compreender o mosaico de sentimentos e o entendimento das pessoas em relação aos seus lugares. Nessa perspectiva, os geógrafos da corrente em tela argumentam que sua abordagem merece o rótulo de humanística, pois estudam os aspectos do homem tais como significações, valores, metas e propósitos (CHRISTOFOLETTI, 1982), bem como alegorias, sonhos, devaneios e reminiscências (MELLO, 1991; FERNANDES, 2014).

1.1 Um outro horizonte em busca da humanização da geografia

O movimento humanístico destaca o homem e o trata com seus significados, valores, objetivos, dilemas e ações em oposição ao enfoque abstrato, mecanicista e determinista dos paradigmas anteriores. A crítica à visão reducionista do homem, principalmente

após 1970, favoreceu aos geógrafos humanísticos a interpretação do sentimento e a compreensão das relações entre os homens e seu mundo vivido. Essa perspectiva, ao defender a incorporação da dimensão subjetiva e a experiência vivida pelos indivíduos e grupos sociais em suas abordagens, propõe uma compreensão do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos a respeito do espaço e do lugar (TUAN, 1982; 2013).

As ideias acima citadas surgem como relevantes para esta tendência geográfica. No lugar, o indivíduo se encontra ambientado e mesmo integrado. Tal expressão conceitual compõe este mundo pleno de sentimentos e afeições, um centro de significância ou um foco de ação emocional do homem. O lugar não é qualquer localidade, mas aquela que exprime afetividade e valores para o indivíduo ou a sua coletividade (CHRISTOFOLETTI, 1982). Em contraponto, o espaço é representado por qualquer porção da superfície terrestre, sendo amplo, desconhecido, indiferenciado, rejeitado ou mesmo odiado (MELLO, 1990; 1991; 2001; TUAN, 1982; 1998; 2013), possivelmente a ser capturado ou conquistado.

Apesar da distinção entre esses conceitos-chave da geografia em geral (CORRÊA, 2002) e da ramificação humanística em particular (HOLZER, 2001; 2008), na experiência, o significado de espaço pode se fundir e/ou confundir com o de lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor (TUAN, 2013). Segundo Mello (1990, p. 105):

Certos espaços só se tornam lugares após uma demorada experiência. O que inicialmente é feio ou até mesmo odiado, com o tempo ganha foros de lugar. Espaços se tornam lugares em razão do contato com outras pessoas e em trocas afetivas, econômicas etc.

A geografia humanística não negligencia a dimensão afetiva em meio ao vivido/existencial. Assim sendo, é fundamental para os geógrafos de inspiração humanística, não apenas a abordagem da “distribuição espacial dos fatos sociais, mas, igualmente, a maneira como as pessoas vivem nos lugares onde residem ou os que visitam, deles extraindo uma experiência” (CLAVAL, 2001, p. 46). Nessa trilha, “estar junto, estar próximo, não significa a proximidade física, mas o relacionamento afetivo com outra pessoa ou com outro lugar” (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 23). Lugares e pessoas fisicamente distantes podem estar afetivamente muito próximos. Portanto, o estudo dos espaços e lugares remonta à análise dos sentimentos e ideias espaciais das pessoas e grupos de pessoas (TUAN, 1982). “Sob a perspectiva positivista a geografia diz respeito apenas à análise da organização espacial. Sob o horizonte humanístico, espaço e lugar assumem características muito diferentes” (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 23), cabendo ao geógrafo da ala humanística traduzir o que representam por meio de uma estrutura coerente (CHRISTOFOLETTI, 1982; TUAN, 1982).

Da valoração das atitudes decorre a preocupação com gostos, preferências, características e particularidades dos lugares. Valora-se também “o contexto ambiental e os aspectos que redundam no encanto e na magia dos universos vividos, na sua personalidade e

distinção”. Há então o entrelaçamento entre a pessoa ou grupo social e o lugar (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 23), uma vez que o indivíduo não é distinto de seu mundo vivido (RELPH, 1976).

Tuan (1982, p. 159), por seu turno, relata que “a contribuição da geografia humanística para a ciência está na revelação de materiais dos quais o cientista, confinado em sua própria redoma conceitual, pode não estar consciente”. Para o pesquisador:

Esse material inclui a natureza e a gama de experiências e pensamentos humanos, a qualidade e a intensidade de uma emoção, a ambivalência e a ambigüidade dos valores e atitudes, a natureza e o poder do símbolo e as características dos eventos, das intenções e das aspirações humanas.

Para elucidar esse mosaico de objetos materiais e imateriais em meio à indivisibilidade sujeito/objeto, o geógrafo humanístico:

Deve ter um interesse penetrante pela filosofia, pois esta levanta questões fundamentais de epistemologia para as quais podemos buscar explicações no mundo real. A filosofia proporciona também um ponto de vista unificado a partir do qual toda uma série de fenômenos humanos pode ser sistematicamente avaliada (TUAN, 1982, p. 161).

Nestes termos, estamos falando da hermenêutica, que segundo Mircea Eliade (1971), é o único método eficaz de interpretação do qual o humanismo não pode se privar, e da fenomenologia, na qual a geografia humanística busca elementos para pautar suas pesquisas (GOMES, 2007).

1.2 **As filosofias do significado: fundamentos metodológicos da geografia humanística**

Apoiada nos princípios da fenomenologia e da hermenêutica, a geografia humanística tem interesse em entender a alma dos lugares a partir das experiências vividas pelos indivíduos e grupos sociais. Esta perspectiva entende ser o lugar parte integrante do ser, sendo cada indivíduo um geógrafo informal capacitado para discorrer sobre a alma dos lugares, por ser o homem quem produz, aprende, vive e transmite geografia (BUTTNER, 1982; COSGROVE, 2004; LOWENTHAL, 1982; MELLO, 2000; SCHUTZ, 1979).

“A fenomenologia é a filosofia presente em um número maior de estudos humanísticos em geografia” (MELLO, 1991, p. 36), sendo também considerado um método de investigação (ARANHA, 1996; GOMES, 2007). “Seu criador, o filósofo alemão Edmund Husserl (1859 – 1938) critica as teorias científicas, particularmente as de inspiração positivista, excessivamente apegadas à objetividade e a crença de que a realidade se reduz àquilo que se percebe pelos sentidos” (MELLO, 1991, p. 36).

Etimologicamente, fenomenologia é o estudo do fenômeno, sendo seu papel analisar a dinâmica que fornece sentido e significado aos objetos, tratando o mundo e os seres humanos de uma maneira indissociável (SCHUTZ, 1979). Examinando o conceito de fenômeno, que em grego significa o que aparece (ARANHA, 1996), compreendemos melhor que a fenomenologia trata do conhecimento

como ele surge, isto é, como se apresenta à consciência. Como fonte de significado para o mundo, a consciência não se restringe ao mero conhecimento intelectual, mas é geradora de intencionalidades não só cognitivas como afetivas e práticas. O olhar sobre o mundo é o ato pelo qual o homem o experiencia, imaginando, julgando, amando, temendo (ARANHA, 1996; SCHUTZ, 1979).

A fenomenologia critica a tendência naturalista que orienta o método das ciências humanas. Para esta filosofia, não há fatos com a objetividade pretendida pelo positivismo, já que não entendemos o mundo como um dado bruto, desprovido de significados. O mundo que decodifico é um universo para mim, daí a importância do sentimento, do entendimento e da rede de significações que envolvem os nossos universos vividos (ARANHA, 1996). Para Schutz (1979), o ponto de partida irredutível para as bases fenomenológicas diz respeito às experiências do ser humano consciente, que vive e age em um mundo que ele capta, interage e interpreta – assumindo significados múltiplos.

Tudo o que é vivenciado pelos seres humanos corresponde a experiências em/de, seu mundo vivido. Elas o constituem, são dirigidas a ele, são nele testadas e vivenciadas. O universo vivido é simplesmente toda a esfera das experiências cotidianas, direções e ações através das quais os indivíduos lidam com seus interesses. De acordo com a filosofia fenomenológica, cada indivíduo constrói o seu próprio mundo. Assim, subjetivamente, duas pessoas jamais poderiam vivenciar a mesma situação da mesma forma (SCHUTZ, 1979). Neste particular, Buttmer (1982, p. 167), assinala que:

Os fenomenologistas têm sido os porta-vozes mais sistemáticos de um esforço combinado para reconciliar coração e mente, conhecimento e ação, em nossos mundos diários. Desafiando muitas das premissas e dos procedimentos da ciência positiva, expuseram uma crítica radical do reducionismo, da racionalidade e da separação de sujeitos e objetos na pesquisa empírica. Com os existencialistas, apregoam o argumento da libertação da experiência vivida, apelando por descrições mais concretas do espaço e do tempo, e de seus significados na vida humana diária.

Por contemplar como traço comum a inseparabilidade sujeito-objeto, a fenomenologia examina de maneira radical os fenômenos da consciência ou da experiência vivida, busca os fatos como são produzidos, interpretando a apreensão da essência e desta maneira investiga os atos e o entendimento sobre o mundo vivido. Neste contexto:

O lugar surge como conceito-chave na geografia humanística advindo da noção fenomenológica de mundo vivido emocionalmente, modelado, introjetado e revestido de eventos, pessoas, itinerários, lutas, ambiguidades, envolvimento, sonhos, desatinos, “canções que minha mãe me ensinou”, base territorial e toda sorte de elementos que permite à pessoa se sentir em casa ou, por outro lado, distanciada em meio a um estranhamento topofóbico (MELLO, 2005, p. 34).

Por muito tempo os geógrafos excluíram de suas abordagens os laços de vizinhança, o estoque de conhecimento, a agradabilidade, a topofobia, a fixação aos espaços e lugares, as experiências cotidianas e os elos que unem as pessoas ao meio ambiente. A fenomenologia, considerando esses atributos, serve de ponte a esses especialistas, com vistas ao entendimento do mundo vivido, pois – diferentemente da ciência que omite as questões da vida – não trata o mundo independente dos seres humanos (...). Com respaldo no mundo vivido, o geógrafo pode entender como nasce a magia dos lugares, as particularidades intrínsecas de cada porção territorial, a distinção de diferentes pontos da cidade, o encantamento, o desprezo, a atração e o que é típico dos lugares (...). O mundo vivido é a consciência e o meio ambiente íntimo de cada um, emocionalmente modelado e revestido de eventos, relações, ambiguidades, envolvimento, valores e significados, o

qual compreende os seres humanos com toda ação e interesses humanos, trabalhos e sofrimentos (MELLO, 1991, p. 37-38).

O mundo vivido de cada um já existia antes do nascimento da pessoa, que vivencia e interpreta seu mundo a partir de valores e estoques de experiências pessoais, e também por meio de outros indivíduos que lhe transmitem conhecimentos pretéritos e hodiernos (MELLO, 2000, p. 57).

A intersubjetividade, ou intermundo, é o mundo comum a diferentes pessoas, cenário e objeto das ações e das interações dos seres humanos. O mundo vivido, continuamente experienciado, é modificado pelas ações humanas, que também modifica as suas ações (MELLO, 1991). “Já o estoque de experiências é um enriquecimento cotidiano, prático e teórico, que fornece ao homem elementos para agir e pensar” (MELLO, 1991, p. 38). “No entanto, este conhecimento não é homogêneo e sim incoerente, parcial, contraditório e ambíguo” (MELLO, 2000, p. 58). “O conhecimento do mundo, recebido pela cultura formal e informal e completado pela experiência pessoal, gera intimidade e afetividade pelo lugar vivido” (MELLO, 2000, p. 58). Este mundo que, para a fenomenologia é o contexto dentro do qual a consciência é revelada, ocorre à nossa experiência e interpretação (BUTTIMER, 1982; ELIADE, 1971; GOMES, 2007; MELLO, 2005).

“A hermenêutica, uma outra filosofia do significado, utilizada pelos geógrafos humanísticos, tem como precursor o alemão Wilhelm Dilthey (1833 – 1911) que adicionou a este movimento filosófico – próximo da fenomenologia de Schutz – elementos da importância interpretativa” (MELLO, 1991, p. 41). A origem do termo se situa na

antiguidade, inspirada na mitologia grega de Hermes, deus da comunicação, encarregado de trazer as mensagens do Olimpo (GOMES, 2007). Utilizada originalmente pelos antigos teólogos como metodologia própria à interpretação da Bíblia, o termo passou posteriormente a designar todo esforço de interpretação científica de um texto difícil que exige uma explicação. Contemporaneamente, a hermenêutica constitui uma reflexão filosófica interpretativa ou compreensiva sobre os símbolos, sendo fundamental em todas as humanidades e em todas as disciplinas que se ocupam com a interpretação das obras dos homens (ABBAGNANO, 2007; JAPIASSÚ E MARCONDES, 2006; PALMER, 1970).

“Na hermenêutica”, como na fenomenologia, “não há separação entre sujeito e objeto”. Assim sendo, esta “filosofia interpretativa tenta explicar os conteúdos da mente e outros aspectos da experiência vivida” em meio a introjeções, onde os indivíduos e grupos sociais não são dissociados de sua base territorial experienciada. Cabe ao geógrafo esclarecer o significado dos conceitos, símbolos e aspirações, à medida que tudo isso está atrelado ao espaço e ao lugar. Ou seja, “o geógrafo humanístico tem como tarefa interpretar a ambivalência, ambiguidade e complexidade da consciência dos indivíduos e/ou grupos sociais a respeito do meio ambiente” (MELLO, 1991, p. 42).

Vale ressaltar que “as fronteiras entre fenomenologia e hermenêutica não são muito rígidas”. Assim sendo, “vários geógrafos humanísticos – entre eles Tuan, Buttimer, Lowenthal e Relph – embora se classifiquem como fenomenologistas, exibem o movimento

hermenêutico de forma inconfundível” (MELLO, 1991, p. 42). Seguindo esta vertente, o presente estudo se esforça no intuito de tentar traduzir as geografias pessoais (individuais e coletivas) de Ilha de Guaratiba, utilizando para isso os pressupostos filosóficos aqui apresentados. Antes, no entanto, vale ressaltar que – como todo lugar – Ilha de Guaratiba possui múltiplas dimensões. Para o descortinar do dinamismo no qual encontra-se envolto, sua multiplicidade precisa ser considerada. Mas, de que dimensões estamos nos referindo? Em busca das respostas, consideremos as elucubrações a seguir.

2 AS MÚLTIPLAS DIMENSÕES DO VIVIDO

Como observamos na seção anterior, a orientação humanística surge como reação aos pressupostos positivistas e neopositivistas onde é nítida a separação entre sujeito e objeto. Além disso, na ciência positiva, os métodos quantitativos são priorizados, estando os adeptos destas abordagens, interessados unicamente na materialidade, ficando ausentes de seus estudos, a subjetividade, o simbolismo e as questões existenciais atreladas às experiências vividas pelos indivíduos e grupos sociais (MELLO, 1990; FERNANDES, 2014).

A partir do advento das perspectivas interpretativas, os diferentes significados inerentes ao universo vivido dos grupos sociais passam a representar o foco da investigação geográfica (CORRÊA E ROSENDAHL, 2012). Nesse contexto, os geógrafos passam a se debruçar sobre os laços que os indivíduos tecem entre si e seu universo vivido, bem como o porquê dos homens atribuírem significado e valores subjetivos aos seus lugares (CLAVAL, 2007).

Nas palavras de Gomes (2007), uma das principais características do humanismo em geografia é o seu caráter holístico, vislumbrando a totalidade a fim de não perder a riqueza do todo. Segundo Holzer (2008), a ideia de uma disciplina centrada no estudo da ação e da imaginação humana e na análise objetiva e subjetiva de seus produtos, que pretendiam constituir uma ciência de síntese que estivesse além dos parâmetros cartesianos e positivistas, nos remete

aos anos 1920. Seguindo esta vertente, em 1947, Wrigth – por meio do conceito de geosofia – estabelece a base de um projeto de ciência que abarca as diferentes abordagens, bem como o objetivo e o subjetivo indistintamente (WRIGTH, 1947; LOWENTHAL, 1982; HOLZER, 1992; CASSIRER, 2011).

Parafrazeando Almeida (2010), em cada lugar convivem uma dimensão objetiva e outra subjetiva. Ambas, juntamente, constituem o vivido. A dimensão imaterial, no entanto, é aquela que dá o componente conotativo que acaba sendo, igualmente, parte inseparável da dimensão concreta (ALMEIDA, 2010).

No transcurso do processo de renovação da geografia, é comum, tanto o seu caráter de ruptura com os padrões anteriores (GOMES, 2007), quanto as tentativas de reconciliação de posições polarizadas (ALMEIDA, 2010). Conforme aponta Claval (2007), os geógrafos materialistas interessam-se pelas estruturas espaciais e os geógrafos humanistas pelas iniciativas e pelas ações individuais e coletivas. Para Claval, a integração cada vez maior entre as dimensões subjetivas e objetivas do lugar é um exemplo de análise na via intermediária entre duas abordagens: o espacial e o existencial; o urbanismo e o humanismo; o material e o imaterial etc.

Por sua vez, Antonello (2010), buscando uma síntese entre as dimensões objetiva e subjetiva, aponta ser no lugar que se ancoram as experiências vividas. A autora assevera ainda que a geografia deve procurar a superação dos limites impostos pela divisão do trabalho científico, buscando trilhar um caminho que leve à pluralidade de focos

de análise, a fim de compreender a complexa realidade que nos cerca (ANTONELLO, 2010).

Com efeito, Haesbaert (2005), outro geógrafo defensor da indissociabilidade entre os aspectos objetivo e subjetivo proclama em suas pesquisas que a territorialidade surge como fruto do entrelaçamento entre as diferentes dimensões da realidade. O autor alerta que é justamente por fazer uma separação rígida entre território como dominação (material) e território como apropriação (simbólica) que muitos ignoram a complexidade e a riqueza da multiterritorialidade em que estamos envolvidos (HAESBAERT, 2005).

Na concepção de Bastos (1998), o real não se constitui apenas do universo material, mas também dos significados oriundos da relação dos indivíduos com o seu mundo vivido. Para a pesquisadora, na apreensão do espaço geográfico há uma dimensão concreta (produção do espaço material) e uma dimensão simbólica (as representações). Essas duas dimensões da realidade interagem entre si em uma relação simbiótica (sujeito-objeto) e inseparável. Nesse sentido, espaços e lugares podem ser representados segundo um imaginário em que não se deve negar sua materialidade. Nessa trilha, não se justifica separar a subjetividade do pesquisador ao interpretar o lugar estudado, uma vez que o mesmo se apresenta de uma forma tal que o concreto e o abstrato são partes inseparáveis de uma mesma realidade. No dinâmico universo vivido onde o homem é o ator geográfico e o lugar o seu nicho de pertencimentos e memórias coletivas, há uma imbricação entre o material e o simbólico, entre o

espacial e o existencial, entre o objetivo e o subjetivo (BASTOS, 1998).

Assim como os supramencionados pesquisadores, Cosgrove (2003) apregoa uma geografia em que as dimensões objetiva e subjetiva da realidade sejam consideradas. Para o citado geógrafo, os seres humanos promovem as transformações espaciais com sua realidade sensorial e material. Nesse sentido, toda atividade humana é material e simbólica ao mesmo tempo. Apesar de ser constituído simbolicamente, o mundo vivido é material e não deve negar sua objetividade (COSGROVE, 2003). As experiências vividas e as demais vivências subjetivas dos indivíduos e grupos sociais ocorrem em um contexto e não devem ser vistas como independentes da materialidade (CORRÊA, 2003).

Segundo Geertz (2013), na antropologia – igualmente – há um debate interminável sobre se a cultura é subjetiva ou objetiva. Para o autor, a cultura deve ser entendida como um sistema entrelaçado de signos interpretáveis (símbolos), como um contexto onde as representações e o conteúdo substantivo encontram-se interligados. Em relação a esta complicação desnecessária, relacionada ao dualismo entre o concreto e o simbólico, Geertz salienta que tem procurado resistir ao subjetivismo desmedido e tentado manter a análise das formas simbólicas considerando ambas as dimensões da realidade (GEERTZ, 2013).

Afinado com os pesquisadores citados nesta seção (CORRÊA, 2003; COSGROVE, 2003; BASTOS, 1998; HAESBAERT, 2005; ANTONELLO, 2010; ALMEIDA, 2010; CLAVAL, 2007; WRIGTH, 1947;

LOWENTHAL, 1982; GEERTZ, 2013) creio ser possível uma abordagem multidimensional nos estudos geográficos, onde – de igual modo – as diferentes facetas do universo vivido sejam consideradas. Não foi na brecha deixada pelo objetivismo exacerbado e pela consequente negligência aos valores subjetivos dos indivíduos e grupos sociais, atrelado aos paradigmas positivistas e neopositivistas, que o humanismo em geografia emergiu?

Na minha concepção, o resultado do divórcio entre as dimensões objetivas e subjetivas seria a construção de uma geografia que não comunga com os anseios de uma ciência que nasceu com a ambição de descortinar o mundo em sua totalidade e diversidade (SILVA, 1988; CLAVAL, 2007; MARANDOLA JR, 2012).

Nos tópicos seguintes, nos debruçaremos sobre alguns conceitos e temas que podem contribuir para abordagens que privilegiem o lugar em suas múltiplas dimensões, a começar por um dos principais temas desta pesquisa.

2.1 Sobre as memórias dos lugares

Como temos defendido nesta pesquisa, aos lugares são atribuídas muitas dimensões de significado (BUTTIMER, 2015). Um dos caminhos apontados por diferentes autores a fim de explorar o dinâmico e multifacetado universo vivido seria por meio do vislumbre dos acervos íntimos e particulares de seus vivenciadores. Todavia,

como toda experiência vivida remonta, inexoravelmente, ao passado, se quisermos seguir este percurso, precisaremos recorrer ao subsídio das memórias individuais e coletivas dos indivíduos e grupos sociais (LOWENTHAL, 1982; 1985; 1998; ABREU, 1998; MELLO, 2002; HALBWACHS, 2013; BUTTIMER, 2015).

Por mais que uma localidade se transforme, em decorrência de uma marcha urbanizadora, por exemplo, ela sempre conservará um conteúdo residual de temporalidades pretéritas. Há, porém, uma gama de acontecimentos que não deixam vestígios físicos. Estes, muitas vezes, ficam registrados na memória dos indivíduos que acompanham tais mudanças. O que pensamos e sentimos em relação às nossas geografias se fundamenta, obviamente, em experiências vivenciadas em algum lugar do passado. A partir deste enlace, tudo o que ocorre em nosso chão experienciado, passa a compor nossa própria existência (LOWENTHAL, 1998). A vida cotidiana tem o lugar como base, sendo o resultado de todos os nossos momentos, o somatório de nossas memórias e o produto e junção de todas as nossas experiências vividas (MENDILOW, 1960).

Possuído pelo passado, Lowenthal admite viver em um emaranhado de épocas. Para o referido pensador, o passado reside em nós por meio de nossas memórias e lembranças de diferentes momentos (LOWENTHAL, 1985; 1998). Por povoar os pensamentos dos seres humanos, o passado está vivo em nossa memória (HIGHET, 1949). Na verdade, os cenários e experiências vislumbrados e vivenciados tornam-se parte de nossa lembrança (BUTTERFIELD, 1965).

“Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência de acontecimentos anteriores, distinguimos ontem e hoje, e confirmamos que já vivemos um passado” (LOWENTHAL, 1998, p.75). A memória possui caráter pessoal e coletivo ao mesmo tempo. As lembranças dos indivíduos e grupos sociais sustentam seu sentido de identidade em relação ao seu chão experienciado. Nossa vida está impregnada por nossas memórias. A todo instante, trazemos de volta algum acontecimento do passado (LOWENTHAL, 1998).

As lembranças tendem a acumular-se com a idade. Nosso estoque de recordações aumenta à medida que a vida transcorre e as experiências multiplicam-se. Embora haja lembranças individuais e coletivas, a memória é sempre pessoal. As recordações deixam de ser pessoais apenas quando decidimos compartilhá-las (LOWENTHAL, 1998). A memória do lugar está inscrita, não apenas em alguns artefatos do passado que persistem em sua paisagem como testemunhos geográficos, mas – principalmente – nas lembranças das experiências vividas por homens e mulheres em seu universo vivido. Neste quadro, “o lugar transcende a materialidade, ainda que não dissociado desta, pois as lembranças espaciais eternizam-se em nossas memórias” (MELLO, 2002, p. 63).

2.2 **Espacialidades e temporalidades**

Diante de um dado da realidade ou de uma informação sobre um acontecimento qualquer, duas perguntas são inevitáveis: quando ocorreu? Em que lugar? Esses questionamentos se devem ao fato de todo evento incidir sobre espacialidades determinadas e em temporalidades específicas (SANTOS, 2002). Pensar o lugar como compósito de espacialidades e temporalidades remete ao reconhecimento de sua dinâmica gerando e envolvendo formas, funções, conteúdos (ABREU, 2003) e significados (TUAN, 2013) inseridos em múltiplos níveis de investigação.

Durante um longo período, a geografia privilegiou a análise espacial sem conferir a devida atenção ao tempo (SALGUEIRO, 2003). Hodiernamente, no entanto, há de se valorizar as dimensões espacial e temporal (ABREU, 2003). As categorias espacialidade e temporalidade nos conduz, obviamente, a indagações sobre o espaço e o tempo (GEIGER, 2003). Todavia, a espacialidade ultrapassa a rigidez associada ao espaço como mero palco dos acontecimentos, representando uma vantagem na abordagem da espacialização de um fenômeno dinâmico como a urbanização, por exemplo. De modo semelhante, podemos falar de temporalidade referindo-nos aos distintos períodos (SALGUEIRO, 2003; FERNANDES, 2010). Nas abordagens geográficas não basta desvendar as múltiplas dimensões da espacialidade contemporânea. Faz-se necessário investigar – igualmente – as temporalidades pretéritas responsáveis pelas

heranças já configuradas. Este é o caminho que o geógrafo deve trilhar, se almeja uma geografia genuinamente comprometida com a espacialidade (ABREU, 1997).

Espaço e tempo são categorias básicas da existência humana (HARVEY, 1992), uma vez que os mesmos coadunam diferentes temporalidades. Nas abordagens, torna-se indispensável introduzir temporalidade no espacial. Nessa leitura, espaço e tempo não são redutíveis um ao outro. São termos distintos, porém complementares (MASSEY, 2008).

As ações da natureza e do ser humano estão inscritas no espaço (espacialidade) e no tempo (temporalidade). Os fenômenos derivados das influências de ordem natural, social e existencial espraiam-se, localizam-se nos espaços e lugares por meio de seus limites e dimensões. Por meio dessas ações no espaço e no tempo, surgem os diferentes lugares. As espacialidades, bem como as temporalidades, emergem a partir da diferenciação da ação da natureza e do ser humano sobre a superfície terrestre (CORRÊA, 2011).

Nas palavras de Cosgrove (2004, p.110), “acima de tudo, é essencial uma sensibilidade histórica e contextual por parte do geógrafo. Devemos resistir à tentação de deslocar a paisagem de seu contexto de tempo e espaço”.

As dimensões espacial e temporal do vivido sempre estiveram no âmago da perspectiva humanística em geografia. Tanto Lowenthal (1982; 1985; 1998) quanto Tuan (1980; 1983; 2011; 2013) – pesquisadores apontados por Holzer (1992, p. 489) como “os pais incontestáveis da geografia humanística” – privilegiaram as citadas

categorias nos estudos que fundamentaram a aludida corrente do pensamento geográfico. No parecer de Lowenthal (1982), o tempo exerce uma forte influência sobre nossas perspectivas individuais em relação aos nossos universos particulares. Para o citado pensador, “cada mundo particular teve uma carreira no tempo, uma história própria” (p.138), nesta direção, “toda história pessoal resulta de um meio ambiente particular” (p.139). A relação que nutrimos para com nosso universo vivido é construída a partir de nossa experiência vivida, e isso demanda tempo. Lowenthal conclui sua elaboração mental salientando que “todos os tipos de experiências (...), vêm juntos compor o nosso quadro individual da realidade” (p.141). No transcurso do tempo, “como artistas”, podemos criar e/ou organizar espaços e lugares (LOWENTHAL, 1982, p.141).

Tuan (1980; 1983; 2011; 2013), igualmente, delega indiscutível relevância às dimensões espacial e temporal, elevando-as ao patamar de “arcabouço” do humanismo em geografia (TUAN, 2011, p.8). Em sua concepção, Tuan salienta que, “na imaginação é fácil tratar espaço” e “tempo separadamente”. “Na experiência vivida”, entretanto, “eles estão indissoluvelmente ligados” (TUAN, 2011, p.8). “O movimento exige tempo e ocorre no espaço” (p. 15). “Quanto mais tempo permanecemos em uma localidade melhor a conhecemos e mais profundamente significativa se tornará para nós” (p. 17). Para Tuan (2011, p. 18), espaço e tempo “são categorias sobrepostas da experiência humana. Se não forem consideradas em conjunto, o mundo dos geógrafos conservará um ar de irreabilidade, abstraindo-se da vida como é vivida”.

O tempo está implícito em todos os espaços e lugares. Todos nós temos um sentido de espaço e de tempo. “A facilidade com que confundimos as categorias espacial e temporal é evidente na linguagem”. “Frequentemente o comprimento é dado em unidades de tempo” e “a passagem do tempo” é descrita como comprimento. “O tempo ainda é volume”: os grandes momentos da vida (TUAN, 2013, p.147). “O espaço é histórico”. Nesse sentido, “espaço e tempo sempre estiveram estruturados de acordo com os sentimentos e necessidades humanas individuais” (TUAN, 2013, p. 152-153). “O espaço tem significado temporal”, tanto “nas reflexões do poeta”, quanto “ao nível das experiências pessoais do dia a dia” (TUAN, 2013, p. 156). “O espaço e o tempo coexistem, se entremesclam e cada um deles é definido de acordo com a experiência pessoal” (TUAN, 2013, p.161). “Tudo o que somos devemos ao passado. O presente também tem valor, é nossa realidade experiencial” (TUAN, 2013, p.239).

Em suas reflexões em busca de uma geografia que não se limita aos rigores científicos e acadêmicos, Wright (1947) indica a necessidade de que os geógrafos se ocupem tanto com os estudos da espacialidade quanto da geograficidade. Esta última, entendida como envolvimento profundo dos indivíduos e grupos sociais com o seu universo vivido, sendo esta a espacialidade íntima de cada ser humano. Nessa senda, tanto a espacialidade (características e dinâmicas dos lugares) quanto a geograficidade (experiências, vivências, significados e simbolismos) estão ligados à nossa existência. Por esse motivo, vale repetir, não se deve negligenciar a

ambivalência e complementaridade desses dados essenciais da realidade (WRIGHT, 1947; DARDEL, 2011).

2.3 Polivocalidade: as múltiplas interpretações do universo vivido

Não há como ignorar os laços sutis e complexos que unem o ser humano ao seu lugar. O simbólico e as demais conotações subjetivas estão presentes na prática de interpretar e analisar os espaços e lugares em seus significados. O ser humano é um geógrafo informal (LOWENTHAL, 1982) e o lugar o seu mundo vivido no qual as relações se mesclam em um emaranhado de laços, vivências e embates, onde estão presentes os sentimentos pessoais, as memórias coletivas e os símbolos. A partir desse ponto de vista, podemos entender o lugar como um reservatório de símbolos a ser interpretado, tanto por indivíduos comuns como, conseqüentemente, por geógrafos. O lugar, como abrigo humanizado, permite – com isso – múltiplas leituras concernentes a diferentes manifestações que expressam tantas interpretações quantas forem os significados subjetivos e intersubjetivos.

Os lugares dos seres humanos são compostos de várias camadas de significados. Estes múltiplos patamares fazem do universo vivido um lugar simbólico exposto à interpretação. Por esse prisma, a “geografia está em toda parte” (COSGROVE, 2004, p. 96) e

cada indivíduo, por pensar e buscar entender seu mundo vivido torna-se um geógrafo informal (COSGROVE, 2004; LOWENTHAL, 1982), apto a interpretar seu universo particular.

Na concepção de Lowenthal (1982, p. 105) “qualquer pessoa que examine o mundo ao redor de si é, de algum modo, um geógrafo”. Para o citado pensador, os especialistas deste saber precisam considerar que há outras pessoas decodificando o mundo sob diferentes olhares e que a visão do universo vivido não deve ser obtida apenas sob uma perspectiva. Cada concepção do mundo é única não havendo possibilidade de (LOWENTHAL, 1982; CORRÊA, 2007). Neste ritmo, um dos motivos para que tais diferenciações acerca do vivido sejam únicas, diz respeito ao fato de toda informação ser inspirada e editada pelo sentimento dos indivíduos por seu lugar (LOWENTHAL, 1982). Estes são acumulação ou somatório imensamente rico sobre os indivíduos e grupos sociais.

Segundo Geertz (2013), o homem está amarrado a teias de significados por ele tecidas. A fim de decodificá-los, as leis científicas devem ceder lugar a filosofias interpretativas que deem conta de traduzir uma gama de expressões inerente a toda atividade humana, ao mesmo tempo, material e simbólica (COSGROVE, 2003; GEERTZ, 2013).

Baseado em Hall (1997), Corrêa (2007, p.5) assevera que “os símbolos são abertos a diferentes interpretações, calcadas cada uma na experiência, valores, crenças, mitos e utopias do grupo social que o interpreta”. Os significados atrelados aos símbolos variam de pessoa para pessoa. Essa condição promove a polivocalidade, isto é, as

diversas interpretações a respeito do mesmo símbolo. A polivocalidade torna-se uma espécie de antídoto a um significado imposto, único ou unilateral (CORRÊA, 2007).

A revelação sobre a ocorrência de múltiplas camadas de significado atrelada às relações humanas (GEERTZ, 2013), bem como no que concerne à sua sobreposição, por muito tempo foi negligenciada (PANOFSKY, 2004), apontando para uma necessidade premente: abordagens que privilegiem o elemento humano em sua multiplicidade, uma vez que o lugar é multidimensional.

2.4 **O lugar em sua multidimensionalidade**

Segundo Relph (2012), o lugar faz parte da preocupação dos filósofos desde a antiguidade clássica. Platão considerava-o como “o alimento do ser, enquanto outros o aproximavam de um sentido geográfico como o contexto em que os seres estão reunidos juntos” (RELPH, 2012, p. 18). A partir do século XVII, no entanto, a concepção cartesiana de espaço, como dimensão mensurável, excluiu o lugar da filosofia e das ciências. Somente no século XX, filósofos fenomenologistas – “especialmente Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty” (RELPH, 2012, p. 18) – identificaram as profundas inadequações da lógica cartesiana. Na concepção desses pensadores, o positivismo promove a incisão da filosofia, ao deixar de fora os sentimentos, emoções, experiências dos seres humanos. A

ciência positiva, ao reduzir espaços e lugares a uma única dimensão (material), promovia uma geografia deficiente (RELPH, 2012).

A supracitada indiferença à dimensão subjetiva da existência humana é, segundo Relph (2012), uma das possíveis motivações para o recente interesse pelo lugar. No entanto, o citado geógrafo não deixa de salientar que o conceito em questão possui múltiplas dimensões. Para Relph, além de reunir as qualidades, experiências e significados de nossa vivência, o lugar possui outros aspectos subjetivos (espírito, sentido, enraizamento, interioridade...) e também objetivos (localização, fisionomia, construções...). A essência do lugar pressupõe a observância de sua multidimensionalidade (RELPH, 2012).

Em seu debate sobre as dimensões significativas do lugar, Livia de Oliveira (2012, p.12) aponta que “todo lugar adquire identidade mediante suas diversas dimensões espaciais: localização, direção, orientação, relação, território, espacialidade e outras”. No texto em questão, a professora Oliveira busca uma junção entre as dimensões física, experiencial e simbólica a fim de sustentar as diferentes esferas ou camadas de significados “que coadunam para a constituição do lugar” (MARANDOLA JR, 2012, p. 15).

Em suas laboriosas reflexões sobre lugar e sujeito, Berdoulay e Entrikin (2012) concordam que o sentimento intenso de pertencimento, que cria uma fusão entre o indivíduo e seu mundo vivido, pode ser promovido por elementos mensuráveis ou por relações existenciais efêmeras que compõem nossa vida cotidiana. Para os pensadores mencionados, ao promover modificações em seu lugar, os seres

humanos transformam a Terra em seu mundo. Essas mudanças, por sua vez, afetam, igualmente, os indivíduos e grupos sociais em sua vida de relações. Nesse sentido, o sujeito (ser humano) e o lugar (realidade objetiva e subjetiva) formam um todo inseparável (BERDOULAY E ENTRIKIN, 2012).

O lugar – universo vivido, por excelência – vai além da objetividade geográfica que ignora as sutilezas responsáveis por seus aspectos valorativos (GALLAIS, 2002; FERNANDES, 2010). O vivido carrega consigo, igualmente, uma dimensão mais rica em aspectos subjetivos e existenciais. Trata-se de uma esfera de reconhecimento e familiaridade pertinente à vida cotidiana, onde sua significação aprofunda seu papel (geo)simbólico (BONNEMAISON, 2002).

Nas palavras de Dardel (2011), a geografia, obra do homem, exhibe um espaço construído e possui significado. Estas construções exaltam o homem entrelaçando seus costumes, hábitos, condutas, ideias e sentimentos em seu meio e horizonte. As distintas construções diferem em qualidade e significado. Dentre os elementos mais importantes do espaço construído está o habitat do homem, o seu lar, carregado de valores existenciais e simbólicos (SCHUTZ, 1979; TUAN, 2013; DARDEL, 2011). O lugar é a síntese entre o homem e a Terra em sua subjetividade, valores e significados. Esta geograficidade representa, segundo Dardel (2011), “a natureza da realidade geográfica”.

Apesar de sua multiplicidade, o lugar é singular. Como sujeitos, os seres humanos constroem lugares de pertencimento e identidade e são, ao mesmo tempo, moldados por tais lugares. Esta troca sujeito x

objeto, entre os indivíduos e seus lugares (elementos inseparáveis), “constroem obstáculos à tendência pós-moderna e metropolitana de ver cada lugar como o resumo de todos os outros” (BERDOULAY E ENTRINKIN, 2012, p.112).

O lugar possui diversas dimensões (DARDEL, 2011), representando a base da existência humana e centro de significação, postulação esta sugerida por Entrikin (1980). Nas reflexões de Bachelard (2008), o lugar carrega a essência da noção de casa e topo(grafia) de nosso ser íntimo. Em outra corrente do pensamento, encontramos em Santos (2002) a seguinte formulação para o lugar: depositário obrigatório do evento e teatro insubstituível das paixões humanas. Neste contexto, torna-se base da reprodução da vida e produto das relações humanas de acordo com Carlos (1996). Ao lado disso, o lugar nas palavras de Armando Corrêa da Silva ganha propriedade de dimensão espacial em sua inteireza e totalidade do que se poderia supor ser a realidade (SILVA, 1988). Segundo os cânones da humanística perspectiva, o espaço dotado de valor e significado emerge ao patamar de lugar ou lar (TUAN, 2013). Por meio da leitura de suas múltiplas definições, o lugar pode ser considerado um universo vivido, não apenas em sua concretude e objetividade, mas com todas as parciaisidades da imaginação humana (BACHELARD, 2008).

Em sua multidimensionalidade, o lugar é um ente híbrido composto por materialidade, simbolismo, espacialidades, temporalidades e pela existencial maneira de vivenciá-lo. Conciliar e decodificar esta multiplicidade representa a natureza da geografia

(DARDEL, 2011), cuja tarefa me proponho a desenvolver ao longo desta tese.

Os indivíduos e grupos sociais, vale repetir, não são distintos de seus lugares vividos, em meio à indissociabilidade fenomenológica entre sujeito objeto, uma vez que cada pessoa possui uma geografia individual, sendo assim uma espécie de geógrafo informal. Neste particular, nossa meta é decodificar as experiências vividas dos guaratibanos, tecidas ao longo do tempo em sua base territorial comum, em uma tentativa de abordar as transformações espaciais / existenciais em Ilha de Guaratiba (BUTTIMER, 1982; LOWENTHAL, 1982; COSGROVE, 2004; FERNANDES; 2010; 2014 a).

Por meio de entrevistas informais por nós efetivadas, os moradores de Ilha de Guaratiba expuseram nos relatos captados seus enfoques acerca das mudanças vigentes em seus universos pesquisados, além das metamorfoses existenciais que esse fenômeno provocou. São esses relatos os alicerces que utilizaremos na abordagem do processo de transformações espaciais em Ilha de Guaratiba, onde por meio de sua leitura e interpretação, buscaremos elucidar a complexa dinâmica espacial e existencial da localidade, uma vez que o conceito de lugar aqui empreendido aglutina – indissociavelmente – forma-conteúdo, objeto-sujeito, presença-existência, passado-presente, os guaratibanos e seu chão experienciado.

Partindo desta breve exposição temática e/ou conceitual, pretendemos utilizar a fenomenologia e a hermenêutica almejando descortinar as geografias de outrora e contemporâneas do referido

lugar. As lembranças, as memórias, enfim, as experiências vividas e compartilhadas pelos moradores de Ilha de Guaratiba – expostas por meio de relatos verbais – nos nortearão na abordagem a seguir.

SEGUNDA PARTE: PESQUISA OPERACIONAL

A parteira que me ajudou a nascer deve ter enterrado meu umbigo nesse pedaço de chão. Talvez isso explique o fato de estar tão entranhado a este lugar (Evanir de Souza – morador de Ilha de Guaratiba).

PARTE II UMA ILHA DE MEMORÁVEIS GEOGRAFIAS

Como traço comum, os indivíduos são exímios conhecedores do dinamismo de seu universo vivido (BUTTNER, 1982; 2015), sendo, portanto, aptos a revelar com mais propriedade as nuances de seus domínios afetivos e de frequência. Neste âmbito, recorrem às suas geográficas memórias, uma vez que suas experiências vividas, indubitavelmente, remetem às suas vivências pretéritas. Para compartilhar algo relacionado ao seu lugar ou trazer experiências de outrora nele vivenciadas, mulheres e homens recorrem às suas memórias mesclando-as com o presente vivido.

No que diz respeito a relação entre o conceito geográfico de lugar e as memórias de seus moradores, consideremos o parecer do geógrafo humanístico João Baptista Ferreira de Mello, segundo o qual

o conceito lugar, tradicionalmente explorado pelo saber geográfico, confunde-se com a trajetória do aporte humanístico assumindo, no âmbito desse horizonte, o sentido de lar, por ser pleno de experiências e desenvoltura, ao mesmo tempo, uma pausa de estabilidade e bem-estar, além de morada acolhedora e introjetado campo de movimento e pertencimento a ser defendido. Estes princípios foram apreendidos e adaptados da filosofia fenomenológica e a partir do dinamismo do mundo vivido, um todo inseparável composto de pessoas, base territorial, pertences, eventos, conhecidos e toda sorte de elementos que permitem ao indivíduo sentir-se em casa (...). Neste turbilhão de permanências, entendimento, trocas, ações, conflitos, sonhos, delírios e afetividade, nossas geografias perpetuam-se, porquanto o lugar transcende a materialidade, ainda que não dissociado desta, pois as lembranças espaciais eternizam-se e em nossas memórias (...). A geografia humana está preocupada com a organização do espaço. Os geógrafos da ala humanística não negam tal perspectiva, retrabalhando o conceito de lugar a partir das experiências vividas, do sentimento e do entendimento dos

indivíduos e grupos sociais, apontando a sua multidimensão e as diversas vias para sua compreensão (MELLO, 2002, p. 63).

Como aponta Mello na citação acima, a noção fenomenológica de lugar que embasa o pensamento humanístico considera o indivíduo e sua base territorial partes inseparáveis. Os lugares, como sabemos, são resultantes de temporalidades e espacialidades distintas. Para alcançar um melhor entendimento do lugar ou restaurar lugares do passado, o geógrafo, muitas vezes, recorre a lembranças e memórias do passado do lugar. Estas memórias podem estar inseridas por meio de um monumento ou um artefato qualquer. Por outro lado, o passado dos lugares ou os lugares do passado podem estar ainda presentes nas lembranças e memórias dos indivíduos e grupos sociais que têm seus lugares como suporte para suas experiências vividas.

Em outra linha do pensamento geográfico, o professor Maurício de Almeida Abreu (1998, p. 82), define o termo memória como a “capacidade de armazenagem e conservação de informações”, sendo “um elemento essencial da identidade de um lugar”. Por congregar distintas memórias individuais, a memória de um lugar torna-se uma memória coletiva. Nesse sentido, a subjetividade introjetada na memória individual, pode convergir para a intersubjetividade, uma vez que as distintas lembranças podem confluir para a efetivação de uma memória compartilhada. Podemos evidenciar, então, a premissa de que a memória individual dos moradores de um bairro, por exemplo, pode contribuir para o resgate de suas geografias memoráveis ou de suas memórias geográficas (LOWENTHAL, 1982; 1998; ABREU, 1998).

Prossigamos apreciando o pressuposto de que a geografia está em toda parte e de que cada indivíduo pode ser considerado um geógrafo informal, apto para discernir o multifacetado universo por ele vivenciado (LOWENTHAL, 1982; COSGROVE, 2004). Partindo desta premissa, por meio dos registros contidos na memória geográfica deste indivíduo, é possível caminhar pelas veredas de suas lembranças e descortinar geografias de distintas temporalidades, bem como espacialidades pretéritas e artefatos que se perderam na voragem do tempo, espacialmente falando, mas permanecem vivas e pulsantes na memória dos seres humanos que experimentaram esses momentos. “A importância desse resgate para a identidade de um lugar é inquestionável”. No bojo de um país que costuma negligenciar seu passado, as “histórias (e as geografias) orais”, bem como as “memórias de velhos” (e de adultos e jovens, igualmente), estão em processo de difusão no Brasil (BOSI, 2003; ABREU, 1998, p. 83).

As experiências vividas pelos indivíduos de uma localidade originam memórias que, mesmo sendo muito distintas umas das outras, têm em comum a aderência a um mesmo lugar. Perseguindo a necessária recuperação do “tempo no lugar”, ou “o conjunto de temporalidades” (ABREU, 1998, p. 94) que torna possível o descortinar de suas geografias pretéritas e hodierna (FERNANDES, 2010), buscamos elucidar as ideias relacionadas à construção de uma geografia fundada na memória. Afinal, “é impossível tratar do empírico sem que cheguemos a ele com uma bagagem teórica prévia” (ABREU, 1998, p. 88). Destas elucubrações para outras, tendo percorrido o caminho até aqui com o propósito de embasar filosoficamente nossa

abordagem, considerando os relatos verbais dos moradores de Ilha de Guratiba, partiremos agora para o exercício concernente à fusão relatos x filosofia. À luz do pensamento humanístico, que não distingue o indivíduo de seu lugar, utilizaremos, a seguir, o subsídio da memória geográfica dos guaratibanos a fim de descortinar uma Ilha de memoráveis geografias.

3 A ESCALA INVESTIGATIVA DE UM BAIRRO AFETIVAMENTE RECORTADO

Ilha de Guaratiba é um lugar que pode ser utilizado como exemplo para traduzir o processo de expansão da cidade. Na década de 1970, o lugar caracterizado como um dos últimos remanescentes rurais do Rio – produtor de frutas, verduras e legumes – constituindo a franja periurbana, por excelência, era reduto de famílias tradicionais de agricultores e feirantes, bem como trabalhadores comuns. A partir deste período, entretanto, o local notadamente bucólico, da mesma forma, passou a ser frequentado esporadicamente por proprietários de residências secundárias. Ao ultrapassar tal quadro, o lugar sofre um constante processo de valorização fundiária/imobiliária, na medida em que abriga um aumento considerável em sua população residente (FERNANDES, 2014 b). A decadência da produção agrícola transformou Ilha de Guaratiba em uma área de notória cobiça imobiliária evidenciada pelos condomínios residenciais surgidos depois de 1990. Vale salientar que os novos residentes, em sua maioria, migraram de bairros da Zona Sul e outras localidades como Recreio, Tijuca e Jacarepaguá em busca de um contato mais próximo com a natureza (FERNANDES, 2010; DIAS, 2011; LESSA, 2001).

Para entender este quadro de metamorfoses em Ilha de Guaratiba, sublinhemos alguns aspectos da evolução da urbe carioca. Na verdade, desde os primeiros séculos de colonização, os aterros contribuíram para a expansão urbana do Rio. Com o crescimento da

cidade, o homem venceu elevações promovendo a perfuração de túneis, tais como o Rua Alice/Barão de Petrópolis, em 1887, e o chamado Túnel Velho, em 1892, conectando Botafogo a Copacabana. Mais recentemente, a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes ganharam expressão em meio ao espraiamento do tecido urbano carioca (CARVALHO, 2004), por conta de amenidades como praia entre outros atributos.

Na atual corrida para o oeste, a aludida marcha urbanizadora continua incorporando novas áreas ao seu valorizado espaço. Neste sentido, com vistas às Olimpíadas de 2016, o Túnel da Grota Funda, inaugurado em 2012, parte do corredor Transoeste, integra Ilha de Guaratiba, definitivamente, à malha urbana carioca (FERNANDES, 2014 b).

Esta síntese representa uma parte significativa das abordagens que buscaremos decodificar ao longo da presente pesquisa, partindo sempre das memórias compartilhadas pelos moradores de Ilha de Guaratiba. Nesta seção, portanto, nossa meta consiste em apresentar os verdadeiros autores deste trabalho: os guaratibanos. O que será que os moradores de Ilha de Guaratiba pensam e sentem em relação ao seu “bairro vivido”? Bom! Deixemos as respostas por conta destes geógrafos informais.

3.1 A emblemática devoção dos coautores da pesquisa: os guaratibanos

Com o propósito de se entender um pouco mais a alma dos moradores de Ilha de Guaratiba, examinemos o relato de um guaratibano de nascimento:

O guaratibano é aquele que nasceu em Ilha de Guaratiba e aqui permaneceu. Geralmente é assim, uma vez que a maioria dos nossos moradores tem uma história no lugar, tendo acompanhado as grandes mudanças que ocorreram e as que continuam acontecendo em nossa Ilha. O Guaratibano é aquele povo que conhece todo mundo, que se identifica com os costumes locais. O verdadeiro guaratibano é aquele que vive há muito tempo por aqui e possui raízes profundas no lugar. Este é o meu caso. Eu nasci aqui e nunca me mudei deste lugar. Meus pais e avós também são guaratibanos de nascença, permanência e coração (Alex – electricista – 42 anos).

O entendimento particular do electricista Alex em relação a si mesmo e aos seus conterrâneos é ilustrativo, mas relevante no sentido de se entender quem são os moradores de Ilha de Guaratiba. Munido de uma paixão desmedida pelo lugar vivido, sua fala inicial acentua: “o guaratibano é aquele que nasceu e permaneceu em Ilha de Guaratiba”. Sua declaração pode ser analisada quando consideramos o estudo de Dias (2011). Em suas lucubrações relacionadas aos fluxos contínuos de novos residentes em direção ao local, a pesquisadora Alice Ferreira Rodrigues Dias salienta que após a chegada de novos moradores, passaram a coexistir dois grupos distintos de residentes em Ilha de Guaratiba: os “estabelecidos” –

moradores de longa descendência com histórico familiar relacionado ao trabalho agrícola – o que confere por este texto frisado em parágrafos anteriores, e os “outsiders”, sendo estes os moradores que optaram por Ilha de Guaratiba como primeira ou segunda residência (ELIAS; SCOTSON, 2000; DIAS, 2011). “Moradores de fora” e “antigos moradores” constituem uma outra distinção que Dias (2011, p. 92) estabelece entre os novos moradores e os guaratibanos de longa tradição, como é o caso da família do Alex, o electricista, este arraigado e atado ao lugar vivido por memoráveis laços topofílicos.

A respeito dos guaratibanos, observemos o que nos diz outro morador “estabelecido” no lugar:

O guaratibano tem a cara do seu lugar. Trata-se de uma gente muito tranquila. São membros de famílias tradicionais, quase todas relacionadas à agricultura familiar, que caracterizava o lugar, e ao universo das feiras-livres. O meu pai até hoje é feirante. Mas, diferentemente dos tempos de minha adolescência, quando ele mantinha uma roça de legumes nos fundos de nossa casa, hoje ele compra na CEASA tudo o que vende na feira. Geralmente o guaratibano mora em uma casa com um grande quintal ou em sítios que hoje produzem plantas ornamentais (Fábio – operador de máquinas – 38 anos).

Assim como o Alex, e podendo se utilizar o pensamento de Yi Fu Tuan com respeito à topofilia (1980; 2012), pertinente ao elo afetivo entre a pessoa e o lugar, o operador de máquinas Fábio também faz referência à longa tradição das famílias guaratibanas. Ambos salientam as raízes bem fincadas no lugar e o estado de bem-querência envolvendo a coletividade. Na verdade, as famílias de Ilha de Guaratiba estão entre as primeiras do Rio de Janeiro, segundo Carlos Rheingantz (1965). Em seu estudo genealógico, o pesquisador

em questão menciona várias tradicionais famílias guaratibanas que já residiam no lugar entre os séculos XVII e XVIII. Entre as famílias citadas estão os descendentes da família “Abreu”, homenageada com nome de rua na localidade (Estrada do Abreu) e os descendentes da família “Cubas”. Estes últimos descendem do patriarca Brás Cubas, pai de Gerônima Cubas, tendo chegado ao lugar após a constituição da antiga “sesmaria de Guaratiba”, fundada ainda em 1579, no século dezesseis.

Perante a declaração do entrevistado Fábio de que “o guaratibano tem a cara do seu lugar”, podemos sublinhar a ideia de Halbwachs (1968; 2013), uma vez que o citado pensador, igualmente, entende que “os habitantes se parecem com o bairro ou a casa. Em cada época há uma estreita relação entre as atitudes, o espírito de um grupo e os aspectos dos lugares em que este vive” (HALBWACHS, 2013, p. 88). Pensando desta forma, não é difícil entender a semelhança entre os indivíduos e seu mundo vivido. Quando o lugar sofre transformações de diversas ordens, essas alterações interferem na vida de relações de seus moradores. O contrário também é verdadeiro, uma vez que as mudanças de postura das pessoas, da mesma forma, podem metamorfosear seu chão experienciado.

O Fábio também menciona a tradicional aptidão dos moradores de Ilha de Guaratiba quando o lugar ainda era devotado à produção de alimentos. Até décadas anteriores, parcela considerável da população local era formada por agricultores que, via de regra, acumulavam também a função de feirantes. Este quadro começou a mudar quando a decadência das feiras-livres desencadeou o processo de

reestruturação produtiva no local. Mais recentemente, sob influência dos seguidores de Roberto Burle Marx, os guaratibanos tornaram-se os maiores produtores de plantas ornamentais do estado do Rio de Janeiro.

Em suma, até o final dos anos oitenta, a produção local de frutas, verduras e legumes atendia aos arredores da cidade do Rio de Janeiro. Mais a seguir, a produção de ornamentais substituiu a agricultura tradicional atendendo a nichos de mercado em todos os estados da Região Sudeste. Esta ligação com a terra, de onde o morador de Ilha de Guaratiba sempre tirou o seu sustento, firma a característica mais emblemática do guaratibano de longa tradição contribuindo para a extraordinária afeição a qual estes indivíduos devotam ao seu bairro vivido.

3.2 Ilha de Guaratiba: um bairro afetivamente recortado por seus moradores

Para os gestores municipais, Ilha de Guaratiba não possui o status de bairro da cidade do Rio de Janeiro. Mas, será que seus moradores comungam com esta ideia? Ou será que os guaratibanos consideram seu lugar um bairro? Acompanhemos o que diz o Sr. Bento acerca de seu “bairro vivido”:

Ilha de Guaratiba é o meu bairro. Nosso lugar é diferente de todos os outros da cidade. Tente achar no Rio de Janeiro um bairro que possua características semelhantes ao nosso? Até hoje eu não entendo o porquê da prefeitura não reconhecer Ilha de Guaratiba como um bairro. Quando preencho um formulário qualquer ou quando me perguntam acerca do bairro onde resido, respondo sempre que moro em Ilha de Guaratiba (Sr. Bento – feirante – 67 anos).

Como aponta o Sr. Bento nas linhas anteriores, Ilha de Guaratiba ainda não mereceu por parte do poder público uma demarcação oficial para seus limites de bairro. Assim como a Cinelândia: nome nunca oficialmente lavrado, mas consagrado nos corações e mentes e na boca do povo (www.roteirosdorio.com), Ilha de Guaratiba representa um bairro afetivamente recortado pelos guaratibanos. Um outro exemplo relacionado aos bairros eleitos e recortados afetivamente por seus moradores pode ser vislumbrado em Bandeira (1999). Em sua monografia de especialização, a geógrafa elabora um estudo sobre Mallet, nome de um bairro não-oficial da Zona Oeste do Rio de Janeiro, incorporado oficialmente aos bairros de Realengo e Magalhães Bastos. Mallet possui população predominante de classe média, sendo um bairro residencial com um vibrante comércio. Apesar de não ser reconhecido pela Prefeitura do Rio como um bairro, assim como Ilha de Guaratiba, Mallet foi alçado a tal patamar de recorte afetivo por parte de seus moradores.

A respeito da temática bairro, o geógrafo Marcelo José Lopes de Souza (1989, p. 150) entende que, cônica ou inconscientemente, as pessoas “sempre demarcam seus bairros a partir de marcos referenciais” que estabeleceram, “produzindo uma herança simbólica que passam de geração a geração”. Para Souza, os limites do bairro

podem até ser imprecisos ou variar de pessoa para pessoa. Esta variação, defende Souza (1989), não deve ser muito grande, caso contrário, dificilmente estaremos diante de um bairro, uma vez que não haverá suporte para uma identidade compartilhada por seus moradores (SOUZA, 1989; 2003).

Como vemos, o bairro geográfico não é aquele demarcado por um limite político que não considera suas especificidades físicas e humanas. Um bairro de fato é aquele reconhecido, recortado e eleito por seus moradores (SOUZA, 1989; HALLEY, 2014). “Na rolança do tempo”, contudo, como defendeu Mário Lago (1976) em seu livro, esta perspectiva sofreu grande impacto mesmo no interior da cidade do Rio de Janeiro. Um bairro como a Tijuca passou a ter limites ampliados por conta da ganância dos especuladores imobiliários e, nesta onda, singram moradores de bairros mais ou menos distantes como Praça da Bandeira, Estácio, Rio Comprido, Andaraí e, entre outros, até Vila Isabel e Grajaú. Hodiernamente, a perda dos laços de vizinhança, a renda e o medo do outro alteraram os limites dos bairros. No caso da Tijuca, status e renda carrearam para limites tênues e fluidos. Com efeito, os limites variam de órgão para órgão e de pessoa para pessoa. As paróquias estabeleceram os limites mais remotos e tradicionais no contexto da cidade por meio ou a partir das sesmarias e engenhos e suas capelas. A Prefeitura e seu IPTU utiliza uma outra divisão. Os Correios possuem uma demarcação própria dos bairros. A CEG uma outra e assim por diante.

Em prosseguimento, visualizemos, o depoimento do funcionário público Marcos Sardinha em relação ao seu lugar de moradia:

O Túnel da Grota Funda facilitou, tanto o acesso ao nosso lugar, quanto o nosso acesso aos diferentes pontos da cidade. Para mim, Ilha de Guaratiba é um bairro estratégico na Zona Oeste. Eu acredito que Ilha de Guaratiba é o ponto convergente da Zona Oeste. O nosso bairro está próximo do Recreio dos Bandeirantes, das Vargens (Vargem Grande e Vargem Pequena), da Barra da Tijuca e de Jacarepaguá – bem como de Campo Grande e adjacências. Ilha de Guaratiba está para a Zona Oeste assim como o Méier está para a Zona Norte. Neste sentido, o túnel só agrega valor ao bairro, uma vez que facilita a nossa locomoção e nos tira do nosso histórico isolamento por conta da Serra da Grota Funda que dividia a Zona Oeste em duas partes (Marcos Sardinha – 36 anos – funcionário público).

Nas palavras acima, Marcos Sardinha não só considera Ilha de Guaratiba um bairro, como eleva a localidade à condição de “ponto convergente da Zona Oeste”. A opinião do referido morador baseia-se, obviamente, na localização estratégica do lugar, estabelecido entre bairros da Zona Oeste Tradicional (Santa Cruz, Campo Grande e adjacências) – situados a oeste das elevações pertencentes ao Maciço da Pedra Branca – e os demais bairros da Zona Oeste litorânea (Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca...), posicionados a sudeste da Serra Geral de Guaratiba (TARGINO e MONTEIRO, 2000). Tudo isto conflui para estabelecer vantagens locacionais referendadas pelo morador. O túnel vem na esteira da ambição de transformar o lugar em um bairro residencial no bojo do pensado Recreio de Guaratiba, defendido desde a administração César Maia, integrando a Baixada de Guaratiba à faixa litorânea de alta renda da cidade.

abordagem do geógrafo francês Pierre Monbeig (1957), segundo o qual uma cidade é um conjunto de bairros dos quais cada um tem sua própria fisionomia, resultante da função de seus habitantes e de sua idade. Todos esses bairros, mais ou menos integrados entre si, formam a cidade. Para Monbeig, um bairro urbano tem uma feição que só a ele pertence, uma vida particular, uma alma. Influenciada por tal noção, Soares (1990, p. 105) arrola:

a noção de bairro é de origem popular, tirada da linguagem corrente. Para o habitante de uma cidade, o bairro constitui, no interior da mesma, um conjunto que tem sua própria originalidade (...). A noção popular de bairro é muito mais geográfica e rica, uma vez que se baseia em um sentimento coletivo de seus habitantes.

No zoneamento da cidade em bairros, Soares (1962; 1990) considera importante o papel das elevações, uma vez que pode separar partes da cidade, isolando-as das outras. Para a pesquisadora, essa característica física pode contribuir para que um lugar adquira individualidade de bairro. Nesta abordagem, os elementos que poderiam contribuir para a individualização de um bairro – além do relevo – seria o conteúdo social, a paisagem urbana e a função. As forças do passado e os fatores do presente, igualmente, coadunam para a constituição de um bairro. Muitas vezes, no entanto, a administração municipal não utiliza esse critério, desconsiderando bairros autenticamente eleitos por seus moradores, como é o caso de Ilha de Guaratiba.

Recorrendo, novamente, ao pesquisador Marcelo Lopes de Souza (1989), que se debruça sobre o conceito de bairro enquanto

categoria de análise, este não pode ser definido negligenciando sua individualidade e a vida de relações que o dinamiza. Neste sentido, “qualquer bairro é, simultaneamente, uma realidade objetiva e subjetiva/intersubjetiva” (SOUZA, 1989, p. 148). Em sua abordagem fenomenológica, “estas duas dimensões interpenetram-se” (SOUZA, 1989, p. 148). Como todo lugar, o bairro é vivido e experimentado por seus moradores, compondo estes (moradores e bairro), um ente inseparável (SCHUTZ, 1979; TUAN, 1980; 1983; 2012; 2013; MELLO, 1991; 2000; FERNANDES, 2010; 2014 a; HALLEY, 2014). Em sua proposta de visão holística, dialogando com o humanismo em geografia, Souza (1989, p. 149-150) pontua:

O bairro possui uma identidade intersubjetivamente aceita pelos seus moradores (...). Um olhar fenomenológico sobre a constituição dos bairros evidencia que o bairro corresponde a uma certa parcela da cidade que, por força das relações sociais, constitui para o indivíduo um espaço vivido e sentido. O reconhecimento e o sentimento em relação ao bairro, advém do fato de ser ele o lugar onde nascemos, onde se encontra a nossa casa, a casa dos nossos amigos, a praça que frequentamos (...). Esta gama de sentimentos é imprescindível para a identidade de um bairro.

Embora aponte a intersubjetividade como elemento essencial para a caracterização de um bairro, Souza (1989) não ignora sua dimensão objetiva. Para ele, é imperativo que as duas dimensões que constituem o bairro interajam no sentido de despertar nos moradores um sentimento de pertencimento ao seu bairro que o geógrafo, baseado em Tuan (1980), nomeia de bairrofilia (SOUZA, 1989, p. 151).

Sobre o lugar e o estilo de vida adotado pelos jovens guaratibanos, examinemos o relato do estudante Marcos Wesley:

As pessoas que moram em Ilha de Guaratiba acabam por adotar o estilo de vida que é comum no bairro. Como eu sou religioso, me ocupo muito com as atividades da minha igreja. Além dos cultos semanais, tenho os ensaios do grupo teatral e da banda na qual toco. Assim como eu, a maioria dos guaratibanos congrega em alguma igreja, católica ou evangélica. Além disso, gosto muito de malhar e curtir uma boa caminhada por nossas trilhas nos finais de semana (Marcos Wesley – estudante – 17 anos).

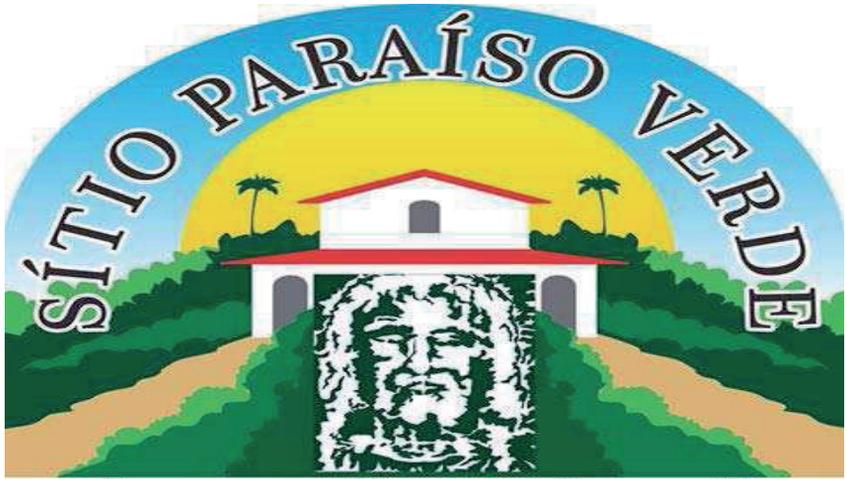
Como boa parte dos moradores de Ilha de Guaratiba, o estudante Marcos Wesley adota um estilo de vida saudável, em contato com a natureza. Para isso, ele pode contar com as três grandes academias de musculação e ginástica da localidade (Star Fit, W.M. Fitness e Ele e Ela) e, principalmente, com as estradas, trilhas e mirantes naturais que caracterizam o lugar. Quase todas as longas vias perpendiculares, à leste da Estrada da Ilha, convergem para o sopé da Serra Geral de Guaratiba, elevação pertencente ao Maciço da Pedra Branca que contorna o lugar. Caminhando pela estrada das Tachas, por exemplo, é possível contornar a parte menos íngreme da elevação em destaque, alcançando a localidade conhecida como Rio da Prata, no bairro de Campo Grande. Uma outra trilha, bem mais escarpada, pode ser realizada subindo a Estrada do Morgado. Esta pode nos conduzir diretamente ao bairro de Vargem Grande, do lado oposto da montanha.

Outra abordagem expressiva que Marcos Wesley (nome em homenagem ao fundador do metodismo, o inglês John Wesley) faz em relação ao lugar diz respeito à devoção religiosa dos guaratibanos. O

estudante cujo relato está em relevo se declara evangélico, sendo membro da Igreja Assembleia de Deus em Ilha de Guaratiba. A denominação protestante é uma das muitas que possuem templos no bairro. Entre elas estão a Igreja da Ilha de Guaratiba (Igreja Batista Monte Hermon), o Ministério Internacional Maranatha, a Comunidade Evangélica Projeto Atenda, a Comunidade Evangélica Tabernáculo Restaurado, entre outras.

Os templos católicos, igualmente, destacam-se em Ilha de Guaratiba. Além de singelas e belíssimas capelas como a dedicada ao Santo Sudário, situada no interior do sítio pertencente ao Doutor José Humberto Rezende (figura 2), membro da Academia Brasileira de Belas Artes e estudioso do Santo Sudário (FARAH, 2003), há templos como o da Igreja da Matriz de Guaratiba (figura 3), o da Igreja de São Paulo Apóstolo e o da Igreja dedicada a Santana, estrategicamente localizada no Largo da Ilha de Guaratiba.

Figura 2 – Imagem do folder publicitário do Sítio Paraíso Verde, residência secundária do Doutor José Humberto Rezende, onde encontra-se a Capela do Santo Sudário. Devido a critérios adotados pelo proprietário do sítio, as imagens da capela não podem ser divulgadas, restringindo-se às visitas dos fiéis e pesquisadores.



Capela Santo Sudário - Trilhas Ecológicas

Fonte: SÍTIO Roberto Burle Marx. Disponível em: <<http://sitioburlemarx.blogspot.com.br>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

Figura 3 - Igreja da Matriz de Guaratiba



Fonte: KORYTOWSKI. Disponível em: <<http://literaturaeriodedejaneiro.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

Sobre o fenômeno religioso e sua relação com a geografia, Rosendahl (2002) pontua que, por ser parte integrante da vida do homem, a religião nos ajuda a compreender o sentimento do ser humano em relação a certos lugares simbólicos, como locais de peregrinação e templos. Em outro estudo, a professora Zeny Rosendahl (2003, p 205) afirma que:

O conjunto de trabalhos vinculados à perspectiva humanística da geografia focaliza as ligações que as pessoas desenvolvem com lugares sagrados (...) contribuindo para o desenvolvimento de laços pessoais e de sentido de lugar. As pesquisas de Tuan (1978 e 1980) afirmam que uma ligação emocional é criada e mantida através da edificação do lugar sagrado. O processo de criação contribui para que lugares e objetos se tornem parte de nossa auto-identidade, assim como o contato repetido, a familiaridade com o lugar e a experiência compartilhada.

Na verdade, “a ancoragem dos fenômenos identitários nos lugares” (BOSSÉ, 2013, p. 226), contribui para que o ser humano, igualmente, se identifique com o lugar onde sua fé se manifesta. Não há como deixar de atribuir sentimentos valorativos ao lócus da revelação divina (TUAN, 1978; ROSENDAHL, 2002; 2003; CASSIRER, 2004).

Uma outra geografia memorável de Ilha de Guaratiba vem à tona por meio do depoimento do morador José Maria. Vejamos o que compartilha o citado jornalista:

Ilha de Guaratiba possui condições ideais para se tornar um bairro diferente, um bairro eficiente, seguindo um modismo já existente na Europa e mesmo no Brasil (Vila Madalena – São Paulo). Não podemos mais assistir inertes à destruição do bairro e da natureza como vem acontecendo em toda a cidade. Os exemplos mais recentes estão aqui do nosso lado: Barra e Recreio que possuíam uma fenomenal biodiversidade e uma excepcional beleza paisagística, com um conjunto lagunar dos mais belos do mundo, tudo arrasado pelo enorme volume de construções e a consequente destruição do meio ambiente e da qualidade de vida local. Em Ilha de Guaratiba, se os moradores continuarem acomodados, como estamos todos, o fenômeno se repetirá. Em breve estaremos todos afogados na Coca Cola, no Bobs e no Mac Donald e nos Shoppings. Vamos assistir, também, a destruição da espetacular cultura de produção de plantas ornamentais, alavancada mundialmente pelo nosso saudoso Roberto Burle Marx. Aproxima-se o momento em que o novo PEU da região será

discutido em audiências públicas com a comunidade. Faz se necessário que todos estejam mobilizados, em suas entidades representativas, discutindo e estudando as diretrizes do projeto já realizado pela Secretaria de Urbanismo da Prefeitura (José Maria – Jornalista – 70 anos).

Influenciado pelos pressupostos do movimento conhecido como “localismo”, o morador José Maria afirma acima que Ilha de Guaratiba pode se tornar um bairro auto sustentável. O localismo sugere que a vida dos moradores se volte para o próprio bairro. Nesse sentido, as pessoas devem procurar trabalhar, consumir e se divertir no lugar de moradia, aquecendo a economia local e impedindo a fuga de recursos para outros lugares (COSTA , 2013). Sobre esta tendência, Hardy (2013, p. 1) aponta que:

urbanistas de ponta, antenados com a modernidade e com as enormes mudanças provocadas pela era tecnológica sustentam que o conceito de sustentabilidade não atende mais a dinâmica das cidades nos dias de hoje. Seu uso exagerado em campanhas de marketing e em ações pontuais comprometeram a complexidade do tema. Surge agora uma nova forma de conviver com o futuro. A cidade/ bairro eficiente. Não se pode mais permitir a continuidade do crescimento urbano, das megacidades, dos bairros inchados, tão presentes em todo o mundo. Faz-se necessário um novo planejamento, em unidades menores, com adensamento populacional adequado, verde e cultura local preservada, locais bons para se viver, onde as necessidades mínimas do cidadão tais como saúde, educação, trabalho, segurança, moradia e diversão sejam atendidas sem necessidade de grandes deslocamentos. Tudo pensado para o homem e não para o automóvel.

A mobilidade, hoje um dos maiores problemas dos grandes centros, ficará facilitada evitando-se enormes gastos com transportes públicos, grandes projetos de hidrelétricas, túneis e viadutos. Estocolmo, na Suécia, e Copenhagen, na Dinamarca, apontadas como as cidades que têm a melhor qualidade de vida do planeta, são exemplos a serem seguidos com as correções adequadas a cada região, ao povo e ao mundo tecnológico. Ilha de Guaratiba, com baixa densidade demográfica, por razões históricas, com forte cultura rural e com boa qualidade de vida,

reúne as condições ideais para o início de um trabalho urbanístico destinado a criar o novo modelo de vida urbana. Aqui já possuímos boa parte das premissas necessárias. Noventa por cento dos moradores trabalham no bairro na produção de plantas ornamentais, hortaliças e frutas. O lazer é feito aqui mesmo na convivência entre os moradores, nos clubes, no campo de futebol, nas casas de festas. Já existe a cultura da bicicleta nos deslocamentos. Além de tudo isso, deve-se destacar que a cidade do Rio de Janeiro, segundo o censo do IBGE de 1970, é o município do Estado do Rio de Janeiro que tem o maior número de pessoas envolvidas com atividades agropecuárias, ganha inclusive de Campos que tem pouco mais de 9.100 pessoas na área rural, enquanto o Município do Rio de Janeiro tem 9300 trabalhadores espalhados em Santa Cruz, na produção de coco e aipim e na Ilha de Guaratiba com plantas ornamentais. Será necessário, para preservar este valioso patrimônio rural e cultural, que os poderes municipal, estadual, federal e a sociedade civil, irmanados, criem a regulamentação apropriada de ocupação e uso do solo e enriqueçam a região com equipamentos públicos tais como hospitais, escolas e bibliotecas.

Ao falar das características e atributos que, no seu entendimento, poderiam tornar Ilha de Guaratiba um “bairro eficiente”, José Maria cita, igualmente, o Projeto de Estruturação Urbana que a Associação de Produtores Rurais de Guaratiba (Rural Guaratiba) encaminhou para servir de base para o novo zoneamento que a Prefeitura do Rio pretende implementar na localidade (anexo 2). José Maria, produtor rural (de plantas), defende um PEU que privilegie a manutenção dos produtores de plantas ornamentais da localidade. Já a Associação de Moradores de Ilha de Guaratiba – AMIG – advoga um Plano Urbanístico que mantenha os atributos naturais do bairro, privilegiando a questão ambiental (anexo 3). Em meio à preocupação de produtores rurais e moradores em geral, o PEU de Guaratiba – elaborado por meio do Instituto dos Arquitetos do Brasil – foi encaminhado para a secretaria de urbanismo e pode ser aprovado a

qualquer momento (anexo 4). No contexto de uma voraz especulação imobiliária que metamorfoseia Ilha de Guaratiba em um lugar urbano, por excelência, acompanhamos o bairro, cada vez mais, “desaguando no Rio olímpico”.

4 A MARCHA URBANIZADORA EM ILHA DE GUARATIBA NO ENTENDIMENTO DE SEUS MORADORES

Para os geógrafos do horizonte humanístico torna-se relevante acentuar a existencial maneira de viver das pessoas nos lugares nos quais residem ou aqueles visitados e, neste bojo, deles extraindo experiências.

Apesar desta perspectiva, acreditamos que as metamorfoses espaciais são, igualmente, responsáveis por uma gama de acontecimentos relevantes para a aura do lugar, influenciando direta ou indiretamente seus vivenciadores.

Em relação ao prosseguimento de mudanças espaciais que ocorre em Ilha de Guaratiba há algumas décadas, verificamos, no transcurso do tempo, a eleição de símbolos de outrora e hodiernos – materiais e imateriais – estreitando ainda mais a relação do guaratibano com seu universo vivido. Quando o lugar passa por transformações, essas mudanças podem também produzir metamorfoses existenciais, modificando, outrossim, a vida de relações das pessoas em/com seu lugar. Sendo assim, pensamos: os diferentes contextos geográficos serviram de cenário para as experiências vividas no lugar. Estes não devem ser negligenciados, motivo pelo qual decidimos por sua explanação.

Nessa trilha, este capítulo aborda a marcha urbanizadora em Ilha de Guaratiba no entendimento de seus moradores – de sua gênese aos dias atuais – a começar por sua pretérita configuração rural-agrícola.

4.1 O contexto rural-agrícola de outrora

A longa construção geográfica de Ilha de Guaratiba enche de orgulho os seus moradores. O amor desmedido pelo lugar remete alguns de seus moradores à sua trajetória. Neste contexto, Tadeu Garrido sublinha:

na semana passada estava conversando com um cliente que mora em Campo Grande sobre o passado comum de nossos lugares. Nesta ocasião, ele insistia em afirmar que nossa localidade era uma ramificação de seu bairro, sendo este bem mais antigo que Ilha de Guaratiba. Bobagem! Disse para ele que o nosso lugar completou 436 anos em 2015, sendo um dos lugares mais antigos da cidade (Tadeu Garrido – advogado – 48 anos).

Como nas palavras do morador acima registradas, Ilha de Guaratiba remonta a 1579, ano em que Manuel Veloso recebeu da Coroa Portuguesa uma gleba de aproximadamente 52 Km² para fixar residência. Falamos da antiga sesmaria de Guaratiba, criada anos após a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (FRIDMAN, 1999). A citada porção espacial, entretanto, era habitada pelos índios Tupis-Guaranis, prováveis descendentes do “homem pré-

histórico de Guaratiba”, tendo este chegado à localidade há milhares de anos (MENEZES, ARAÚJO e GOES, 1998). A rotina dos indígenas só se alterou com a chegada de Manoel Velloso que, - juntamente com a esposa, Jerônima Cubas, filha de Brás Cubas, - veio morar na recém-constituída sesmaria de Guaratiba com os outros membros de sua família e, a partir de então, passou a edificar e administrar engenhos de produção de açúcar e aguardente para exportação (PINTO, 1986). No tocante às atividades de outrora, responsáveis pela prosperidade da antiga sesmaria de Guaratiba, consideremos o relato da universitária Vitória:

Estudando e procurando saber das nossas raízes a partir das conversas com meus avós, me apaixonei por um passado desconhecido. Então, fui estudar, procurar de um e de outro modo o que foi Ilha de Guaratiba e, confesso, estou muito orgulhosa com o que descobri na medida em que esta foi uma área próspera no passado. Havia nas redondezas muitas fazendas e engenhos de produção de açúcar a elas anexos. O “Alambique dos Mudinhos” – que fez parte de minha infância – no passado, foi um desses engenhos (Vitória – estudante – 22 anos).

Na segunda metade do século XVI, e no seguinte, Ilha de Guaratiba representava uma grande propriedade rural onde sobrepujavam os engenhos de açúcar, as fazendas de criação de bois e cavalos e as roças de frutas, verduras e legumes. Nessa época, sua expansão fazia-se rapidamente, graças ao trabalho árduo dos descendentes de Velloso. Ao final do século XVIII muitos engenhos multiplicavam-se, dentre eles o Engenho Novo, o Engenho de Guaratiba, o Engenho da Ilha e o Engenho do Morgado, outrora pertencente ao padre João Pereira de Cerqueira, atual alambique dos mudinhos como bem salientou a moradora Vitória. Para escoar a

produção, abriu-se caminho mangue adentro, uma vez que o Rio do Portinho precisava ser desobstruído a fim de conferir suporte a esta demanda. Em Pinto (1986) há relatos de naufrágios de alguns barcos no referido rio, quando era escoada a produção de açúcar do Engenho do Morgado. À cultura canvieira e aos engenhos de açúcar, assomaram-se, a partir do século XIX, os cafezais, cultivados nos morros de Ilha de Guaratiba (FRIDMAN, 1999).

Ao longo dos séculos, as culturas canvieira e cafeeira, bem como as demais atividades rurais supracitadas, imprimiram no lugar marcas que caracterizaram Ilha de Guaratiba até a segunda metade do século XX. A grande produção agrícola de outrora fez de Guaratiba uma das mais ricas e prósperas freguesias do Rio antigo nos séculos XVIII e XIX, até que uma grande seca, a partir de 1888, consumiu suas plantações (SANTOS, 1965; FRIDMAN, 1999). No contexto da porção periférica da cidade, até a primeira metade do século passado, Ilha de Guaratiba representava o denominado “sertão carioca”, sendo o seu ruralismo e rusticidade foco de um importante trabalho do pesquisador Magalhães Corrêa em 1936 (CORRÊA, 1936). Por residirem em um local periférico, distante da área central, muitas vezes, os moradores de Ilha de Guaratiba são alvo de brincadeiras e gozações por parte dos que residem em bairros mais conhecidos. Nesse sentido, observemos o relato a seguir:

Na época da faculdade, quando dizia que morava em Ilha de Guaratiba, as pessoas indagavam: onde fica esse lugar? Até hoje, quando falo para as pessoas do trabalho onde moro, elas ficam perplexas, como se eu morasse em outra dimensão. Meus colegas de trabalho, vez por outra, não perdem a oportunidade de fazer

piadinhas do tipo: “melhor você ir agora se não pode perder o cipó das 10” ou perguntas como: “a energia elétrica já chegou por lá?”. Eu levo tudo isso na brincadeira, mas no fundo eu sinto que eles consideram que eu moro mal. No entanto, jamais perco a oportunidade de dizer a quem quer que seja que não troco esse “fim de mundo” por lugar algum (Marquinhos – 30 anos – funcionário público).

Para muitos que ouvem falar em Ilha de Guaratiba, esta localidade não representa mais que uma área periférica distante de tudo e de todos. No entanto, como a paixão vivida não comunga com pensamentos embotados, em uma postura etnocêntrica em relação à geografia, guaratibanos como Marquinhos situam o seu lugar no centro do seu mundo. Representando uma tendência humana comum, o etnocentrismo leva as pessoas a supervalorizar o seu universo vivido, elevando-o à condição de melhor lugar do mundo. Este é o lado positivo do etnocentrismo. Esta postura, no entanto, possui – igualmente – aspectos negativos. Nesse sentido, pessoas que moram em bairros nobres da cidade tendem a discriminar os moradores de áreas que consideram menos importantes (TUAN, 1986; 2013; MELLO, 1991).

Mesmo com a denominação de “periferia distante” e representando a chamada “zona rural da cidade”, Ilha de Guaratiba – entre as décadas de 1940 e 1960 – já era considerada pelo poder público, parte da “periferia intermediária da área metropolitana” (ABREU, 2008). Em relação às temporalidades descritas neste parágrafo, vejamos o que diz uma guaratibana de longa tradição acerca do contexto geográfico pretérito de seu universo vivido:

Ilha de Guaratiba era um lugar de produção de legumes, frutas e hortaliças. Havia grandes bananais nas partes elevadas e imensos laranjais na baixada. Meu pai era um grande produtor de laranjas. Eram colhidas duas grandes remessas da fruta por ano para serem exportadas para os Estados Unidos. Quando começou a guerra, meu pai não teve mais para quem vender e a laranja deixou de ser exportada. Nessa época (década de 1940), meu pai começou a substituir parte do seu laranjal por verduras, legumes e outras culturas agrícolas (Sra. Antonieta – 86 anos – dona de casa).

Como parcela considerável dos guaratibanos de longa tradição, Dona Antonieta é filha de portugueses. Seus pais chegaram à localidade em 1925, período em que o acesso a glebas consideráveis de terra ainda era relativamente fácil devido ao vazio humano que a espacialidade de então representava. Nesse ínterim, a citricultura era praticada por boa parte dos grandes produtores agrícolas do lugar. Recém-chegado de Portugal, o pai da Sra. Antonieta não teve dúvida em se decidir pela produção de laranjas, uma vez que o grande mercado consumidor estadunidense era garantia do escoamento da grande produção. Uma das descrições que Magalhães Corrêa faz em relação à porção espacial em tela neste período é “a região dos laranjais” (CORRÊA, 1936). Qualificando ainda mais as palavras da Sra. Antonieta no que concerne o seu depoimento sobre os laranjais, consideremos livremente as elucubrações de Abreu (2008). O pesquisador frisa que a produção citrícola agiu como grande freio à onda loteadora até a primeira metade do século passado, impedindo que alguns municípios da Baixada Fluminense e bairros da Zona Oeste tradicional do Rio de Janeiro fossem atingidos pela febre imobiliária de então. Entretanto, com a eclosão do conflito mundial, as

exportações entraram em colapso, pois toda a laranja era exportada em navios frigoríficos estrangeiros que não mais aportavam no Rio de Janeiro. Ademais, a falta de armazéns frigoríficos e o transporte rodoviário deficiente das chácaras para a ferrovia conduziram ao apodrecimento das frutas nos pés, originando uma praga citrícola que dizimaria grande parte das plantações. Ao findar a guerra, com a produção não atendendo mais ao mercado interno, a exportação da laranja foi proibida, conferindo o golpe de misericórdia nos que conseguiram conservar seus laranjais durante a crise. A partir de então, os laranjais foram substituídos pelos loteamentos em municípios como Nova Iguaçu e em bairros como Campo Grande.

Essa marcha urbanizadora, no entanto, não ocorreu em Ilha de Guaratiba, uma vez que muitos de seus laranjais foram mantidos para atender a demanda interna e os demais foram substituídos por uma diversificação de culturas agrícolas que passou a caracterizar o lugar como um verdadeiro cinturão-verde – grande produtor de hortifrutigranjeiros. Ainda no tocante ao contexto rural-agrícola da Ilha de outrora, merece menção o relato a seguir:

A Ilha de antigamente, quando as pessoas ainda viviam da agricultura, era fantástica. Me lembro que, na década de 1980, uma asa-delta atravessou o maciço e caiu no meio da roça do saudoso Manoel Fonseca. No local da queda, o praticante de voo livre me testemunhou que, durante o sobrevo, uma forte rajada de vento o elevou sobre as nuvens, ficando ele completamente encoberto por alguns minutos. Quando o rapaz, finalmente, conseguiu perder altitude e retomar a visão, se deparou com uma paisagem tão diferente de sua realidade que, em suas próprias palavras, pensou ter encontrado o “elo perdido” (Jailton ou “Pipo” – 49 anos – biólogo).

A rusticidade e o ruralismo do “sertão carioca”, com seu aspecto interiorano e suas roças, já impressionavam os “outsiders” urbanos do Rio de Janeiro na década de 1930 (CORRÊA, 1936). Imaginemos esse fascínio 50 anos depois, quando a cidade já havia tomado ares de metrópole? Era surpreendente para a maioria dos cariocas que, dentro de sua própria cidade, de uma metrópole como o Rio de Janeiro, havia um lugar completamente diverso de seu mundo vivido. Um lugar caracterizado por roças e por uma vida devotada à natureza e à rusticidade campestre.

4.2 A decadência das feiras-livres e o alvorecer do paisagismo

A atividade agrícola em Ilha de Guaratiba, pontualmente esboçada no tópico anterior, estava intimamente relacionada ao universo das feiras-livres, como podemos verificar no depoimento abaixo:

A agricultura em Ilha de Guaratiba se manteve, durante décadas, graças às feiras-livres. Até a década de 1980, boa parte dos guaratibanos acumulavam duas funções: lavradores e feirantes. Quando a CEASA foi construída, houve um impacto direto na produção agrícola local. Muitos agricultores que cultivavam os produtos que comercializavam nas feiras-livres, passaram a comprar esses produtos na CEASA. Depois eclodiram os sacolões locais que afetaram diretamente as feiras-livres. A maioria das pessoas deixou de se deslocar para as feiras quando sacolões foram inaugurados em sua vizinhança. Além disso, nos sacolões os preços eram mais atrativos. Me lembro com saudosismo dos grandes feirantes e produtores da localidade: Sr. Nori, grande

produtor de bananas; Sr. Manoel Fonseca, que produzia hortaliças; Sr. Alfredo, grande produtor de chuchu e maracujá. Outro fator que contribuiu para a ruína dos lavradores de Ilha de Guaratiba foi a concorrência representada pelos grandes produtores da Região Serrana e do interior de São Paulo. Aos poucos, os produtores rurais da localidade perceberam que não havia como concorrer com os produtos que vinham de fora. Muitos deles substituíram suas roças pela produção de plantas ornamentais. Além disso, ao se tornar um centro de abastecimento que recebe produtos de vários municípios do estado, a CEASA passou a concorrer com os produtores rurais de Ilha de Guaratiba, uma vez que muitos feirantes passaram a comprar neste mercado produtos que, no contexto da cidade de Rio de Janeiro, eram encontrados apenas em Ilha de Guaratiba. Ao competir internamente com o cultivo de alimentos a partir de 1990, a produção de plantas ornamentais – por representar uma atividade bem mais lucrativa – também contribuiu para a decadência da atividade agrícola tradicional em Ilha de Guaratiba (Jocenir Pestana – mecânico – 54 anos).

Na concepção de Mascarenhas (1991, p. 1), “a feira-livre consiste em modalidade periódica de comerciantes varejistas” que expõem em estruturas versáteis suas mercadorias, utilizando para isto a via pública, dependendo, portanto, de concessão da municipalidade para temporariamente se apropriar dos logradouros (p. 12). Assim sendo,

o feirante não é proprietário da fração espacial que utiliza, ao contrário do comércio tradicional. Ele apenas adquire, em caráter provisório, o direito de usufruir daquele espaço em dias da semana e horários preestabelecidos pelo poder público, para expor determinados produtos (MACARENHAS, 1991, p. 13).

Amplamente dispersa pela cidade do Rio de Janeiro, a feira-livre vem desempenhando, ao longo do tempo, um importante papel no abastecimento urbano, sobretudo no setor alimentar (verduras, legumes, frutas e pescado). Dos bairros de elite da Zona Sul aos

subúrbios da Zona Oeste, essa reunião periódica encontra-se integrada ao cotidiano da vida social carioca. A partir da década de 1970, no entanto, uma nova modalidade de varejo entra em cena: os supermercados. Sua rápida expansão na cidade inaugura um período de forte concorrência com os tradicionais mercados periódicos, comprometendo seu desempenho e modificando radicalmente sua distribuição espacial (MASCARENHAS, 1991).

Observando o depoimento de Jocenir Pestana em relação à espacialidade pretérita de Ilha de Guaratiba, podemos constatar que a aura do lugar privilegiava a agricultura e que a maioria das terras cultiváveis era utilizada por seus proprietários – notadamente pequenos e médios produtores agrícolas – a fim de produzir frutas, verduras e legumes. Estes produtos eram comercializados, em grande parte, nas feiras-livres localizadas em bairros distintos. A agricultura local era voltada para esse comércio varejista, possibilitando aos produtores de Ilha de Guaratiba um mercado para sua produção e conferindo suporte, durante muitas décadas, a essa atividade no local.

Para Jocenir, a desestruturação do sistema agrícola que sempre caracterizou Ilha de Guaratiba ocorreu devido a uma série de eventos, dentre os quais o declínio gradativo das feiras-livres. Para o citado morador, a gênese e posterior proliferação dos sacolões pelos bairros da cidade representou um duro golpe às feiras-livres, e por extensão, aos lavradores do lugar que dependiam do dinamismo deste mercado varejista. O mecânico cita ainda que a inauguração da central de abastecimento de hortifrutigranjeiros (CEASA), no bairro de Irajá, exerceu um impacto negativo na agricultura local. Para ele, muitos

feirantes optaram por comprar diretamente na CEASA e abriram mão de suas roças. O mecânico Jocenir acrescenta ainda que, após sua inauguração (em 1974), a CEASA tornou-se uma concorrente direta dos produtores rurais de Ilha de Guaratiba em relação ao comércio atacadista.

A decadência das feiras livres, segundo Mascarenhas (1991), foi iniciada com o advento dos supermercados a partir da década de 1970. Este declínio foi agravado pela proliferação das quitandas populares (sacolões) por toda a cidade a partir de 1990 (FERNANDES, 2006), deixando a maioria dos produtores agrícolas de Ilha de Guaratiba sem mercado consumidor para seus produtos. A perda de dinamismo das feiras-livres fez com que a atividade agrícola tradicional ruísse vertiginosamente no local e forçou sua reestruturação.

Apesar das transformações promovidas pelo declínio de sua tradicional atividade agrícola, algumas marcas oriundas de outras temporalidades ainda permanecem no lugar. Exemplo disso são os agricultores que até hoje tentam resistir, persistindo com suas tradicionais plantações de verduras e legumes. Outros produtores, no entanto, passaram a produzir plantas ornamentais nas terras antes destinadas à agricultura, como bem salientou o morador Jocenir ao final de seu depoimento. Para ele, a produção de plantas ornamentais concorria internamente com a agricultura, uma vez que passou a representar uma atividade bem mais lucrativa que a produção de alimentos a partir de 1990. O relato de Jocenir nos permite desvendar parte do geográfico contexto pretérito do lugar, relacionado à agricultura e sua relação com as feiras-livres. Esse guaratibano de

longa tradição aponta, ainda, o alvorecer de novas atividades atreladas à produção de ornamentais, à jardinagem e ao paisagismo, ramificações que substituíram a produção agrícola tradicional.

A fim de entender o processo de transição da agricultura tradicional para a atividade paisagística, creio ser pertinente a observação de mais um depoimento:

Antes de substituir a produção agrícola, a partir de 1990, a atividade paisagística conviveu com a produção de alimentos por mais de 40 anos em Ilha de Guaratiba. Nas três primeiras décadas de convívio, no entanto, não houve concorrência entre as duas atividades, uma vez que nas feiras-livres ainda vigorava um dinamismo que garantia a manutenção das lavouras. No entanto, com o esvaziamento das feiras-livres a partir da década de 1980, muitas roças começaram a ser substituídas por chácaras de produção de ornamentais. Essa transição só foi possível graças a influência do saudoso Roberto Burle Marx, precursor da atividade paisagística que hoje vigora em Ilha de Guaratiba. Desde que comprou seu sítio em 1949, Burle Marx – gradativamente – foi influenciando outras pessoas a mudarem de ramo. O maior horto da localidade (o Horto Rio Verde), já se encontrava em pleno desenvolvimento de suas atividades voltadas ao paisagismo e à jardinagem em 1973. Atualmente, grande parte dos produtores agrícolas do passado (Manoel português, Max, Sr. Alfredo...) passaram a produzir plantas ornamentais em suas propriedades, uma atividade bem mais lucrativa. Até a década de 1980, Ilha de Guaratiba era considerada o grande cinturão verde da cidade, caracterizada pelas roças de verduras e legumes e por seus laranjais. Hoje, representamos o maior polo produtor de plantas da cidade, um dos maiores do estado (Luís Carlos – comerciante – 60 anos).

Segundo Luís Carlos, a influência de Burle Marx foi determinante para a transição entre os ramos agrícola e paisagístico em Ilha de Guaratiba. Morador da localidade, Burle Marx foi abatido por um câncer abdominal em junho de 1994, aos 84 anos. Ao morrer, deixou dois mil jardins projetados. Nascido em São Paulo e transferido com a

família para o Rio em 1913, cresceu em um ambiente cercado de verde no Leme, onde desde garoto ajudava sua mãe a cultivar espécies no jardim da família. Estudante de arquitetura e pintura, o futuro paisagista seguia como artista plástico, até que o vizinho Lúcio Costa, admirado com as plantas que cultivava, o convidou para fazer o paisagismo de um de seus projetos. Foi assim que, em 1932, Roberto Burle Marx assinou seu primeiro jardim – para a casa da família Schwartz – em Copacabana, conferindo fama ao jovem de 23 anos. Seu último trabalho foi um projeto para Kuala Lumpur, na Malásia, que estava em sua prancheta quando morreu, sendo concluído por sua equipe (CALSA, 1995; SÁ, 2008).

Para dar conta da grande quantidade de plantas que demandavam seus muitos jardins, em 1949, o referido paisagista adquiriu o antigo Sítio Santo Antônio da Bica que hoje abriga o Sítio Roberto Burle Marx. Foi nesta área com mais de 35 mil metros quadrados, localizada aos pés da Serra Geral de Guaratiba, onde Burle Marx passou a produzir, ambientar e colecionar centenas de espécies ornamentais. Devido às muitas amizades que fez e à grande afinidade que possuía com o lugar, além da necessidade de estar mais próximo de seu trabalho, Burle Marx mudou-se em definitivo para Guaratiba em 1973, intensificando assim sua influência sobre o local (CALSA, 1995; SÁ, 2008).

Da mesma maneira como a produção de hortifrutigranjeiros substituiu a citricultura após sua crise nos anos 1940/1950, garantindo a aptidão agrícola dos guaratibanos, a floricultura – principalmente após 1990 – vem substituindo as tradicionais roças de Ilha de

Guaratiba, como bem salientou Luís Carlos em seu depoimento. Essa transição, no entanto, só foi possível devido ao prestígio e influência de Roberto Burle Marx.

Por ser apaixonado pela natureza e pelo bucolismo de suas paisagens, Burle Marx – também pintor – escolheu Ilha de Guaratiba para viver, trabalhar e produzir suas telas, utilizando seu cenário natural como pano de fundo e inspiração. Foi assim que esse eclético artista produziu centenas de pinturas, magnetizado pela beleza cênica do lugar que escolheu como âncora e também para viver suas experiências (SÁ, 2008; TUAN, 2012; 2013).

Apesar de manter a atividade elementar da terra, a produção de ornamentais está comprometida com uma nova dinâmica que se delineia na localidade, relacionada ao mercado imobiliário. Atualmente, as plantas produzidas na localidade são destinadas à demanda crescente dos condomínios e construtoras que têm no “paisagismo fetiche” uma de suas estratégias para a transformação da terra em mercadoria imobiliária. Em Ilha de Guaratiba, no entanto, esse processo especulativo teve seu marco na década de 1970, quando os primeiros outsiders começaram a adquirir sítios e terrenos que deram origem às primeiras residências secundárias do lugar.

4.3 **As residências secundárias como embrião da marcha urbanizadora**

Outra abordagem sobre Ilha de Guaratiba está contida no relato a seguir, qual seja a gestão da especulação imobiliária fomentada a partir da década de 1970, tornando o lugar um dos mais procurados por aqueles que desejavam fugir momentaneamente da agitação metropolitana, embora nela residindo. Vejamos:

Lembro-me de algumas famílias que participavam das missas nos finais de semana na década de 1970. Nessa época, já havia muitos sítios de “veraneio” na localidade. A maioria das pessoas, no entanto, não vinha em definitivo. Eles compravam um terreno, construíam uma bela casa, e vinham para cá nas férias, feriados e finais de semana. Hoje, a maioria passou a residir permanentemente no local. As famílias dos meus vizinhos – Doutor Osvaldo, Jorge Celso, Sr. Franklin, entre outros – chegaram aqui na década de 1970. Alguns pequenos proprietários começaram a vender seus terrenos para essas pessoas que vinham de fora. No início, eles vinham para cá apenas nos finais de semana. Mas depois, todos se mudaram em definitivo para os seus respectivos sítios (Benedito ou “Dito” – funcionário do Horto Rio Verde – 50 anos).

Segundo o morador acima, os proprietários de segunda residência encontraram em Ilha de Guaratiba o que procuravam: um lugar onde os atributos naturais e a atmosfera campestre, associado ao bucolismo e a tranquilidade, possibilitasse uma eventual fuga da metrópole. Ao destoar da urbanidade inerente aos bairros nos quais residiam permanentemente, Ilha de Guaratiba passou a representar uma espécie de “Éden escapista” (TUAN, 1998) para os outsiders que tinham condições financeiras de optar por um estilo de vida voltado

para a natureza e o campo. Neste novo “meio ambiente” (TUAN, 2012), o cidadão podia se refugiar de tempos em tempos com sua família a fim de ter suas forças renovadas para o estressante labor metropolitano. Em um esforço intelectual para definir escapismo, Mello (2001), baseado em Tuan (1998) salienta que existem “diversos patamares escapistas”, dentre os quais podemos citar os paraísos naturais e/ou artificiais nos quais o ser humano busca escapar momentaneamente da dura realidade. “Quando rodeado de problemas ou em instantes infelizes, o indivíduo espairose, caminhando por outros mundos” (MELLO, 2001, p. 97). Em meio aos estresses comuns ao meio urbano, famílias de bairros diversos da cidade têm procurado “escapar” dos aludidos problemas, mudando-se para Ilha de Guaratiba.

Em suas elucubrações relacionadas ao inexorável processo de urbanização da sociedade, fenômeno alardeado há décadas por vários pesquisadores (BELL, 1977; CASTELLS, 2002; CANCLINI, 1999; SANTOS, 2001; 2002; CAPEL, 2003; HARVEY, 1989; 2005), Lefebvre (2008) salienta que uma segunda residência, em pleno campo, pode representar o embrião de uma marcha urbanizadora nesta espacialidade, uma vez que ocorre a sua conexão direta com o urbano.

Relacionando o fenômeno da aquisição das residências secundárias à análise do processo de urbanização do Rio de Janeiro, não há como desconsiderar a atuação do capital especulativo imobiliário no processo de produção de moradia, sendo este um dos grandes responsáveis pelo espraiamento da malha urbana carioca

(ABREU, 2008; RIBEIRO, 1997). Neste contexto, Ribeiro e Coelho (2007) apontam o surgimento das novas formas de morar dirigidas pelo capital imobiliário às classes de maior poder aquisitivo, que por sua amplitude no meio urbano, tem contribuído para a reestruturação espacial e expansão das metrópoles. Como exemplos materializados espacialmente, podemos citar os condomínios residenciais. No entanto, essa lógica relacionada à produção do espaço urbano, muitas vezes, inicia-se a partir do processo de aquisição de residências secundárias pelas classes economicamente privilegiadas, como sugere Assis (2003) para um contexto geral e Fernandes (2003; 2006; 2009) para um contexto específico, baseando-se no processo de urbanização de Iha de Guaratiba.

Em sua pesquisa sobre a expansão do fenômeno da segunda residência, o geógrafo Lenilton Francisco de Assis busca elucidar as principais causas do evento em pauta, esclarecimento que coincide com nossa abordagem. Em sua análise sobre o espraiamento do fenômeno da segunda residência, Assis (2003) salienta que, a partir do processo de metropolização de certas cidades, cada vez mais se fazia necessário que o homem urbano saísse das áreas centrais superpovoadas em direção às periferias metropolitanas na busca do reencontro com a natureza. Essa era uma forma de aliviar os estresses cotidianos e renovar suas energias. O meio urbano, que outrora fora o centro de atração das habitações e do homem do campo em busca de trabalho, agora, apesar de desempenhar diversos papéis, leva seus moradores a buscar novas áreas que lhes ofereçam as condições necessárias para uso do tempo livre em contato com a

natureza. Assim sendo, devido a proximidade das áreas centrais, as periferias metropolitanas passam a representar um dos alvos dos especuladores imobiliários que procuram valorizar os atributos naturais e culturais dessas áreas, ofertando-as aos segmentos sociais específicos que dispõem de renda excedente para adquirir uma residência secundária.

Assis (2003) propõe ainda que o fenômeno da segunda residência é um dos responsáveis pela urbanização da periferia, uma vez que determinado capital migra para as áreas periféricas, materializando-se por meio de imóveis que passam a representar também uma reserva de valor imobiliário. Ao pressupor a disponibilidade de uma renda excedente, a residência secundária deixa de ser apenas uma alternativa de lazer, passando a ser também uma opção de investimento. A partir do momento em que a segunda habitação passa a agregar também um valor de troca, entra em cena o maior responsável pela transformação do espaço periurbano: o especulador imobiliário. Este, por meio de propagandas insidiosas, tem por objetivo a transformação dos atributos naturais e amenidades da periferia metropolitana em verdadeiros chamarizes residenciais, como podemos ver abaixo em relação à especulação imobiliária em Ilha de Guaratiba:

Enfim, chegou sua vez de viver no paraíso! Aqui na Terra mesmo. Gambás e preás aos montes atravessam desconfiadas o asfalto. Bois caminham sem pressa, em fila indiana, rumo aos pastos. Saquis em penca fazem macaquices nos galhos das árvores. Garças e patos selvagens, em sua leveza, desenvolvem coreografias cênicas sobre lagos e córregos em voos espetaculares. Assim é a vida por aqui. Parece que o tempo parou.

É sem dúvida o novo Recreio! A diferença é que aqui você ainda negocia com caipiras decentes a preços baixos. Mini sítios para você morar junto ao bom e ao melhor, "longe e perto" de áreas caras e saturadas (FERNANDES, 2006, p.42).

Na citação acima, extraída de um folder publicitário (J. Brandão Negócios Imobiliários), o que mais nos chama a atenção é a ênfase conferida aos atributos naturais do lugar, onde o mesmo é vendido como um verdadeiro paraíso, perdido em meio à metrópole carioca. Esta propaganda imobiliária, veiculada no início dos anos 1980, revela a gênese de uma prática muito comum nos dias atuais, mas com uma diferença bastante significativa: o romantismo que o citado anúncio nos tenta passar justifica-se pela conjuntura do lugar naquele momento. Na realidade, nesse período, Ilha de Guaratiba não passava de uma localidade caracterizada pelas atividades rurais – pautadas, principalmente, na agricultura, e nos muitos sítios visitados por seus proprietários nos momentos de lazer. Era o típico fim-de-semana na roça. Assim sendo, esse tipo de anúncio tinha como público alvo, pessoas interessadas em adquirir uma área relativamente grande, onde pudessem construir um sítio que, na maioria dos casos, abrigava também uma habitação secundária. No entanto, a partir do início dos anos 1990, novas agências imobiliárias começam a oferecer às camadas privilegiadas economicamente um produto diferenciado em relação ao oferecido por seus precursores. Às habitações secundárias assomam-se os condomínios residenciais onde a habitação deixa de ser provisória.

A fim de ratificar o depoimento de Benedito quando explicara a maneira como as residências secundárias de Ilha de Guaratiba

transformaram-se em moradias permanentes, retornemos à abordagem de Assis (2003). Quando se debruça sobre a mudança da segunda residência em habitação permanente, o referido geógrafo explica que na última fase deste percurso, o perímetro original é absorvido pela expansão metropolitana, formando, agora, uma parte da própria cidade, ao passo que as segundas residências anteriores são metamorfoseadas em residências permanentes. Atualmente, em Ilha de Guaratiba, é cada vez maior o número de pessoas que optam por residir em suas antigas residências secundárias. Além disso, famílias, oriundas, sobretudo, do eixo Recreio-Barra-Zona Sul, têm encontrado no lugar condições favoráveis, considerando-se suas vantagens locacionais, como preços relativamente baixos, disponibilidade de terra, atributos da paisagem, ínfimos índices de criminalidade, entre outras. Esses últimos, no entanto, representam uma nova modalidade de residentes: aqueles que optam pelos condomínios horizontais.

Apesar de simbolizar uma nova dinâmica espacial em Ilha de Guaratiba, o fenômeno da produção de moradia – em uma escala de análise mais ampla – revela, como aponta Ribeiro (1997, p.199), a continuidade do processo de expansão urbana da cidade do Rio de Janeiro, uma vez que:

A partir da segunda metade do século XIX, especialmente depois de 1870, a cidade do Rio de Janeiro sofre importantes transformações urbanas geradas pela ação de um conjunto de capitais que passam a investir sobre o espaço urbano. Entre eles, o que poderíamos chamar de capital imobiliário, aplicado na produção de moradias para aluguel e na compra, parcelamento e

venda de lotes de terra anteriormente utilizados para fins agrícolas...

A observação dos depoimentos de Jocenir, Luís Carlos e Benedito, esboçados anteriormente, nos leva ao entendimento de que a desarticulação do sistema rural-agrícola de Ilha de Guaratiba, anterior ao processo de consolidação do lugar como reserva de valor imobiliário, desencadeou um processo de transformação que vem mudando radicalmente a localidade. Considerando cada lugar uma conjunção de temporalidades e de “testemunhos geográficos” (www.roteirosdorio.com), observamos em Ilha de Guaratiba a existência de elementos representativos de fases anteriores à marcha urbanizadora em questão que ainda resistem em meio às inovações. Como exemplos, podemos citar alguns resquícios das atividades rurais do passado e a persistência de muitos sítios que ainda são utilizados como opção de lazer nas férias e nos finais de semana (segunda residência). Uma vez que eventos como a marcha urbanizadora em questão representam ações contínuas que implicam tempo, continuidade e mudança (SANTOS, 1992), entendemos que o fenômeno da segunda habitação representou a gênese da metamorfose pela qual Ilha de Guaratiba vem passando. Seguindo o fluxo das residências secundárias (décadas de 1970/1980), começaram a surgir os primeiros condomínios residenciais (a partir de 1990), fruto da crescente especulação imobiliária promovida no lugar.

4.4 A especulação imobiliária e o advento dos condomínios

Os motivos da valorização imobiliária, responsável pelo advento dos primeiros condomínios na localidade e por um aumento crescente em seu número de novos residentes, são assim salientados:

Devido à tranquilidade do local, ideal para viver e criar os filhos, os primeiros que aqui chegaram foram divulgando o lugar para seus parentes e amigos. Esses, por sua vez, foram aqueles que depois chegaram para morar nos condomínios. À medida que a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes foram crescendo e se expandindo, as pessoas adeptas de um estilo de vida mais rústico, voltado para a contemplação da natureza, para a ruralidade e a tranquilidade, começaram a vir para Ilha de Guaratiba. Quando encontraram o lugar, começaram a divulga-lo para seus parentes e amigos que também vieram para cá por meio dessa propaganda boca a boca. Os primeiros vieram para os sítios. Os últimos, para os condomínios. Hoje as pessoas querem fugir do urbano, ou melhor, de seus problemas como poluição, violência, trânsito etc. Essas pessoas procuram lugares como Ilha de Guaratiba, que apesar de ser parte da cidade, ainda não compartilha seus problemas comuns. A tranquilidade e o contato diário com a natureza permitem aos moradores de Ilha de Guaratiba viver com qualidade de vida. Apesar do crescimento, no lugar ainda é possível respirar ares de cidade do interior. Isso é maravilhoso. A falta de espaço das regiões mais próximas ao Centro e a fuga para um lugar mais tranquilo, que pode proporcionar uma melhor qualidade de vida, também são fatores que têm contribuído para a especulação imobiliária e conseqüente construção dos primeiros condomínios em Ilha de Guaratiba. A grande disponibilidade de terras, atrelada aos valores relativamente mais baixos, bem como a proximidade do Recreio e Barra, contribuíram para que muitas pessoas viessem para cá (Sandra – 57 anos – professora).

Como residente e profunda conhecedora de seu lugar vivido, Sandra compartilha em seu relato alguns dos possíveis motivos da

valorização imobiliária que contribuiu para a construção dos atuais condomínios na localidade. Os atributos naturais, a disponibilidade de terras, a proximidade relativa da área central e de bairros dotados de sub centros comerciais e de serviços, entre outros, são mencionados como os principais fatores da valorização imobiliária que promoveram, tanto a aludida mobilidade residencial, quanto a conseqüente gênese dos condomínios que passaram a ser construídos para dar conta desse novo e crescente público. Mais que isso, são citadas a tranquilidade e a atmosfera campestre do lugar, contrapondo-se à urbanidade e ao corre-corre da cidade, como estímulo para a migração rumo ao oeste.

Criado, sobretudo nas áreas novas da metrópole dotadas de amenidades naturais, o condomínio exclusivo horizontal é o resultado de um processo de efetiva valorização fundiária e promoção imobiliária. Constituindo-se no “eldorado” para uma alta classe média oriunda, em parte, das antigas áreas nobres da cidade, os condomínios caracterizam-se pela auto segregação de grupos sociais que, dispendo de renda, podem residir onde lhes aprouver. E a escolha da nova residência é influenciada pela maciça propaganda em torno das amenidades e do novo estilo de vida (CORRÊA, 1992).

Como fruto da crescente valorização imobiliária, na década de 1990, surgiram em Ilha de Guaratiba os primeiros condomínios residenciais. O local que durante séculos foi pouco explorado, ao qual os populares diziam ter parado no tempo em relação a outras localidades do município do Rio de Janeiro, passa, então, a chamar atenção de um grande número de pessoas, em meio a inúmeros

problemas metropolitanos. Seus domínios começaram a ser objeto de desejo no que tange a residir em um local pleno de amenidades, proporcionando aos que desejam fugir dos bairros urbanos, uma qualidade de vida compatível com seus anseios. Nesse sentido, vale repetir, os atributos do lugar como montanha, verde, bem como a tranquilidade, segurança, entre outros, são então utilizados como chamarizes para aqueles que almejam estar, paradoxalmente, próximo e distante da vida urbana (TUAN, 2012; FERNANDES, 2010).

Como exposto anteriormente, a gênese da corrida em direção ao aludido “paraíso perdido” no interior da metrópole, ocorreu quando vários proprietários de segunda residência passaram a residir permanentemente no local. Esse fenômeno chamou a atenção de alguns especuladores imobiliários que passaram a explorar os encantos da localidade em suas propagandas publicitárias. Esse tipo de ativismo especulativo persistiu durante a primeira metade da década de 1990, aumentando assim a demanda por imóveis em uma escala onde as antigas propriedades, como os sítios e mini sítios, não davam mais conta. Começaram a surgir então os primeiros condomínios residenciais horizontais, sendo estes construídos tanto nas encostas das elevações quanto nas áreas planas do local, sobretudo na planície da maré, por meio de intensos aterramentos de manguezais e canais aluviais.

Desde a instalação dos primeiros condomínios na localidade, a valorização imobiliária é crescente. A cada dia que passa morar no lugar fica mais dispendioso e difícil, principalmente nos condomínios que, com raríssimas exceções, representa uma opção apenas para

peças oriundas de áreas valorizadas como Tijuca, Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca e bairros da Zona Sul. Esse fato se justifica pelo alto valor conferido aos terrenos, sendo acessível apenas a classes privilegiadas economicamente que, em grande parte, residem em áreas valorizadas da cidade.

Por ser um tipo de empreendimento que necessita de grande extensão e sendo erguidos sobre áreas de preservação ambiental, os condomínios residenciais horizontais, além de representar o pilar de uma nova tendência urbano-residencial, figuram como os maiores responsáveis pela reprodução de inúmeros impactos ambientais. Uma vez que a infraestrutura que poderia dar um melhor suporte ao espraiamento da urbe carioca sobre a área estudada inexistente, a degradação ambiental passa a denotar uma preocupação constante para muitos guaratibanos.

4.5 A hodierna tendência urbana e os impactos ambientais

No bojo da marcha urbanizadora, aos poucos, a natureza foi cedendo lugar aos empreendimentos imobiliários promovendo uma série de impactos ambientais, um problema rechaçado por moradores como o engenheiro agrônomo Ingo (53 anos) em seu depoimento transcrito a seguir:

O morador urbano adora o verde. Mas, quando chega a um lugar como o nosso, derruba as árvores, polui os rios e acaba por transformar a natureza em cidade. No lugar do verde, das árvores e dos rios, constrói casas, muros, estradas etc. Muitos chamam isso de progresso. Para mim, no entanto, trata-se de uma regressão. Rico é o lugar que tem água limpa, florestas preservadas e ar puro. Essa é a maior riqueza que um homem pode ter. Mantendo-se o ritmo atual, a destruição de Ilha de Guaratiba vai acontecer da mesma maneira que ocorreu na Barra da Tijuca. O que tinha de mais bonito na Barra era a natureza, que cedeu espaço aos prédios, autoestradas e shoppings. Ilha de Guaratiba representa **o pulmão verde do Rio de Janeiro**. Essa área deveria ser preservada em seus atributos naturais e a agricultura orgânica deveria ser praticada nas encostas, dentro da floresta. Essa deveria ser a **identidade geográfica** da localidade. Ecologicamente falando, é muito problemático o processo de urbanização do lugar. Ilha de Guaratiba não possui lagoas como a Barra da Tijuca e Jacarepaguá. Em 50 anos, a Barra conseguiu sanear os dejetos que durante todo esse tempo foi canalizado para as lagoas. Bem ou mal, havia a depuração dos dejetos. Por não possuímos lagoas, os dejetos aqui produzidos tendem a contaminar os rios e o lençol freático, de onde boa parte da população retira a água para o seu consumo. Os camarões e os sapos sumiram dos riachos. Isso ocorreu porque os girinos precisam de água cristalina para se desenvolver. O camarão da água doce, igualmente, só pode ser encontrado em águas limpas. A ausência de sapos e camarões em quase todos os riachos de Ilha de Guaratiba demonstra que estes córregos encontram-se poluídos a níveis drásticos. Sinto saudades da sinfonia dos sapos todas as noites e de pescar camarão de puçá nos rios que hoje se transformaram em depósito de esgoto (Ingo – engenheiro agrônomo – 53 anos).

O relato do morador Ingo evidencia a preocupação do citado morador em relação aos impactos à natureza do lugar, causados pela implementação dos novos empreendimentos imobiliários e pelo incremento populacional. No depoimento, Ingo deixa claro sua preocupação em relação ao modo como o novo morador citadino se relaciona com a natureza e salienta sua aversão ao urbano. O engenheiro agrônomo, igualmente, demonstra inquietação devido aos

riscos ambientais advindos dos impactos produzidos por esse aumento no número de residentes.

Pertinente aos sentimentos e sensações dos indivíduos e grupos sociais em relação a uma agressão ao seu mundo vivido, exemplificados pela apreensão demonstrada pelo referido morador em relação à agressão ao seu meio ambiente comum, podemos deduzir, com base em Tuan (2012), que os problemas ambientais são, fundamentalmente, problemas humanos. O citado pensador, certamente, baseia-se na visão totalizante, compartilhada também por Corrêa (1992), que inclui o elemento humano em sua conceituação de meio ambiente. Contudo, tanto em meio à introduções, quanto em relação à abordagem da geografia humana que privilegia o homem, incluindo-o em suas análises, é inegável também que toda ação humana sobre a natureza, (re)produz impactos ambientais (DREW, 2002).

Ampliando a escala de análise em torno da relação entre o crescimento urbano e os impactos causados à natureza, é interessante nos reportar ao emblemático processo de consolidação da metrópole carioca que, comprimida entre o mar e a montanha, ladeada por praias, restingas, baixadas pantanosas e florestas, teve seu crescimento forjado na luta pelo espaço e na superação das distâncias, geradas por esse mesmo crescimento, frente às condições especiais do seu meio físico (GALVÃO, 1992).

Apertado entre a montanha e o mar, o Rio de Janeiro teve nesses elementos naturais, os grandes balizadores da sua expansão (...). O desenvolvimento da tecnologia permitiu que esses obstáculos

fossem gradualmente sendo vencidos, possibilitando que a cidade passasse a incorporar, na sua malha construída, espaços que outrora eram considerados impróprios ou improváveis à ocupação urbana (ABREU, 1992, p.54).

Dentre os espaços considerados impróprios ou improváveis ao espraiamento da malha urbana carioca estavam, além dos maciços e montanhas citadas por Abreu, também os canais aluviais, áreas de restingas, bem como manguezais e florestas. Todos estes antigos fatores limitantes, no entanto, não representaram empecilho ao crescimento metropolitano. Sendo assim, desde os primeiros séculos de colonização, os aterros contribuíram para a organização do espaço urbano carioca. Com o crescimento da cidade, houve a necessidade de rompimento das elevações com a perfuração de túneis desde 1887 (CARVALHO, 2002). Mais recentemente, a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes ganharam expressão em meio ao espraiamento do tecido urbano carioca. Nas últimas décadas, o Rio cresce em direção a planície de Guaratiba (FERNANDES, 2006; LESSA, 2001), em meio ao receio de seus residentes com a consequente deterioração dos biossistemas naturais que caracterizam seu lugar.

As preocupações do Ingo, representando a coletividade do referido lugar, justifica-se, pois, sendo uma área de baixada com um verde amplo e exuberante, cercada em grande parte pelo Maciço da Pedra Branca (Serra Geral de Guaratiba), Ilha de Guaratiba tem como marcas mais importantes sua belíssima paisagem natural, sendo este o pano de fundo utilizado pelos agentes imobiliários a fim de atrair adeptos de um etilo de vida baseado em um contato mais próximo

com a natureza. O lugar é composto basicamente por duas unidades de conservação, quais sejam a Reserva Biológica e Arqueológica de Guaratiba, localizada na planície da maré, e o Parque Estadual da Pedra Branca, do qual as elevações da Serra Geral de Guaratiba também fazem parte (ATLAS DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 1990). Além disso, segundo o Sindicato Rural e a Prefeitura do Rio de Janeiro, Ilha de Guaratiba representa uma importante área de preservação rural e ambiental. Quem ratifica essa informação, como mencionado, é a própria prefeitura, em meio a um município tido como urbano.

Geograficamente falando, toda atividade humana preconiza transformações ambientais, uma vez que o ambiente – ou espaço – pressupõe, além das formas materiais naturais e construídas, também o ser humano que lhe dá dinamismo (SANTOS, 2002). Assim sendo, quanto mais despreparada estiver uma área, no que tange uma infraestrutura básica que dê suporte às modificações desejadas, maiores serão os impactos ambientais. Esse é o caso de Ilha de Guaratiba. Como se já não bastassem as mudanças representadas pelo afluxo de novos residentes e pelas construções de moradias, a carência infra estrutural de sua área ampliam ainda mais os danos à natureza.

Considerando apenas as ações promovidas pelo fenômeno descrito por Abreu (1992; 2008) como “febre imobiliária”, nas últimas décadas, o lugar sofreu as primeiras intervenções externas por meio da instalação das residências secundárias. Nesse ínterim, foi crescente o desmatamento nas encostas da Serra Geral de Guaratiba

e também em alguns relevos isolados da baixada a fim de ceder lugar aos sítios que abrigavam as casas utilizadas nas férias e finais de semana. Muitos córregos que desciam o maciço, levando água cristalina para a parte plana, passaram a ser represados à montante para a formação de lagos e piscinas naturais nas novas propriedades. Esses rios, que até então eram povoados por peixes – como traíras, caraúnas, piabas etc. – e por crustáceos, como lagostas e pitus (grande camarão de água doce), vão aos poucos perdendo sua piscosidade.

Posteriormente, o aumento do afluxo propiciou um impacto ainda maior, uma vez que muitos dos antigos riachos passaram a receber esgoto sem tratamento, transformando-se em verdadeiros valões-negros. No desenrolar deste processo, muitos morros passaram a ser demolidos, contribuindo para a especulação fundiária e imobiliária, cedendo lugar a novas residências e servindo de aterro para os novos loteamentos tomados de uma área que até então não havia sofrido um grande impacto: a planície da maré.

Foi a partir da década de 1990 que a degradação ambiental tomou impulso. Os constantes aterramentos de áreas de manguezais e canais aluviais, tendo por fim a implantação de condomínios, causaram impactos sem precedentes ao biossistema-mangue, redundando na brusca diminuição da população de caranguejos e guaiamus, crustáceos que representam uma fonte de renda para muitas famílias de catadores.

Devido à ausência de planejamento e infraestrutura, as mudanças aqui abordadas não representam uma nova tendência

urbana de fato, e sim uma mudança radical, apontada pelos guaratibanos como uma das grandes responsáveis pela degradação do quadro natural do lugar. Esse fenômeno, no entanto, ao mudar a espacialidade em questão, pode modificar também a vida das pessoas, uma vez que as influências entre as pessoas e seus lugares são recíprocas.

O crescimento das cidades e a urbanização do mundo é, segundo Wirth (1976), um dos fatos mais notáveis dos tempos modernos. O referido cientista social lembra que a mudança de uma sociedade rural para uma predominantemente urbana, se verificou no espaço de tempo de uma só geração em alguns países centrais. O autor, no entanto, preocupa-se também em traçar a diferença entre urbanismo e urbanização, onde a urbanização refere-se à forma urbana, representada pelas construções, e o urbanismo, ao estilo de vida peculiar das cidades. Muitos outros teóricos também se debruçam sobre a temática envolvendo a distinção entre a cidade e o urbano, uma vez que o senso comum costuma se referir a esses termos como sinônimos.

Por representar uma realidade hipercomplexa e por possuir diversas dimensões, o urbano é representado de formas variadas. Nesse sentido, Yázigí (2003), em seu discurso sobre os diversos valores que envolvem o ambiente urbano (valor histórico, valor social, valor econômico, valor afetivo etc.), salienta sobre a relevância do sentimento de pertença na construção de um patrimônio urbano permanente. Segundo Yázigí, sem querença não se pode esperar grande coisa de um aglomerado urbano, cada vez mais convertido em

uma forma moderna de acampamento. O valor afetivo, portanto, representa uma condição indispensável para a construção de um meio urbano que seja compreendido como patrimônio e como um ambiente topofílico (TUAN, 2012).

Para Corrêa (2000), a necessidade de maior consumo de espaço em decorrência da valorização fundiária responsável pela valorização dos imóveis nas áreas centrais, aponta, ao mesmo tempo, condições bem mais vantajosas nas periferias distantes dotadas de amenidades. Sobre estas circunstâncias, a urbanização de uma porção periférica da cidade do Rio de Janeiro como Ilha de Guaratiba, muito mais que uma mera mudança espacial, representa transformações subjetivas nas quais seus residentes passam a vivenciar um diferente estilo de vida, baseado em novos valores. Nesse sentido:

a urbanização já não denota meramente o processo pelo qual as pessoas são atraídas a uma localidade intitulada cidade e incorporada em seu sistema de vida. Ela se refere também àquela acentuação cumulativa das características que distinguem o modo de vida associado com o crescimento das cidades e, finalmente, com as mudanças de sentido dos modos de vida reconhecidos como urbanos (WIRTH, 1976, p. 93).

Para Tuan (2012) o subúrbio é um ideal, pois sugere um estilo de vida perfeito, no qual se combina o melhor da vida rural e urbana sem os seus defeitos. No enalço desse estilo de vida alternativo, um número cada vez maior de pessoas tem se deslocado para Ilha de Guaratiba. Essa mobilidade, no entanto, tende a aumentar ainda mais com a construção do “Túnel da Grota Funda”. Sobre essa questão, consideremos o parecer de José Maria:

O túnel é um dos baluartes dessa mudança que vemos no lugar, não resta dúvida. Sua construção facilitou o acesso ao Recreio e à Barra, uma vez que a serra sempre representou um dificultador natural. O túnel da Grota Funda, ao facilitar o acesso ao lugar, contribuiu para um adensamento ainda maior de pessoas e construções. Além disso, sua perfuração serviu para apresentar a Ilha de Guaratiba ao Rio de Janeiro. No entanto, quando o túnel apresentou a Ilha ao Rio, o carioca – que não a conhecia – descobriu que aqui é um lugar muito bom para se morar. Por essa razão, **o túnel da Grota Funda** representa o início do fim deste “**paraíso**”, ou seja, **a porta do inferno** (José Maria – produtor rural – 70 anos).

No transcurso do processo de expansão da malha urbana carioca, a perfuração dos túneis da cidade representou, em muitos casos, a incorporação de novas áreas ao contexto metropolitano (CARVALHO, 2004). Nesse contexto, é emblemático o depoimento do morador José Maria, uma vez que alude uma nova realidade, qual seja a conexão de Ilha de Guaratiba ao contexto urbano do Rio de Janeiro. O lugar, no entanto, ainda está em transição. Em meio ao seu nicho de vivências, vicejam persistentes características rurais de outrora em meio a tendências urbanas hodiernas.

Apesar de se aproximar da fenomenologia e da hermenêutica em algumas de suas pesquisas e conferências, o geógrafo João Rua não comunga com a vertente humanística. No entanto, objetivando elucidar a questão relacionada às múltiplas interações entre o rural e o urbano, acreditamos ser pertinente sua asserção. Em seu caminho investigativo, o referido pensador (RUA, 2002 a; 2002 b) enfatiza tanto a questão das manifestações do urbano no rural, fenômeno por ele denominado urbanidades, quanto a força do rural diante do urbano (ruralidades). Para Rua, as novas ruralidades comandam o atual

processo de reestruturação espacial, uma vez que o rural, ao ser incorporado pelo fenômeno da urbanização, se integra ao urbano guardando algumas especificidades.

Em suas considerações teóricas acerca das urbanidades e das novas ruralidades, Rúa (2002 A) caminha em direção às abordagens que se referem à hibridez dessas novas espacialidades (SANTOS, 2002), uma vez que as duas realidades se (con)fundem. Assim sendo o “velho” ou “interno”, representado pela pretérita estrutura rural de Ilha de Guaratiba, ao associar-se ao “novo” ou “externo”, retratado por seu hodierno processo de urbanização (SANTOS, 1997), conferem ao lugar uma gama de novas características, especificidades, particularidades, singularidades, além de um amplo nicho de símbolos recentes e de outrora que se apresentam à nossa interpretação.

5 UMA ILHA DE SÍMBOLOS

Símbolo tem o poder de sugerir um todo, transcende sua condição como tal e como parte integrante se confunde com o lugar no qual se encontra. Neste particular, a carga simbólica de um templo ou de um estádio pode ser bem mais ampla, expressiva que a sua destinação original. Na verdade, a cruz simboliza a cristandade, a coroa a monarquia (TUAN, 2012) assim como o portal de Brandemburgo representa um dos símbolos máximos da nação alemã (FREITAS, 1999). O simbolismo, entendido como emblema ou interpretação do significado de determinado elemento simbólico (símbolo), manifesta-se nas últimas décadas como um conceito sumamente importante para as pesquisas humanísticas e culturais – estudos estes relacionados à compreensão da dimensão subjetiva do lugar (TUAN, 1980; 2012; MELLO, 2000, 2003; FERNANDES, 2015). Segundo Cosgrove (2004):

Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem. O simbolismo é mais facilmente apreendido nas paisagens mais elaboradas – a cidade, o parque e o jardim – e através da representação da paisagem na pintura, poesia e outras artes. Mas pode ser lida nas paisagens rurais e mesmo nas mais aparentemente não humanizadas paisagens do meio ambiente natural. Estas últimas são, frequentemente, símbolos poderosos em si mesmos (COSGROVE, 2004, p.108).

Para compreender as expressões impressas por uma cultura em sua paisagem, necessitamos de um conhecimento da linguagem

empregada: os símbolos e seu significado nessa cultura. Para o autor, apesar da ligação ser muito tênue entre o símbolo e o que ele representa, todas as paisagens são simbólicas. Ao salientar que os cenários humanos são carregados de simbolismo, Cosgrove focaliza a natureza e a paisagem natural como símbolos poderosos em si mesmos, partindo do pressuposto de que qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura. Apesar dessa transformação não estar sempre visível, especialmente para um estrangeiro, o objeto natural torna-se objeto cultural quando lhe é atribuído um significado simbólico (COSGROVE, 2004). Observemos agora as palavras de Tuan (2012):

Dos múltiplos e variados motivos para mudar-se para o subúrbio, a busca de um meio ambiente saudável e de um estilo de vida informal estão entre os mais antigos. Temos repetidamente observado como o sentimento pela natureza e vida rural é encorajado pelas pressões da vida urbana. O meio ambiente da cidade é ao mesmo tempo sedutor e irritante, bonito e desagradável. Os ricos sempre puderam escapar disso saindo para descansar em suas casas de campo. No mundo ocidental o sentimento pela natureza culminou com o movimento romântico dos séculos XVIII e XIX (...). A cidade simbolizava corrupção (...). O campo simbolizava a vida: a vida revelada nos frutos da terra, nas coisas verdes que crescem, na água pura e no ar limpo, na saudável família humana (TUAN, 2012, p. 324-325).

A simbologia não se restringe aos centros de bem-querência, afetividade, despojamento ou experiência, pois espaços vastos, estranhos e distantes configuram-se como símbolos de rejeição (TUAN, 1980; 2012; MELLO, 2003). Entendendo o simbolismo como o marco de uma ideia – tanto negativa quanto positiva – de um determinado elemento simbólico, Tuan (2012) propõe um contraponto

entre a cidade e o campo, sugerindo que a partir da revolução industrial, a cidade – aos poucos – deixa de simbolizar um ideal de vida, cedendo ao campo essa condição, por meio de um retorno ao sentimento pela natureza. Segundo Tuan, ao adquirir alguns dos valores do campo, o subúrbio – entendido como fronteira da expansão metropolitana – passa a representar um ideal, pois sugere um estilo de vida perfeito, no qual se combina o melhor da vida rural e urbana sem os seus defeitos (TUAN, 2012). Nesse sentido, seja para o contexto americano acima ou no âmbito dos subúrbios brasileiros, notadamente carioca, as periferias metropolitanas passam a representar para seus residentes um símbolo de bem querência (CORRÊA, 2000; FERNANDES, 2006; SOUZA, 2005).

Lugares e símbolos adquirem profundo significado através dos laços emocionais tecidos ao longo dos anos. O próprio lugar constitui um símbolo de afetividade, bem querência, satisfação, felicidade e conagração, por um lado, mas, igualmente, palco de lutas e da lida do dia-a-dia. O caráter simbólico dos lugares estabelece conexões decodificando e traduzindo o seu passado e o conectando ao presente (MELLO, 1990; 2003).

Ainda no tocante ao universo simbólico, consideremos as lucubrações da geógrafa Doreen Massey (2008):

E, assim, existe “lugar”. No contexto de um mundo que é, certamente, cada vez mais interconectado, a noção de lugar (geralmente citado como “lugar local”) adquiriu uma ressonância totêmica. Seu valor simbólico é, incessantemente, mobilizado em argumentos políticos. Para alguns, é a esfera do cotidiano, de práticas reais e valorizadas, a fonte geográfica de significado, vital como ponto de apoio, enquanto “o global” tece suas teias, cada

vez mais poderosas e alienantes. Para outros, “um refúgio no lugar” representa a proteção de pontes levadiças e a construção de muralhas contra as novas invasões. Lugar, através dessa leitura, é o local da negação.

Em uma tentativa de traduzir o valor simbólico do lugar, Doreen Massey (2008, p.24-25) discorre sobre sua ampla gama de significados. Em sua perspectiva, o lugar simboliza – dentre outras coisas – a esfera do cotidiano, a fonte geográfica de significado, vital ponto de apoio, além de representar refúgio e proteção contra as poderosas e alienantes teias do global. Defendendo um novo estímulo da espacialidade, a autora aponta a natureza e a paisagem natural como fundamentos simbólicos para o reconhecimento do lugar (MASSEY, 2008).

Adentrando neste universo de significados e valores, Joel Bonnemaïson (2002, p.109-111) sublinha:

Um geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade (...). Os símbolos ganham maior força e realce quando se encarnam em lugares. O espaço cultural é um espaço geossimbólico, carregado de afetividade e significações.

O geossímbolo – conceito trabalhado por Joel Bonnemaïson (2002, p.109-111) – pode ser compreendido como um lugar-símbolo, carregado de afetividade e significações. Dentre as premissas defendidas pelos geógrafos do horizonte humanístico estão as relacionadas ao conteúdo simbólico dos lugares (COSTA, 2008) e ao

mosaico de símbolos que residem no mesmo (MELLO, 2003, 2008).

Nesse sentido:

O caráter simbólico dos lugares revela-se ao ser humano como algo que precede a linguagem e a razão discursiva, apresentando assim determinados aspectos do real, enfatizando as relações entre o simbólico e o lugar. Estas relações são mediatizadas pelos símbolos que podem ser uma realidade material e que se une a uma ideia, um valor, um sentimento. Entendemos, portanto, que as mediações simbólicas permeiam as atitudes pessoais em relação aos lugares (COSTA, 2008, p 149).

Em seu discurso sobre a questão do patrimônio cultural enquanto um conjunto de símbolos que remete à memória do lugar, Costa (2008) alude que “o simbólico dos lugares nos conduz ao conceito de paisagem vernacular onde tal caráter explicita-se no conjunto de representações, tanto das paisagens antigas, quanto das atuais, expressas através dos saberes e fazeres do homem” (p.151). Para o autor, certos elementos de ordem natural ou cultural, quando associados às relações cotidianas dos indivíduos ou grupos sociais, podem definir um conjunto de símbolos que expressam a memória do lugar. Nestas circunstâncias, as relações cotidianas e o consequente entendimento acerca dos lugares e de seus símbolos, podem fazer com que um espaço se torne lugar, uma vez recortado afetivamente. “Nesse contexto, o lugar passa a ter seu interesse ampliado como referência da identidade e ao mesmo tempo adquire um valor simbólico” (COSTA, 2008, p. 155).

Considerando o universo simbólico dos lugares, conciliar, entender e decodificar os símbolos pretéritos e hodiernos de Ilha de

Guaratiba são tarefas a serem empreendidas nas próximas páginas, a começar pelo valor simbólico de seu topônimo.

5.1 Decifrando a toponímia em seus significados

Conferir nome aos lugares possui um forte significado, uma vez que essas denominações estabelecem conexões entre o lugar em tempos pretéritos e hodiernamente. Assim sendo, a toponímia revela posse, memória, simbolismo, querência, adesão, resistência e intimidade com o lugar nomeado (MELLO, 2007). Neste campo, Corrêa (2003, p. 176) sublinha: “a toponímia constitui-se em relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo, sendo um poderoso elemento identitário”. Nestas condições, os nomes dos logradouros ou bairros conferem aos lugares uma forte identidade, sendo resultado de vivências, embates, utopias e valores, em meio a amigos, parentes, estranhos, conhecidos e sentimentos, compondo um todo de introjeções, estranhamentos, aderências e pertencimentos (MELLO, 2000).

Para Lessa (2001), a toponímia é o primeiro e o mais fiel registro dos lugares, uma espécie de batismo. Segundo o autor, a fidelidade das pessoas aos nomes assume vigorosa dimensão. Nesta linha de argumentação, Lessa (2001, p. 58) defende:

Os nomes têm muito maior longevidade que as configurações materiais dos lugares. Um exemplo são os nomes que resistem,

ainda que seus lugares originais não mais existam: guardam um inequívoco caráter simbólico. A Praça XI, que continua sendo evocada no samba do Rio; o Castelo é o lugar de um morro que já foi demolido; a Rua do Ouvidor, o que quase ninguém mais sabe quem foi, e dúvidas existem inclusive sobre qual ouvidor teria sido. Outros lugares se modificam eufonicamente: assim, a Batalha de Cerro-Corá, da Guerra do Paraguai, deu origem à favela Serra Coral. A Praça do Asseca virou Praça Seca; o sítio do Willian tornou-se Ilha (de Guaratiba) etc.

Mostrando-se um profundo conhecedor dos lugares de sua cidade e dos contextos que originaram seus nomes, Lessa aponta para a direção que enfocamos, uma vez que as toponímias são por ele abordadas como um verdadeiro mosaico que unem elementos contemporâneos e de outrora. Na busca do entendimento sobre o sentido e o significado dos nomes dos diferentes lugares da cidade do Rio de Janeiro, o autor descobriu ter sido “um tal Willian, dono de um sítio em Guaratiba, o responsável pela origem do nome do lugar chamado ‘Ilha’” (LESSA, 2001, p. 427).

Como a maioria das pessoas que se debruça sobre Ilha de Guaratiba, para chegar às origens do nome do referido lugar, Lessa se baseou nos escritos do historiador Rivadávia Pinto (1986), segundo o qual, o topônimo “Ilha” teria se originado por corruptela do nome do inglês Willian. Vindo em meio à escolta inglesa que protegia a Família Real Portuguesa em seu traslado para a antiga Terra de Santa Cruz, em 1808, William se apossou e passou a residir na área alvo da presente investigação. Como os nativos não se esmeravam em pronunciar corretamente o seu nome, passaram a chamá-lo de “Wilha”, seu “Ilha de Guaratiba” e, por fim, “Ilha de Guaratiba”, antigo proprietário dos domínios locais (LESSA, 2001). Já o topônimo

“Guaratiba”, bem mais antigo, derivou-se do grande número de aves pernaltas que povoavam o local – os guarás. Como o vocábulo “tiba”, em tupi-guarani, significa fartura, Guaratiba, etimologicamente, quer dizer “abundância de guarás” (PINTO, 1986). Nestes termos, o topônimo Ilha de Guaratiba surge do cruzamento de vocábulos britânico e indígena.

Apesar da referida versão advinda de corruptela possuir ampla aceitação, há outra versão que tenta elucidar o porquê de um lugar não cercado por água se chamar Ilha. Vejamos:

Nos antigos mapas de Ilha de Guaratiba era possível observar os dois rios que contornavam o local, transformando o lugar em uma ilha, uma vez que era cercado por suas águas. Nesse período, além das águas dos nossos rios serem mais volumosas, eles eram, igualmente, bem mais influenciados pelas marés. A história do “seu Ilha” é a mais verossímil. No entanto, há outras histórias acerca do nome do lugar. Os guaratibanos antigos diziam que no passado isso aqui era mesmo uma ilha cercada pelos canais da maré. Muitos afirmam até hoje que esses rios eram bastante caudalosos. Esse grande volume de água aumentava ainda mais quando a maré subia e o pessoal daqui da Ilha ficava ilhado nos períodos de maré alta. Os antigos dizem que os rios e canais existentes dificultavam o acesso das pessoas à localidade. Nessa época, o lugar ficava isolado de tempos em tempos, de acordo com a vazão dos rios e canais da maré. Segundo essa versão, o lugar era periodicamente “ilhado” pelas cheias provocadas pelos canais da maré. Havia aqui até mesmo um pequeno porto por onde os produtos agrícolas produzidos nos engenhos eram transportados por meio do rio do portinho (Pipo – biólogo – 49 anos).

Frequentemente todos comungam com a toponímia Ilha de Guaratiba como advinda do nome de um inglês. O morador Pipo, no entanto, busca nas raízes do lugar outra explicação para tal nome. Mesmo não contestando a versão toponímica oficial baseada na

história do William (Seu Ilha), vale reforçar, seu relato anterior apresenta uma ideia diferente acerca do nome do lugar. Em seu depoimento, Pipo salienta que o topônimo “Ilha” estaria atrelado às inundações periódicas de parte da Baixada de Guaratiba, em função da subida das águas nos períodos de maré alta. O citado morador baseia sua teoria nos registros históricos que asseguram a ocorrência de inundações regulares nas áreas próximas aos rios de canal da Planície da Maré de Guaratiba (CASTRO, 2002; PINTO, 1986) e nos estudos arqueológicos (KNEIP, 1987) e biológicos (ARAÚJO, 1987; MENEZES, 2005) da Baixada de Guaratiba. Pipo menciona ainda a ocorrência de um antigo porto em Ilha de Guaratiba, o que comprovaria a existência de rios caudalosos na localidade. A informação do biólogo encontra ressonância em Fridman (1999), que faz referência a existência do Porto da Ilha, em pleno funcionamento no início do século XIX.

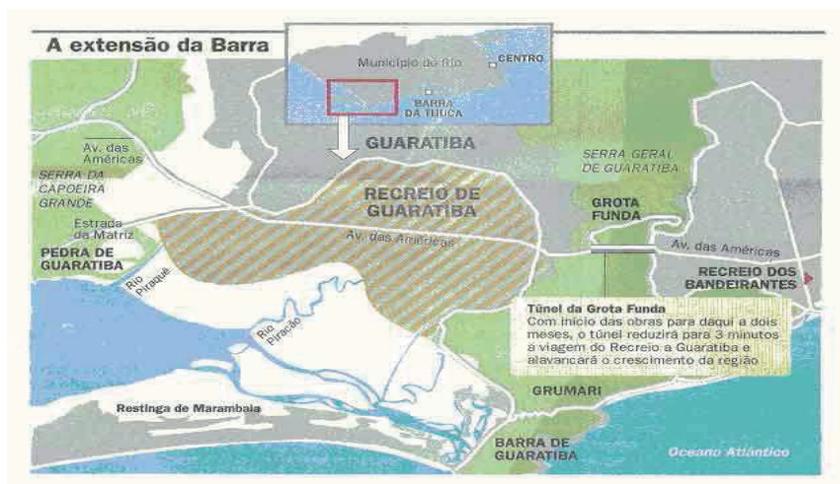
Consideremos o pensamento do morador Rogério – químico – 44 anos. Quando indagado a respeito do nome do lugar, Rogério acentua:

Há um projeto que pretende mudar o nome do nosso lugar para Recreio de Guaratiba. Eu acho essa ideia um absurdo. Nosso nome é parte fundamental de nossa identidade. O nome Ilha de Guaratiba reflete o que o lugar é: uma Ilha cercada pela montanha, pelo verde e pela tranquilidade.

A força e a importância do topônimo “Ilha” pode ser detectada no supramencionado relato. Nele, Rogério demonstra sua indignação com o decreto nº 24230 de 20 de maio de 2004 (anexo 5), projeto do

então prefeito César Maia que pretendia fazer de Ilha de Guaratiba uma “extensão da Barra” (FERNANDES, 2006). O objetivo do ex-prefeito era transformar a localidade em um bairro residencial planejado cujo nome seria “Recreio de Guaratiba” (figura 4). Uma forte identificação para com o lugar e sua denominação fica evidenciada quando Rogério repudia a substituição da toponímia, no caso de Ilha de Guaratiba, revelando memória e identidade.

Figura 4 – Bairro Recreio de Guaratiba, segundo o decreto nº 24230 de 20 de maio de 2004 – gestão do prefeito César Maia.



Fonte: PORTAL Guaratiba. Disponível em: <<http://www.portalguaratiba.com.br>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

Por não ser considerado oficialmente um bairro, Ilha de Guaratiba – bairro eleito por seus moradores – é frequentemente ignoto, sendo

com isso inserido em Guaratiba de maneira geral, como se não possuísse identidade própria. No entanto, os insiders, desbravadores e profundos conhecedores de seu universo vivido sentem-se ofendidos quando seu lugar é acoplado a outro que por rejeição/repúdio, na guerra entre os lugares, pode ser confundido com um espaço com o qual não se identificam.

Evidenciamos, a seguir, as palavras de uma docente moradora de Ilha de Guaratiba:

Sinceramente, não consigo entender o porquê de Ilha de Guaratiba não ser considerada um bairro pela Prefeitura. Além de possuímos uma identidade própria, atrelada ao nosso passado agrícola e aos nossos atributos naturais, nossos limites encontram-se bem demarcados, tanto pela ocupação humana quanto pela Serra da Grota Funda. No meu entendimento são nítidas as características que nos distinguem de Guaratiba como um todo e de nossos bairros vizinhos (Sandra – professora – 57 anos).

Em sua fervorosa aderência ao lugar, a Professora Sandra exhibe a sua indignação por Ilha de Guaratiba não ter autonomia como bairro diante do poder local. Como visto, para ela o lugar merece ser alçado a tal categoria por ser distinto em seus aspectos físicos e culturais.

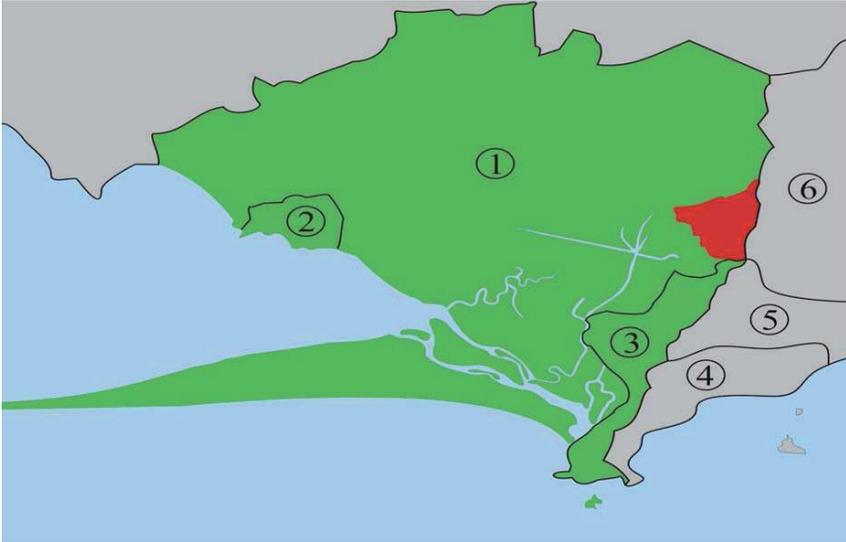
“Limites, fronteiras e obstáculos são questões frequentemente focalizadas nos estudos geográficos” (MELLO, 2001, p. 89). Mesmo geógrafos informais (Lowenthal, 1982), como a moradora Sandra, mencionam esses temas quando ensinam demonstrar a localização de seu universo vivido. Pincemos repetindo parte do seu discurso: “como o bairro não foi ainda oficialmente legitimado? Por que ainda não foi desmembrado de Guaratiba?” Para ela, Ilha de Guaratiba “tem vida

própria” com limites e identidade – elementos essenciais, fundamentais mesmo na defesa do seu lugar vivido.

Nas palavras de Mello (1991, p. 151), “muralhas de diferentes tipos separam” ou segregam o indivíduo em seu mundo. Algumas são naturais, como as montanhas. Outras são criadas pela cultura ou forjadas pela mente humana. “No intramuros, o homem, em seu mundo particular e/ou coletivo, irmanado com os seus” e atado por laços topofílicos ao ambiente circundante, “é convidado a desenvolver suas atividades cotidianas”. Além dos seus limites, o mundo é amedrontador, incômodo, longe da fraternidade que pode ser sentida no universo vivido. As considerações de Mello (1991, p. 151) podem ser evidenciadas no repertório pertencente à oralidade, em depoimentos, como a entrevista da professora Sandra ressaltando a “identidade própria” de Ilha de Guaratiba e os limites “bem demarcados, tanto pela ocupação humana quanto pela Serra da Grota Funda”.

Com efeito, explorando ainda o universo de ideias da Professora Sandra, convém frisar: Guaratiba é representada pela região administrativa do mesmo nome, sendo composta por três bairros: Pedra de Guaratiba, Barra de Guaratiba e Guaratiba, este último, o mais extenso bairro do município do Rio de Janeiro, e no qual se encontra Ilha de Guaratiba. Apesar da amplidão dessa área, constatamos em pesquisas qualitativas ser em Ilha de Guaratiba que os elementos aqui citados, concernentes à toponímia local, estão fortemente caracterizados, fornecendo à localidade uma sólida identidade (figura 5).

Figura 5 – Ilha de Guaratiba – localização.



Legenda:

→ Ilha de Guaratiba

- ① → Guaratiba
- ② → Pedra de Guaratiba
- ③ → Barra de Guaratiba
- ④ → Grumari
- ⑤ → Recreio dos Bandeirantes
- ⑥ → Vargem Grande

Fonte: FERNANDES, 2003.

O guará, outro exemplo, não é evocado como símbolo em Guaratiba como um todo. Mas em Ilha de Guaratiba, a ave que deu nome ao lugar simboliza um retorno ao passado e uma veneração à natureza.

5.2 O simbolismo dos elementos naturais

Plainemos, a seguir, sobre um outro discurso concernente ao conteúdo simbólico de Ilha de Guaratiba:

Nossos elementos naturais possuem um simbolismo muito grande. Aqui em Ilha de Guaratiba, quando olhamos a nossa volta, nos deparamos com o verde e a montanha que nos proporcionam uma paisagem exuberante. Como um dos símbolos do lugar eu elegeria a Serra da Grota Funda. Eu acho perfeito o entrelaçamento entre o verde e a montanha. Fico do meu quintal apreciando aquela linda montanha verde. Para mim, esse é o nosso maior símbolo. O guará é outro símbolo do lugar. A ave representa nossa natureza exuberante. Quando se fala em símbolos de um lugar como Ilha de Guaratiba, não há como deixar de considerar a origem de seu topônimo. O nome Guaratiba provém dos muitos guarás que povoavam o local. Registros científicos da avifauna comprovam que até a década de 1980 havia um casal remanescente de guarás na localidade. Essas aves teriam sido abatidas por um pesquisador que precisava registrar a ocorrência da espécie no local. Esse fato gerou uma grande polêmica, mas comprovou cientificamente que os guarás eram originários de Guaratiba. Os fósseis dessas aves abatidas, inclusive, encontram-se expostas no museu nacional como os últimos guarás de Guaratiba. Considero o guará o símbolo de Ilha de Guaratiba por estar vinculado ao nome

do lugar e associado à sua natureza (Marcelo – professor universitário – 36 anos).

O depoimento acima alude aos símbolos mais emblemáticos do lugar no entendimento de um de seus moradores. Para Marcelo – o guará, o verde, a montanha e o cenário produzido pelo entrelaçamento dos elementos mais visíveis da paisagem natural são as marcas que melhor representam o lugar (FIGURA 6).

Apesar da notória veneração atual ao ambiente bucólico, notabilizada pelas palavras do residente entrevistado, em pesquisas anteriores (FERNANDES, 2003; 2006), o que hoje representa um símbolo ostentatório, constituía-se uma expressão de desagrado, uma vez que remetia o lugar a uma condição de atraso em relação aos bairros urbanizados da cidade. Nestes termos, a atmosfera rural e campestre de Ilha de Guaratiba, sobretudo para os jovens, remetia o bairro a um estágio pretérito em descompasso com o restante da cidade. Na tentativa de elucidar os motivos pelos quais um determinado artefato ou lugar acresce ou decresce valor às suas características, Mello (2003) preconiza que um símbolo perde ou recebe tal distinção dependendo da escuridão ou da claridade a ele atribuída no transcurso do tempo. Assim sendo, à medida que a sociedade e a cultura mudam com o tempo, a relação para com o ambiente pode igualmente transformar-se rumando até mesmo para uma verdadeira veneração à natureza (TUAN, 2012).

Figura 6 – Serra da Grota Funda ou Serra Geral de Guaratiba, elevação pertencente ao “Maciço da Pedra Branca” que separa Ilha de Guaratiba – à oeste – do Recreio dos Bandeirantes



Fonte: REDONDO, 2012

As primeiras evocações humanas em relação à natureza nos remetem ao medo e aversão a um ambiente hostil, onde a vulnerabilidade antrópica era patente ante um habitat selvagem no qual o homem demonstrava notória inaptidão para viver (PARK, 1976; TUAN, 2005). As primeiras cidades e/ou assentamentos humanos como Jericó (na Palestina) e Ur na antiga Mesopotâmia (atual Iraque) surgiram milênios antes de Cristo, sendo protegidas dos exércitos inimigos e dos muitos perigos da natureza por grandiosas muralhas (SOUZA, 2005). Foi preciso o surgimento das grandes cidades da

época de Alexandre, o Grande para que se produzisse uma forte reação favorável à rusticidade dos ambientes naturais. Nesses passos, quando uma sociedade alcança certo nível de desenvolvimento e complexidade, as pessoas começam a observar e apreciar a relativa simplicidade da natureza. Esse tipo de sentimento surgiu apenas após a construção das urbes, por excelência, quando as pressões da vida urbana tornaram atrativa a paz rural e a apreciação romântica da natureza (TUAN, 2012). Esta, outrora símbolo de ambiente topofóbico (TUAN, 2005), hodiernamente representa atributo indispensável para a valorização das áreas no âmbito do intra urbano e mérito essencial para a agradabilidade dos lugares. Nesse particular, o tripé de amenidades, ou apenas um de seus itens – mar-verde-montanha – nos nossos dias constitui elemento de valorização nas grandes cidades (ABREU, 2008; ASSIS, 2003; CORRÊA, 2000; MELLO, 2007).

O cenário de áreas enobrecidas, ostentado pela riqueza das amenidades verde-mar-montanha representa, hodiernamente, um símbolo de morar bem e de status, de uma maneira geral. Em Ilha de Guaratiba, dotada de verde-montanha, estes predicados integram a memória daqueles que se encontram enraizados no lugar e, mais recentemente, atraem e se ajustam às expectativas dos novos moradores.

Como toda porção espacial, Ilha de Guaratiba possui características específicas, responsáveis por sua distinção com relação aos demais lugares. Nesse contexto, seus atributos naturais tornam-se exemplo patente de sua particularidade. Com efeito, sendo

uma área de baixada com um verde amplo e singular, cercado em grande parte pelo Maciço da Pedra Branca (Serra Geral de Guaratiba), o lugar tem como marca sua exuberante paisagem natural, proporcionada pela junção verde-montanha (FERNANDES, 2003, 2006, 2009).

O relevo, segundo Guerra (1993), constitui um dos elementos fundamentais da área física sendo suas formas e camadas estudadas pelos geógrafos. Por ostentar montanhas e planícies em seus domínios, o bairro Ilha de Guaratiba tem sido foco de pesquisas desses especialistas. Ao longo do tempo, a morfologia local exerceu grande influência transformando Ilha de Guaratiba em um lugar, propriamente dito. Sua topografia é composta basicamente por uma área de planície (Planície da Maré de Guaratiba) – onde algumas “barreiras” surgem sob a forma de relevos arredondados isolados (FERREIRA e OLIVEIRA, 1987). A morfologia local se confunde com a vegetação das baixadas, encostas e maciços proporcionando assim uma vista graciosa, tanto do alto do maciço, de onde podemos vislumbrar um rico panorama, quanto da própria planície, onde ao olharmos para a cadeia montanhosa, nos deparamos com o quadro apresentado pelos morros que contornam o lugar.

Em relação ao verde, Ilha de Guaratiba é privilegiada. No lugar encontram-se importantes áreas de preservação ambiental com significativos trechos de mata atlântica. A notabilidade do verde predominando na planície, aliado à serra florestada, confere ao lugar uma paisagem de “indescritível beleza”, como bem salientou Magalhães Corrêa em suas andanças pelo sertão carioca de então

(CORRÊA, 1936, P.192). A descrição do citado pesquisador que remonta à década de 1930, ainda hoje é referendada por guaratibanos que também mencionam estes elementos e a paisagem que proporciona como os mais relevantes símbolos de seu lugar vivido.

Os domínios naturais há décadas são valorizados pelos agentes imobiliários, sendo utilizados como uma espécie de chamariz pelos especuladores de imóveis (ABREU, 2008; ASSIS, 2003; CORRÊA, 2000; MELLO; 2007). Além disso, a paisagem bucólica detém uma expressiva carga simbólica para os indivíduos e grupos sociais, possuindo, nesse ínterim, uma forte influência, tanto na construção de identidade, quanto na formação do lugar (COSTA, 2008; MASSEY, 2008).

Em seu relato, anteriormente assentado, o professor universitário Marcelo enfatiza sua relação com a natureza (o verde e a montanha), deixando patente que o quadro natural da localidade exerce sobre ele certo fascínio. Por seu turno, mesmo a citação do guará como símbolo do lugar, reverencia a natureza exuberante de Ilha de Guaratiba. Frases como “esse é o nosso maior símbolo” denotam um notório sentimento de pertencimento, onde em meio a introjeções não é possível separar o indivíduo (Marcelo) de seu lugar-símbolo (Ilha de Guaratiba).

Perseguindo ainda o descortinar do universo simbólico de Ilha de Guaratiba, consideremos o parecer de mais um de seus moradores:

Pode até parecer uma grande bobagem, mas, no meu entendimento, os elementos que melhor representam o nosso lugar é o caranguejo e a garça. Aqui, os manguezais afloram por

toda a baixada. A quantidade de caranguejos e garças é marcante nesse ambiente e em toda a localidade. Outra coisa aparentemente simples que me chama a atenção é o fato da Ilha ser o único lugar onde ainda é possível encontrar “banana verdadeira”, cultivada naturalmente em suas encostas e sem a adição de carbureto no seu processo de maturação. Devido aos seus imensos bananais e a qualidade dos frutos produzidos, eu elejo a banana prata como um dos símbolos de Ilha de Guaratiba (José Maria – produtor rural – 80 anos).

Por serem íntimos, particulares e individuais, os símbolos podem variar de pessoa para pessoa podendo assim emergir, por meio de experiências pessoais, inusitados símbolos, como os acima relatados. José Maria morava no Recreio e conheceu Ilha de Guaratiba por meio dos hortos que comercializam plantas ornamentais. Em 1993, comprou uma propriedade e passou a residir permanentemente no lugar. A vivência construída em seu novo meio ambiente permitiu que o produtor rural se identificasse com um dos elementos pertencentes ao nicho de características do local: a banana prata – cultivada nas encostas.

No decorrer do tempo, a banana prata tomou o lugar do café nas encostas da Serra Geral de Guaratiba após a decadência da cafeicultura. Até a década de 1980 era comum pessoas subirem aos morros de Ilha de Guaratiba, onde a banana prata podia ser colhida madura sem restrições, tamanha sua fartura. Nessa época, o produzia uma grande quantidade desse produto, que era então vendido nas feiras-livres e no CEASA. Hodiernamente, apesar de não apresentar mais a grande produção de outrora, a banana prata ainda constitui um dos símbolos do lugar, sendo comercializada (in natura) às margens das estradas da localidade.

José Maria cita também os caranguejos e as garças, espécies representativas do biossistema mangue, como símbolos do lugar. Os caranguejos vivem escondidos em tocas profundas nas áreas próximas ao litoral. Mesmo após parte da baixada de Guaratiba passar pelo processo de aterramento que cedeu lugar aos condomínios, ainda é possível encontrar uma grande quantidade de caranguejos nos mangues da localidade. De igual modo, as garças são bastante comuns nessa área. Muitos condomínios do lugar fazem alusão a essa ave em seus nomes. São exemplos o Condomínio Recanto das Garças e o Residencial Reserva das Garças.

Por seus encantos, Ilha de Guaratiba pode ser considerada uma grande ágora, onde os elementos da natureza foram eleitos os maiores responsáveis por conferir ao lugar suas principais especificidades. As citadas características físicas e paisagísticas do local tornaram-se também seus símbolos mais visíveis e, por isso mesmo, os mais evocados. No entanto, na espacialidade em questão persistem símbolos que nos remetem a temporalidades distintas. Como é comum nos locais que passam por mudanças espaciais, encontramos em Ilha de Guaratiba elementos representativos do passado e outros que nos remetem ao presente. Em relação ao simbolismo de outrora, é importante salientar que, mesmo não representando mais uma realidade visível e/ou pulsante, esses elementos simbólicos ainda permeiam mentes saudosas dos guaratibanos. No tocante aos símbolos hodiernos, é marcante a gama de significados que se manifestam na vida de relações dos moradores de Ilha de Guaratiba.

5.3 Descortinando símbolos pretéritos e hodiernos de Ilha de Guaratiba

Uma tendência humana comum repousa em ancorarmos o leque de aderências, pertencimentos e sentimentos em nosso lugar a determinadas experiências e símbolos do passado (MELLO, 1991; 2000; 2003; 2008; TUAN, 1982; 2012; 2013; BUTTIMER, 2015). Nesta trilha, consideremos as palavras a seguir:

Sinto saudade da vida rural que vem se desfazendo à medida que o lugar vem sendo invadido por essa urbanização desenfreada. Tenho saudade dos laranjais. Nos meus tempos de criança era uma grande aventura “roubar” laranja na roça do Sr. Valdir. Daqui de casa eu avistava os pés de laranja lotados e não resistia. As brincadeiras dessa época: brincadeiras de roda, bandeirinha, queimado, entre outras, aproximavam mais as pessoas. Hoje, os jogos digitais e a internet representam a norma, aumentando o individualismo e o distanciamento entre as crianças e entre as pessoas de um modo geral. Uma atmosfera rural nos envolvia. Essas características sempre marcaram o nosso lugar e estão se perdendo com o tempo. A proximidade entre as pessoas era bem maior. Eram poucas famílias e conhecíamos todos os moradores pelo nome. Que saudade dessa época (Dalva – dona de casa – 68 anos).

Em seu depoimento carregado de nostalgia e orgulho, a moradora Dalva relata alguns acontecimentos, experiências, folguedos, características e símbolos pretéritos que permanecem vivos, pulsantes e sempre presentes em suas lembranças. Os símbolos imateriais de Ilha de Guaratiba são exaltados por conta da beleza da vida campestre do lugar em tempos memoráveis. Por pulsarem vigorosamente na memória de saudosistas que os

vivenciaram em seus momentos de esplendor, são relatados com um patente sentimento de pesar. Certamente, Dona Dalva gostaria que essas características simbólicas do lugar não se perdessem na voragem do tempo. Seu depoimento, envolto em melancólica expressão, remete à cordialidade, ao bucolismo, bem como à interação, à amizade e às demais características diretamente ligadas às relações interpessoais. Isto demonstra, por si só, a natureza dessa gama de simbólicos bens imateriais atrelada e introjetada à conjunção pretérita do seu lugar vivido.

Muitos pensadores comungam com a ideia de que as mudanças espaciais e sociais ocorridas na maioria das comunidades, levam seus moradores a pensarem que “os modos de vida perdidos são os modos certos de viver” (GONDAR e DODEBEI; 2005, p. 9). Um indivíduo, quase “nunca dá valor ao que tem, até perder” (BUTTNER, 2015, p. 5). Este sentimento saudosista, geralmente está associado às pessoas mais velhas (NORA, 1993; BOSI, 2003). Este é o caso da Dona Dalva que, com 68 anos de experiências vividas em Ilha de Guaratiba, possui muitas lembranças do lugar em distintas temporalidades. Suas memórias revelam geografias de outrora que, embora estejam relacionadas a espacialidades pretéritas, permanecem vivas em sua memória e em seu coração. São “geografias memoráveis” que deixaram saudades.

Tanto os lugares quanto os símbolos podem ser forjados em meio a experiências imediatas. À primeira vista o indivíduo pode se enamorar de um ponto qualquer. Por outro lado, pode necessitar de um determinado intervalo de tempo para que um artefato capte sua

atenção, ascendendo ao patamar de símbolo ou lugar (MELLO, 1991, 2003). Ao salientar o lugar como um reservatório de lembranças e sonhos, Tuan (2013, p. 227) frisa: “a sensação de tempo afeta a sensação de lugar”. Vejamos um trecho que aponta para a relevância do passado como pilar da identidade individual e coletiva e fonte de significação e simbolismo:

O que pode significar o passado para nós? As pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade. Eu sou mais do que aquilo definido pelo presente fugaz. Eu sou mais do que alguém que neste momento luta para expressar o pensamento em palavras: Eu também sou um escritor cujo livro foi publicado, e aqui está o livro, encadernado, ao meu lado, renovando minha confiança (...). Para fortalecer nosso sentido do eu, o passado precisa ser resgatado e tornado acessível (TUAN, 2013, p.227-228).

Cada pessoa carrega consigo o seu lugar por meio de vivências, familiaridade, afeição, pertencimentos e outras experiências. Esse leque de sentimentos é tecido ao longo do tempo e evocado, consciente ou inconscientemente, a todo instante, denotando que aquilo que somos e possuímos resulta de nossa história e do mosaico de experiências que vivenciamos em nosso lar, assim entendido nas mais diversas escalas (BUTTNER, 2015). Nesse sentido, “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” (TUAN, 2012, p.144) e a história, a responsável pelo sentimento de pertença e amor pela esfera do vivido, uma vez que, no transcurso do tempo, uma pessoa investe parte significativa de sua vida emocional em seu lar e em seu bairro (TUAN, 2012).

O ser humano procura entender o mundo a partir de sua vivência pretérita (LOWENTHAL, 1982; 1998), assimilando no curso de sua vida elementos apresentados pela educação formal e informal. Trata-se, como defendem os filósofos, do chamado estoque de conhecimento (SCHUTZ, 1979). Nestas circunstâncias, “as experiências nos cenários do passado são tesouros guardados com grande ternura” (MELLO, 1991, p.235). Comungando com essa premissa, Harvey (1992), recorrendo a Rossi, cita o referencial histórico e o acervo do passado como fonte de significação dos “símbolos culturais”:

O impulso de preservar o passado é parte do impulso de preservar o eu. Sem saber onde estivemos, é difícil saber para onde estamos indo. O passado é o fundamento da identidade individual e coletiva; objetos do passado são a fonte da significação como símbolos culturais. A continuidade entre passado e presente cria um sentido de sequência para o caos aleatório e, como a mudança é inevitável, um sistema estável de sentidos organizados nos permite lidar com a inovação e a decadência. O impulso nostálgico é um importante agente do ajuste à crise, é o seu emoliente social, reforçando a identidade quando a confiança se enfraquece ou é ameaçada (HARVEY, 1992, p. 85).

Uma vez que toda experiência vivida remonta ao passado, é inquestionável a relevância das vivências, dos lugares e dos símbolos de outrora no processo de construção de identidade (HARVEY, 1992). Tal acervo vincula as pessoas ao seu lugar vivido passando a ser proclamado e reverenciado não apenas por suas características contemporâneas, mas também pela história e geografia que foram construídas pelos indivíduos e grupos sociais em seu chão

experienciado ao longo do tempo. Como já explicitado, “a história exerce um papel essencial no sentido humano de territorialidade e lugar” (TUAN, 1982, p. 156). Neste ponto, “a identidade de um lugar é a sua característica física, sua história e como as pessoas fazem uso de seu passado para promover a consciência” (TUAN, 1982, p. 156).

Retornando aos elementos simbólicos de Ilha de Guaratiba, expressos no depoimento de Dona Dalva, proximidade e contato entre vizinhos são a base para a mais simples e elementar forma de associação com que lidamos na organização da vida comunitária. No entanto, sob as complexas influências da vida urbana, o que se pode chamar de sentimento de vizinhança tem sofrido mudanças radicais, tendo produzido diferentes tipos de comunidades locais. Nesse sentido, podemos dizer que existem vizinhanças nascentes – em fase de adaptação – e vizinhanças em estágio de dissolução e metamorfoses. No meio citadino, como sublinham Park, 1976 e Simmel, 1976, os laços de vizinhança tendem a perder muito em importância. Em contraste, nas comunidades mais simples aflora uma intensa vida de relações. Assim sendo, a reserva, a indiferença e o ar blasé manifestados nas relações humanas podem ser entendidos como instrumentos utilizados por indivíduos para se imunizarem contra exigências pessoais e expectativas de outros (WIRTH, 1976).

O superficialismo, o anonimato e o caráter transitório das relações urbano-sociais explicam, outrossim, a sofisticação e mesmo o esnobismo geralmente atribuídos ao habitante da cidade (PARK, 1976; SIMMEL, 1976; WIRTH, 1976), sobretudo nos bairros nobres, com estrato de renda mais elevado, engradeados em meio a um

etnocêntrico desdém o que, de certa maneira, já estaria sendo sinalizado em Ilha de Guaratiba, por conta do crescimento da renda e auto segregação.

Com respeito aos citados traços característicos do modo de vida urbano, vinculado ao “desaparecimento” do sentimento de vizinhança e à corrosão da base tradicional da solidariedade social, Corrêa (1992, p. 34-35), argumenta:

A densificação, por ter implicado significativa mobilidade residencial interbairros, gerou como consequência o desaparecimento de unidades de vizinhança onde todos se conheciam e, quando necessário, se ajudavam mutuamente (...). Associado a esta mudança está o crescente anonimato da população residente nos bairros de classe média. Anonimato que inclui uma certa dose de desconfiança e medo do outro.

Como vemos, há décadas, pesquisadores se debruçam sobre questões atreladas às diferenças ocorridas na vida de relações. Nos lugares centrais e/ou nas localidades urbanas, as citadas relações geralmente são formais, podendo ser frias e dadas à indiferença entre as pessoas. Nos bairros periféricos e/ou nos lugares comunitários, por sua vez, as relações pessoais denotam proximidade e um forte sentimento de vizinhança como evidenciado na abertura de portas e nas ruas ou vielas vivenciadas como extensão da casa. No tocante à Ilha de Guaratiba, um lugar em transição, os estreitos laços de vizinhança, aos poucos, vem sendo substituídos pelo estranhamento entre as pessoas. Essa evidência é reportada por moradores experientes como a Dona Dalva. O depoimento da guaratibana em questão nos oferece sustentação para entendermos uma situação

cada vez mais comum em meio à inexorável marcha urbanizadora que presenciámos: o estranhamento e o não reconhecimento dos antigos moradores em relação aos novos residentes. Este fenômeno torna-se cada vez mais comum em lugares tais como Ilha de Guaratiba, localizada nos limites periurbanos. As palavras da moradora Dalva, embora estejam ligadas às mudanças em curso no bojo de uma metrópole, possuem um explícito teor conotativo. Por meio da interpretação do relato em questão, podemos entender que transformações espaciais podem conduzir a metamorfoses existenciais. Asserções como esta, no entanto, tornam-se possíveis, apenas, por meio de pesquisas qualitativas. Através de entrevistas ou conversas informais torna-se possível explorar o universo particular das pessoas. Assim, diferentes elementos simbólicos de Ilha de Guaratiba podem ser explicados considerando as aderências e os demais sentimentos de pertença que, em meio a introjeções, endereça até mesmo o indivíduo a um passado idílico.

Neste nicho de apreciações, procurando decodificar o pensamento da moradora Dalva, quando um lugar alcança certo nível de desenvolvimento e complexidade, as pessoas tendem a conferir mais valor à relativa simplicidade dos antigos hábitos. Estes, entretanto, são superados pelas novas relações – baseadas não mais na camaradagem, trocas e solidariedade – mas, na desconfiança, no medo e no distanciamento entre as pessoas (TUAN, 2005; 2012). Quando os membros de determinado grupo social ou comunidade percebem que as mudanças estão ocorrendo muito rapidamente, a saudade de um passado idílico aumenta sensivelmente (TUAN, 2013).

Uma vez que “os significados emergem das experiências mais profundas que se acumulam através do tempo”, esse repositório de significados torna-se um símbolo (TUAN, 2012, p.203). Neste atalho, o papel da vizinhança que revela o bucolismo de um passado recente é evocado por guaratibanos como a Dona Dalva revelando características simbólicas do lugar. Embora tenha perdido a profundidade de outros tempos, a proximidade – que forjava identidade, sentimentos, familiaridade e reciprocidade – permanece presente nos corações e mentes saudosos daqueles que se vincularam ao lugar por meio das experiências nele vividas.

O tempo passa deixando seu rastro repleto de história vivida ou memorialista. Esta, anexada ao presente, corresponde a uma esmerada compilação de símbolos materiais e imateriais que, por mais distantes que estejam dos olhos, das mãos e dos demais sentidos, é responsável por dotar nossas vidas de significados e valores, uma vez que somos o resultado de nossas experiências vividas ao longo do tempo (TUAN, 2013).

O domínio aqui abordado, referente à devoção, benquerência, apego, proximidade e aos saudosos laços de vizinhança que vigoravam em tempos memoriais em Ilha de Guaratiba, compõem um dos mosaicos simbólicos pretéritos difundidos por membros da coletividade. Além dos elementos representativos salientados nas páginas anteriores, outros eventos e características de outrora continuam a permear a alma geográfica de guaratibanos saudosos desses tempos memoráveis. Nesta direção, consideremos, um outro rico relato do morador Benedito:

A sede social do Ilha Futebol Clube é um dos símbolos mais emblemáticos da localidade. O “Clube do Ilha” é o elemento que melhor representa a cultura do lugar e a maneira de viver do guaratibano. Como eram vibrantes os domingos no Ilha Futebol Clube! E as festas no Clube do Ilha! Foram experiências memoráveis que marcaram a minha geração. O campo de futebol e o clube (sede social) eram os points da galera. Eu também me apego muito ao passado quando me lembro do samba na “quadra” e dos desfiles dos quais participávamos todo ano. O carnaval aqui em Ilha de Guaratiba era incrível nessa época (Dito – vendedor – 50 anos).

Os símbolos construídos de Ilha de Guaratiba, aludidos no relato acima, são exatamente aqueles que atualmente permanecem em condição de resplandescência no íntimo de pessoas como o morador Dito, considerando-se o glamour e a luminosidade que acolhiam em outros tempos. Esse é o caso da quadra de ensaios do Grêmio Recreativo Escola de Samba União de Guaratiba, da sede social do Ilha Futebol Clube e de seu campo, o estádio Hélio Pantaleão de Mello. Até os anos 1980, esses artefatos resguardavam entusiásticas manifestações populares em meio às maiores paixões do brasileiro em geral e do guaratibano em particular, quais sejam o carnaval e o futebol.

O carnaval de rua em Ilha de Guaratiba sempre esteve entre os mais animados do perímetro em tela. Já na década de 1960, os festejos carnavalescos promoviam grandes ajuntamentos no principal logradouro do lugar, o Largo da Ilha, para onde convergiam foliões de várias localidades. Essa qualidade inata do guaratibano em promover tais folias culminou com o surgimento do bloco carnavalesco Unidos da Ilha de Guaratiba, criado em 1977. O depoente senhor Benedito,

conhecido na localidade como Dito, sempre foi um dos entusiastas desta agremiação, sendo um dos principais puxadores dos sambas-enredo nos períodos pré-carnavalescos. Em seus primeiros anos, o citado bloco desfilava em Campo Grande, em momentos festivos organizados pela Região Administrativa que reunia, igualmente, outros blocos carnavalescos das redondezas. A partir de 1980, no entanto, a agremiação foi registrada na RIOTUR, passando a compor a Federação de Blocos Carnavalescos da Cidade e a receber também recursos dessa entidade. O referido bloco iniciou sua profissionalização compondo o grupo 8, passando a desfilar em Padre Miguel. Como bloco carnavalesco, o Unidos da Ilha de Guaratiba chegou ao auge em 1992. No ano seguinte, a Diretoria optou por transformar o bloco em escola de samba, na medida em que este passou a ter tal direito. Daí em diante, o G.R.E.S. União de Guaratiba não venceu um carnaval sequer e entrou em decadência. Sua quadra de ensaios, outrora apinhada de foliões, foi alocada recentemente por uma madeireira e se transformou em um grande depósito de madeiras (FERNANDES, 2010).

O futebol também imprimiu relevantes marcas no lugar. Exemplo disso é a referência memorialística ao campo do Ilha Futebol Clube e à sua sede social, onde guaratibanos como o Senhor Dito viveram momentos marcantes, experiências que elevaram esses artefatos, hodiernamente deteriorados, à condição de símbolos do lugar. Isto aponta para a natureza permanente e íntima da carga simbólica dos lugares (TUAN, 2013; MELLO, 2003).

O Ilha Futebol Clube foi fundado em 1948 por um dos mais influentes guaratibanos da época, o Sr. Hélio Pantaleão de Mello. Seu campo, sob a toponímia de seu pioneiro empreendedor, e sua sede social, o Clube do Ilha, foram durante décadas opções recreativas da localidade. Isto posto, cabe sublinhar: em outra parte do relato do morador Benedito, não transcrito acima, irrompem outras nuances da vida de relações desta agremiação. Neste contexto, apesar de nunca ter se profissionalizado, o time do Ilha, até a década de 1980, possuía torcida organizada. Os campeonatos, torneios e jogos promovidos pelo clube eram muito requisitados e disputados, estando o campo sempre apinhado de torcedores e admiradores do time. As atividades diurnas no campo eram intensas, havendo treinos e jogos das várias divisões de base que vigoravam: infantil, juvenil, segundo quadro e primeiro quadro. Nas noites de sexta, sábado e domingo, a diversão ficava por conta de animadas festas e bailes promovidos em sua sede social.

A rememoração da quadra da escola de samba e do tríduo momesco, bem como ao campo do Ilha e ao futebol como símbolos, refletem o significado desses elementos para uma pessoa que viveu ali momentos marcantes de sua vida. A identificação com esses artefatos, forjada por meio de experiências, os transformaram em símbolos imorredouros.

Pertinente ao universo simbólico de uma Ilha de outrora, imortalizada na memória, vejamos o que nos reserva o relato a seguir:

Por representar durante décadas o nosso único meio de transporte, o bondinho era tudo para nós. Tenho muita saudade do bonde. Até a década de 1960, quando parou de circular, era um grande orgulho para o guaratibano. Afinal, pouquíssimos lugares podiam desfrutar desse meio de transporte na época. O Sítio Roberto Burle Marx é outro símbolo de Ilha de Guaratiba, bem como a capela São Salvador do Mundo (Mazinho – aposentado – 66 anos).

O bonde representou um importante elemento no processo de expansão urbana do Rio de Janeiro (WEID, 1997). Para Abreu (2008), os dois elementos responsáveis pela expansão da cidade foram os trens (circulando nos trilhos a partir de 1858) e os bondes, transitando pós 1868. Trens e bondes passaram a ter uma atuação conjunta no que tange à conexão e à dança dos lugares, se quisermos recorrer às ideias conceituais de David Seamon (1980) e Paulo Maurício Rangel (2013) na versão para o português editada pela revista *Geograficidade* e como registrado na obra de Maurício Abreu (2008) a seguir especificado. Nesse sentido, podemos asseverar, os bondes conectavam os bairros mais afastados da cidade às estações pertencentes à Estrada de Ferro Dom Pedro II, inaugurada em 1858 e estendida à Santa Cruz em 1878. A linha férrea pela qual trafegava os bondes que ligavam Ilha de Guaratiba à estação ferroviária de Campo Grande foi inaugurada em 1924. Com uma extensão de aproximadamente 20 quilômetros, esta via, administrada pelo extinto serviço de transporte rural da municipalidade, foi desativada em 1967, quando seus trilhos foram encobertos pelo asfalto da atual Estrada da Ilha. No entanto, décadas após sua extinção, o bondinho da Ilha (figura 7), ainda é lembrado e reverenciado como um dos símbolos pretéritos do lugar pelo morador Mazinho. Os bondes faziam parte da

coreografia empreendida no dia-a-dia transportando a massa trabalhadora, estudantes e pessoas comuns no seu ir e vir. A febre do rodoviarismo e a implantação da indústria automobilística no país, em 1957, provocou a retirada dos trilhos dos bondes, no Rio de Janeiro, então Estado da Guanabara, durante o Governo Lacerda (1960-1965) e na gestão de Negrão de Lima (1965-1970).

Figura 7 – Bonde da Ilha em 1967, último ano de sua circulação sobre a linha 11, que conectava a localidade à estação ferroviária de Campo Grande



Fonte: PORTAL Guaratiba. Disponível em: <<http://www.portalguaratiba.com.br>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

Outros elementos culturais emergem no depoimento do morador Mazinho. Este eleva à condição de símbolos do lugar o Sítio Roberto Burle Marx e a Igreja São Salvador do Mundo. Como salientado no capítulo anterior, em 1949, Burle Marx adquiriu na localidade o Sítio Santo Antônio da Bica. No local havia uma antiga casa de fazenda e uma pequena capela do século XVII (figura 8), dedicada a Santo Antônio. Burle Marx restaurou ambos os prédios e levou para o sítio sua coleção de plantas que, desde então, não parou de crescer. Em 1973, o paisagista mudou-se em definitivo para o sítio, onde faleceu em 4 de junho de 1994. Antes, em 1985, o renomado Burle Marx doou o seu sítio ao Governo Brasileiro que o administra por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Apesar da relevância histórica e científica do Sítio Roberto Burle Marx, fato que atrai ao local um considerável afluxo de visitantes diariamente, sua alusão como símbolo é fruto do papel desempenhado por seu fundador na localidade. Burle Marx morreu há mais de vinte anos. Sua influência, no entanto, permanece viva, tanto na configuração física do lugar quanto na mente de seus moradores.

Figura 8 – Igreja Santo Antônio da Bica, erguida em 1690, hoje pertencente ao Sítio Roberto Burle Marx.



Fonte: SÍTIO Roberto Burle Marx. Disponível em: <<http://sitioburlemarx.blogspot.com.br>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

Fora dos domínios do Sítio do Doutor Honoris Causa Roberto Burle Marx (título concedido pela Academia Real de Belas-Artes de Haia, da Holanda, e pelo Royal College of Art de Londres, Inglaterra, ambos em 1982), outro símbolo cultural há séculos fascina moradores e visitantes da Ilha de Guaratiba: a Igreja São Salvador do Mundo ou Igreja Matriz de Guaratiba (figura 9). Construída no alto de uma colina em 1676, o templo ainda guarda sua arquitetura original (SANTOS, 1965; FRIDMAN, 1999). Por sua beleza e história, a Igreja Matriz,

igualmente, merece a menção de guaratibanos como Mazinho, que eleva esse templo à condição de símbolo do lugar.

Figura 9 – Igreja São Salvador do Mundo: Igreja Matriz de Guaratiba



Fonte: REDONDO, 2012.

Imbuídos pelo desejo de traduzir esta Ilha de símbolos, consideramos relatos de guaratibanos de diferentes idades como o da jovem Vitória. Vejamos o que ela tem a nos dizer:

O Túnel da Grota Funda é o símbolo máximo e maior condutor de todo esse processo de mudança pelo qual o nosso lugar vem

passando. Antes de sua construção, ainda havia a montanha que nos separava do restante da cidade. Era comum atravessarmos o maciço em uma hora. Isso ocorria devido aos constantes engarrafamentos, agravados pela existência de apenas uma pista de mão dupla. Esse era o único caminho para o Recreio, a Barra e a Zona Sul. As pessoas pensavam duas vezes antes de vir morar aqui. Devido a Serra da Grota Funda, a viagem se tornava demorada e desgastante. Agora, apenas dois minutos nos separam do Recreio. A partir de 2012, quando o túnel foi inaugurado, Ilha de Guaratiba ficou mais em evidência na mídia. O lugar, finalmente, foi conectado à cidade. A Serra da Grota Funda nos remontava a uma coisa meio mística. Ela nos passava a impressão de que, quando saíamos da cidade, entrávamos em outro mundo. Agora não é mais assim. Entramos no túnel e, dois minutos depois, já estamos em Ilha de Guaratiba. Hoje, não vejo mais tanta diferença entre o lugar e o restante da cidade. Após a inauguração do túnel, na prática, nosso bairro deixou de ser rural. Antes, ainda estávamos escondidos e protegidos da cidade pela Serra da Grota Funda. Agora, no entanto, estamos expostos. Somos parte da cidade que cresceu nessa direção. O túnel foi construído para dar continuidade ao processo de urbanização que vigora na Barra da Tijuca e no Recreio dos Bandeirantes. A Baixada de Guaratiba é a única grande gleba de terras da cidade que ainda é devotada à natureza. Aqui ainda há muito espaço vazio, e é isso que as construtoras procuram (Vitória – estudante – 21 anos).

Em relação ao hodierno contexto do lugar, é cada vez mais comum a eleição de um símbolo em particular por parte dos moradores de Ilha de Guaratiba, qual seja o Túnel da Grota Funda. Esta é uma tendência, principalmente, entre os moradores mais jovens como é o caso da Vitória.

O Túnel Vice-Presidente José Alencar (Túnel da Grota Funda), ligação subterrânea sob a Serra da Grota Funda (Serra Geral de Guaratiba), conecta a baixada de Guaratiba (Ilha de Guaratiba) ao bairro Recreio dos Bandeirantes. A proposta para a construção deste túnel vinha sendo debatida desde a década de 1950. A obra anunciada por diversos governos, no entanto, sempre esbarrou em

diversos problemas de ordem ambiental/política/econômica/administrativa e se estendeu por décadas até sair do papel. Com a implantação do corredor viário conhecido como “Transoeste”, as obras para a perfuração do túnel foram iniciadas em 14 de setembro de 2010. Vale frisar, esse empreendimento vincula-se diretamente aos dois grandes megaeventos esportivos aos quais a cidade sedia, quais sejam a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Esse fato justifica a presença do presidente do COB (Comitê Olímpico Brasileiro, Artur Nuzman) e do presidente da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) no período, José Maria Marin, além do Prefeito da cidade, Eduardo Paes, no dia do início das obras e, decorrido algum tempo, por ocasião de sua inauguração.

A perfuração dos 1112 metros de extensão do túnel, em duas galerias, levou oito meses para ser concluída. No dia 06/06/2012, finalmente, o túnel foi inaugurado, reduzindo consideravelmente a distância e o tempo gasto entre Ilha de Guaratiba e Recreio dos Bandeirantes.

As características físicas da cidade, caracterizada por inúmeras elevações, sempre representaram dificuldades impostas pelo meio à expansão urbana do Rio de Janeiro. Nesse sentido, vale repetir, a perfuração de túneis, desde 1887, se configura uma necessidade premente e simboliza a conexão de uma área, anteriormente consagrada à natureza, ao contexto citadino (ABREU, 2008; CARVALHO, 2004).

Figura 10 – Túnel da Grota Funda: acesso à Ilha de Guaratiba pela esquerda e ao Recreio dos Bandeirantes pela direita



Fonte: RIO 2016. Disponível em: <<http://www.rio2016.com>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

Considerando-se tanto o relato da jovem universitária Vitória quanto a análise de especialistas na questão urbana, podemos frisar que – no período pós-túnel – o urbano marcha, inexoravelmente, para oeste. Nesse sentido, a cidade cresce em direção à Ilha de Guaratiba, tendo o túnel da Grota Funda como um dos condutores dessa marcha urbanizadora e símbolo dessa mudança (LESSA, 2001; CARVALHO, 2004; REDONDO, 2012; JANOT, 2013).

Além de ter colocado Ilha de Guaratiba no mapa urbano do Rio de Janeiro (BERTA, 2012), o túnel da Grota Funda, igualmente,

representou uma valorização fundiária e imobiliária sem precedentes na localidade. Essa avaliação positiva e vertiginosa tem contribuído para a promoção de uma série de fatores de ordem valorativa que gostaríamos de abordar no último capítulo da presente pesquisa.

6 A VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO PROMOVENDO A VALORAÇÃO PELO

*“A Ilha é seca, mas é cercada de amor”
(Quinzinho do Império – letra de samba-enredo
do Unidos da Ilha de Guaratiba na década de
1980).*

Comumente, os conceitos de espaço e lugar expressam – metafórica e respectivamente – as noções de escuridão e luminosidade (MELLO, 2000). Nesta vereda, longe das imposições positivistas e neopositivistas, não há uma condição preestabelecida para que espaços opacos, imersos por penumbra, alcem, através de sua iluminação ou claridade, ao patamar de lugar. Parafraseando Mello (2003), podemos apontar que o lugar pode perder ou receber tal condição dependendo das trevas ou do brilho com que o mesmo se torne ofuscado ou mesmo iluminado no transcurso do tempo. Nas lucubrações de Tuan (2013, p.199) o “lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção”. Contudo, o mesmo pensador pondera: “muitos lugares, altamente significantes para certos indivíduos e grupos, têm pouca notoriedade visual” (TUAN, 2013, p. 200). Por maior que seja sua opacidade ou visibilidade, certos objetos ou lugares, admirados por uma pessoa, podem não ser notados por outra (TUAN, 2013).

O lugar, constitui, por excelência, um reservatório de lembranças e sonhos (TUAN, 2013). Nestas circunstâncias, a notoriedade visual, por si só, não representa instrumento no sentido de certos espaços se

tornarem lugares. O profundo sentido de lugar resulta de uma combinação de fatores e valores históricos, geográficos, culturais, econômicos, existenciais, subjetivos, intersubjetivos, imateriais e visuais (YÁZIGI, 2003). No tocante à linha de pensamento empreendida, nesta pesquisa, a visibilidade não estaria atrelada apenas às construções humanas e aos elementos da natureza que conferem valores visuais a determinados artefatos. No entanto, não há como negar, esses atributos naturais e culturais, em muitos casos, representam fatores de transformação de determinadas localidades que, com isso, podem sofrer mudanças qualitativas ou não-qualitativas, dependendo das diferentes perspectivas de seus vivenciadores. Em relação ao ponto-de-vista diferenciado dos indivíduos com relação à visibilidade, Tuan sublinha que a maioria dos lugares não são criações deliberadas, pois são construídos para satisfazer necessidades práticas. Nesse contexto, os mesmos adquirem visibilidade e significado tanto para os habitantes locais como para os de fora (TUAN, 2013).

Os limites de um lugar são fluidos e existencialmente demarcados por seus residentes e vivenciadores. Ao contrário, o mesmo perímetro representa uma incógnita para outsiders, visitantes e recém-chegados. Esse nicho de “ambigüidades, sentimentos topofílicos, temores e a maneira filosófica de agir das pessoas” (MELLO, 2000, p. 129), pode forjar espaços e lugares, respectivamente, por meio da valorização e da valoração de locais indiferenciados, espaços até então tratados com relativa indiferença até mesmo por seus insiders (FERNANDES, 2006). Nesse sentido, a

visibilidade, relacionada aos atributos paisagísticos naturais e construídos, torna-se elemento significativo, tanto para os insiders – que passam a conferir mais valor ao lugar vivido após sua valorização – quanto para os novos residentes que veem essas peculiaridades como fatores indispensáveis para a valorização de um espaço que para eles era indiferenciado, vicejando, então, este universo vivido como lar ou lugar.

Abraçando esta filosofia a respeito dos lugares dos homens e mulheres focalizados em nossa investigação, entendemos que o processo de valorização imobiliária que conferiu visibilidade aos domínios residenciais de Ilha de Guaratiba promoveu significativas mudanças na existencial maneira de viver dos moradores da localidade. São essas metamorfoses existenciais que vicejam no bojo da aludida marcha urbanizadora que serão em seguida abordadas, a começar pelo papel desempenhado pela valorização no fenômeno de transformação do espaço em lugar.

6.1 Da valorização do espaço à valoração do lugar

A valorização – aqui entendida como valor absoluto ou valor objetivo, preço ou valor econômico atribuído a um dado objeto, bem ou área – quando relacionada às formas de moradia direcionadas pelo mercado imobiliário, pode se tornar esclarecedora para elucidar a dinâmica envolvendo o fenômeno da criação do lugar. Nesse sentido,

a visibilidade, compreendida como o caráter visual de uma determinada localidade, pode ser a maior responsável para que essa área alcance um determinado status relacionado ao seu valor imobiliário, como ocorre com a maioria dos bairros de estratos de renda expressivos (TUAN, 2013).

No contexto estadunidense, ainda na primeira metade do século passado, Walter Firey (1945; 2013) já se debruçava sobre a rede de relações entre a carga simbólica e sentimental dos lugares (valorização) e a sua atratividade residencial para as classes privilegiadas economicamente (valorização). No entendimento de Firey, a certos lugares não se deve atribuir apenas a variável econômica, uma vez que são dotados, igualmente, de uma espécie de “marca sentimental”. Entre os exemplos citados no estudo de Walter Firey está o caso de um bairro residencial de classe de renda alta conhecido como Beacon Hill, localizado na área central da cidade de Boston. No estudo em questão, Firey salienta que a crescente valorização econômica do bairro da Beacon Hill deve-se, sobretudo, à sua carga simbólica e às associações sentimentais construídas ao longo de sua história centenária. “Em Bacon Hill, articulou-se espacialmente uma série de sentimentos estéticos, históricos e familiares” (FIREY, 2013, P. 23).

Concernente à ligação entre a valorização imobiliária que vige em Ilha de Guaratiba (FERNANDES, 2006) e suas “representações espaciais” (FIREY, 2013, p. 22), consideremos mais um depoimento da senhora Dalva:

A partir do momento em que começaram a ver pessoas importantes: Wando, Victor Fazzano, Ernani Moraes etc. comprando um sítio ou uma casa em Ilha de Guaratiba, os moradores que não gostavam do lugar começaram a se perguntar: por que será que esses caras estão vindo para cá? Desse momento em diante, os guaratibanos mais jovens perceberam que o seu lugar tinha algo especial. Ilha de Guaratiba passou a ter valor para essas pessoas. A valorização imobiliária produziu muitas mudanças na localidade. O lugar cresceu e muita gente nova veio morar em Ilha de Guaratiba. Esse acréscimo de pessoas e atividades urbanas fez com que o jovem desse mais valor ao lugar. Há 20 anos, os mais jovens achavam que moravam no fim do mundo. Eles não gostavam de Ilha de Guaratiba. Hoje, no entanto, esses jovens amadureceram e passaram a dar mais valor ao lugar. Além disso, a questão ambiental está em voga atualmente. Esse fato contribui para que as pessoas (jovens e adultos) estivessem mais apegadas à natureza. Nesse bojo, a valorização que ocorre em Ilha de Guaratiba produz inquietação em seus moradores, que hoje dão mais valor ao bucolismo do seu lugar. Se pessoas de bairros nobres e tradicionais estão vindo morar aqui, é porque o lugar tem valor, não é mesmo? Há alguns anos, os jovens daqui desejavam estar nos lugares de onde vem parte considerável dos novos moradores do local. Além disso, o aumento da violência urbana fez com que o jovem guaratibano atribuísse mais valor ao seu bairro. A valorização que partiu de outras pessoas, oriundas de outros lugares, certamente contribuiu para que nós – guaratibanos – “valorizássemos” ainda mais o nosso lugar. Hoje, até os nossos jovens estão mais apegados ao lugar (Dalva – dona de casa – 66 anos).

Existe uma máxima, empregada habitualmente pelo senso comum, segundo a qual, “as pessoas só dão valor às coisas depois que as perdem”. Tal axioma revela uma recorrente tendência humana, uma vez que, a ausência de um bem essencial, de uma característica ou artefato relevante, ou de uma pessoa amada ou querida, em muitos casos, nos leva a reconhecer a importância de sua existência ou presença. Nesse sentido, presença e ausência estão diretamente relacionadas, uma vez que a ausência da pessoa amada, por exemplo, pode ser a maior responsável por sua presença em nossa mente e coração (LEFEBVRE, 1983). Não apenas a ausência, mas

também o medo de que algo imprescindível seja perdido, pode vir a desencadear uma série de mudanças na postura e na existencial maneira de viver de determinados indivíduos e grupos sociais (BUTTIMER, 2015).

A questão aqui é simples e consiste em desvendar a seguinte indagação: será que o processo de valorização (econômica) que vige em Ilha de Guaratiba pode exercer influência sobre a maneira como os moradores vivenciam o lugar? Será que depois de valorizado, do ponto de vista econômico, o lugar passou a ser mais “valorado” por seus residentes?

Isto posto, podemos frisar que a inquietação do guaratibano, causada por receio ou suspeita da rivalidade representada pela presença de novos moradores em seu lugar, pode ter sido o preâmbulo de uma nova relação com seu universo vivido, como nos aponta o relato da Dona Dalva. Observando seu depoimento, notamos que, no tocante ao caso específico de Ilha de Guaratiba, a valorização imobiliária não promoveu apenas mudanças espaciais. Por diferentes motivos, o *acréscimo* de novas residências e moradores desencadeou uma mudança de postura dos guaratibanos mais jovens que, após a referida valorização, passaram a “valorar” o lugar ao qual antes tratavam com indiferença. Neste aspecto, considerando o aludido depoimento, podemos sublinhar que essa nova relação dos mais jovens pode ser entendida como uma verdadeira “metamorfose existencial”, uma vez que o desapego pelo outrora “espaço” residencial metamorfoseou-se em afeto por seu “lugar” hodierno. Concernente aos sentimentos pertinentes às mudanças advindas da

especulação, da valorização, da urbanização, guaratibanos – enciumados, perplexos e assustados por assistir seu mundo vivido sendo invadido por pessoas e famílias oriundas de outros bairros em meio a este processo de invasão-sucessão (CORRÊA, 2000) – passam a reforçar ainda mais seus laços com o universo vivido em tela que pulsa ainda mais na condição de lugar.

A valoração – entendida no tocante à subjetividade, estima, valor afetivo, carga identitária (HAESBAERT, 2004), referenciais para a construção de identidades espaciais e sentimento de pertencimento (SOUZA, 2004) – denota o valor simbólico e/ou filosófico atribuído a determinado lugar, sendo construída a partir de experiências vividas. A passagem de espaço para lugar envolve, principalmente, o valor afetivo e simbólico da porção espacial na qual o indivíduo está inserido. Em muitos casos, todavia, o valor econômico, ou de outras esferas, conferido a um artefato, logradouro ou área, pode ser um elemento fundamental para a construção de vínculos e sentimento de pertença. Nessa trilha, podemos então inferir que, em casos específicos, a valorização de um determinado espaço pode produzir sua valoração e conseqüente transformação em lugar (FERNANDES, 2003; 2006; 2010).

Considerando que o indivíduo não é distinto de seu lugar (COSGROVE, 2004; LOWENTHAL, 1982), como reiteram todos os geógrafos da ala humanística, concluímos igualmente, que os eventos ocorridos em certo domínio espacial podem influir, direta ou indiretamente, na vida daqueles que o vivenciam. Metamorfoses espaciais são canalizadas pelo seres humanos podendo mudar a

forma de viver e até mesmo a maneira como se relacionam com seu lugar vivido. Nestas circunstâncias, o elo afetivo entre a pessoa e o lugar, forjado na lida do dia-a-dia, pode ser enfraquecido ou reforçado, dependendo do modo como as mudanças são introjetadas.

Por meio da leitura do depoimento utilizado e proferido por Dona Dalva nesta escala investigativa, captamos que, antes da especulação e da valorização imobiliária o local era tratado com certa indiferença, principalmente por seus moradores mais jovens. Em uma clara postura etnocêntrica acreditavam morar no “fim do mundo” ou “onde Judas perdeu as botas”, desejando migrar para lugares mais luminosos, onde os atributos da urbanidade lhes proporcionassem uma vida dinâmica. Isto posto, convém lembrar, o etnocentrismo assume contornos de valorização do lugar e da pessoa e, por outro lado, a internalização de aspectos negativos conduzem à depreciação do lugar vivido e da própria autoestima (TUAN, 1980; 2013; MELLO, 2000). Para esses, Ilha de Guaratiba não passava de um espaço indiferenciado, uma vez que não era por eles valorado (TUAN, 2013; FERNANDES, 2003; 2006; 2010). Entretanto, após a valorização (econômica) que conferiu relevância ao local, esses *insiders*, ao notar seu universo vivido sendo apossado por *outsiders*, começam a mudar de opinião, desenvolvendo um outro sentimento em relação ao mesmo. Por meio do mencionado fenômeno, jovens guaratibanos passam a dar mais valor ao seu mundo vivido. Essa valoração, emersa a partir da valorização, desencadeou uma mudança de postura nos moradores passando a nutrir por seu universo vivido sentimentos, baseados em uma nova relação (FERNANDES 2003;

2006; 2010). A indiferença, desprezo, desdém, rejeição, desconsideração, desinteresse, apatia e insensibilidade de outrora, são então substituídos pela admiração, orgulho, afeição, simpatia, satisfação, amor e demais sentimentos valorativos responsáveis por relatos verbais que, tanto expressam relações íntimas com o lugar, quanto demonstram sua expressão como tal. No entanto, antes de tentar traduzir os sentimentos topofílicos dos guaratibanos – manifestos a partir de novas experiências com seu mundo vivido – procuraremos captar, em seguida, as angústias de guaratibanos temerosos em relação a uma suposta expulsão – por conta da valorização econômica – do seu universo vivido.

6.2 Da promoção do lugar à expulsão do universo vivido

A despeito de certa indiferença com que Ilha de Guaratiba era tratada por seus moradores – fenômeno salientado no tópico anterior – e mediante a série de acontecimentos que provocou as mudanças espaciais e existenciais, igualmente dissecadas nesta pesquisa, emergiram, no bojo desse processo, experiências íntimas que culminaram com a aquisição de um lugar, por excelência. Depois de concorrer para que um espaço indiferenciado fosse promovido à condição de lugar por seus residentes, a valorização imobiliária continuou seguindo o seu fluxo. No entanto, após a inauguração do Túnel da Grota Funda, a exacerbação desse processo culminou com

uma preocupação premente por parte dos guaratibanos: o temor de que as mudanças em curso os expulsem de seu universo vivido. Mas, em que se fundamentam os moradores de Ilha de Guaratiba no tocante à aludida inquietação?

Se mudarem mesmo o Projeto de Estruturação Urbana (PEU) da localidade, a única saída para a maioria dos moradores seria vender suas terras e procurar outro lugar para morar. Na verdade, a prefeitura já está se antecipando em relação à continuidade do processo de urbanização que vige no local, expulsando os guaratibanos de seu lugar. A Barra já está saturada, o Recreio já sofre até mesmo com a favelização. A cidade não tem mais para onde crescer. Olha que irônico: o lugar se valoriza, as pessoas de fora começam a vir para cá e, depois, somos expulsos de nossa própria casa. Chegaremos a um ponto em que muitos moradores não vão mais conseguir pagar o IPTU. Esse é um processo que já ocorreu em localidades como Vargem Grande e Recreio dos Bandeirantes. Há alguns anos, muita gente saiu desses lugares e veio para cá por causa da maior carga tributária que tinham que pagar. O mesmo tende a acontecer aqui. Na realidade, a substituição do Imposto Territorial Rural (ITR) pelo Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), já vem expulsando algumas famílias da localidade. Muita gente vendeu sua propriedade a preços módicos por receio ou fugindo do imposto urbano. Eu represento a ação de uma família que pagava R\$ 80,00 anuais de ITR e hoje tem que arcar com R\$ 40.000,00 de IPTU. A propriedade foi comprada a alguns anos de uma família que a vendeu a fim de fugir dessa carga tributária exorbitante. Meu objetivo é fazer com que seja cobrado apenas o imposto predial, como preconiza a legislação vigente, e não o imposto territorial, como tem ocorrido nesse caso específico. Com a substituição do ITR pelo IPTU, é quase certa a expulsão do guaratibano. Famílias da Estrada das Tachas e do Caminho do Morgado, pessoas humildes que pagavam o ITR em áreas de 10.000 m², estão tendo que vender suas propriedades. O guaratibano que possui uma área padrão, segundo o PEU vigente (10.000 m²), não vai conseguir permanecer aqui por conta do IPTU. Tudo tem o seu preço. O governo não iria construir o Túnel da Grota Funda e a Rodovia Transoeste de graça. O próprio poder público vai expulsar o guaratibano daqui para ceder espaço a uma população que pode pagar por essas “benfeitorias”. Na minha opinião, tudo isso é uma estratégia do governo para acabar com o nosso lugar (Tadeu Garrido – advogado – 49 anos).

Em Ilha de Guaratiba ainda vigora a delimitação estabelecida na década de 1970, que leva em conta apenas características rurais da época, com lote mínimo de dez mil metros quadrados (BERTA, 2012). Nesse contexto, aos proprietários fundiários da localidade era cobrado o Imposto Territorial Rural (ITR), estando estes isentos do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). No entanto, a partir do último censo do IBGE – em 2010 – a população da cidade do Rio de Janeiro passou a ser considerada 100% urbana. Utilizando esse subterfúgio, alguns meses depois, a prefeitura mudou a legislação e, igualmente, passou a caracterizar o território municipal como integralmente urbano segundo o plano diretor de 2011 (lei complementar 111 promulgada em 01/02/2011).

Segundo Berta (2012), a partir do momento em que Ilha de Guaratiba passou a ser considerada área urbana pela municipalidade, a prefeitura deveria se debruçar sobre o necessário Projeto de Estruturação Urbana (PEU), a fim de definir os padrões urbanísticos do bairro e assegurar uma ocupação que não inviabilize a manutenção dos ambientes naturais e a permanência de sua tradicional produção de plantas ornamentais. Todavia – o PEU que poderia redefinir os novos padrões urbanísticos do lugar e ordenar a forma de ocupação, o tamanho mínimo dos lotes e o número máximo de pavimentos – ainda não foi definido.

Na teoria, o Projeto de Estruturação Urbana é um conjunto de regras norteadas por políticas e ações definidas para orientar o desenvolvimento físico-urbanístico de um conjunto de bairros vizinhos

com características semelhantes. Na prática, entretanto, o PEU também é utilizado para definir o IPTU que será cobrado. Nessa trilha, após essa redefinição pela qual a espacialidade em tela está passando, um terreno de 20 ou 30 mil metros quadrados que antes servia a uma família de agricultores que da terra tiravam o sustento, sob o qual vigorava o pouco dispendioso imposto federal (ITR), se vê diante de uma dívida de trinta mil reais anuais de IPTU (BERTA, 2012).

As questões salientadas nos três últimos parágrafos convergem para o que disse o advogado Tadeu Garrido em seu depoimento no tocante a apreensão dos moradores de Ilha de Guaratiba que – em meio às mudanças espaciais, administrativas e tributárias veiculadas pela inexorável marcha urbanizadora – expressam seus dilemas, angústias, preocupações e temores diante de uma possível expulsão de seu universo vivido. Essa apreensão dos Guaratibanos tomou vulto no período pós-túnel, intervalo de tempo em que o lugar ganhou visibilidade. Além disso, a especulação imobiliária alavancou ainda mais os valores imobiliário e fundiário, fator que intensificou a “marcha para o oeste” nos últimos anos.

Como vemos, muitas são as preocupações dos moradores de Ilha de Guaratiba em relação aos acontecimentos hodiernos: crescimento populacional acelerado, construção de prédios plurifamiliares, degradação dos ambientes naturais, inviabilização da produção rural (de plantas ornamentais) etc. Ao observar o relato do morador Tadeu Garrido, contudo, torna-se evidente a principal preocupação dos guaratibanos de longa tradição, qual seja a mudança

pura e simples da tributação federal (ITR) pelo imposto municipal (IPTU). Esse temor se justifica pelo fato de boa parte dos moradores residirem em áreas de, no mínimo, 10.000 m². Como a maioria dessas propriedades são produtivas, os moradores indagam que o IPTU só pode ser cobrado pela área construída (predial), e não considerando toda a propriedade (territorial), fato que tem ocorrido em algumas propriedades, como salientou o advogado em questão.

Devido a ausência de uma legislação específica que possibilite uma tributação diferenciada para cada tipo de imóvel ou propriedade, em Ilha de Guaratiba vigora diferentes realidades: há propriedades que, por representarem posses, não pagam imposto algum; há outras que, por comprovarem ser produtivas, pagam apenas o ITR; há aquelas que pagam o IPTU e há, ainda, algumas sob as quais vigora a bitributação (ITR e IPTU).

No desenrolar do processo de mudanças espaciais que vige em Ilha de Guaratiba, a especulação imobiliária pode ser considerada uma via de mão dupla. Ao fomentar a valorização imobiliária, essa prática especulativa contribuiu para que o morador passasse a “valorar” o seu outrora espaço, elevando-o à condição de lugar (FERNANDES, 2006). Hodiernamente, no entanto, a continuidade do processo de valorização – acompanhado de suas nuances – pode contribuir para que o guaratibano seja “expulso” de seu universo vivido. Eis a contradição: a valorização que ajudou a alçar um outrora espaço indiferenciado à condição de lugar por meio da valoração dos moradores por seu chão experienciado, hodiernamente, pode ser responsável por separar o guaratibano de seu lugar.

Entendemos melhor as angústias, protestos, lamentos e temores dos guaratibanos quando nos debruçamos sobre a relação que construíram com seu bairro vivido ao longo do tempo. Podemos verificar então que esse apego ao lugar é fruto de embates, alegrias, desilusões e outras vivências afetivas – produzindo um nicho de experiências e sentimentos valorativos.

6.3 Topofilia: experiências íntimas com o lugar

Analisemos, nas linhas abaixo, mais um relato verbal de um guaratibano apaixonado por seu lugar vivido:

Ilha de Guaratiba é o meu basilar, é a minha casa. Sou muito grato ao meu bom Deus por Ele ter permitido esse encontro. Nesse lugar encontrei pessoas maravilhosas, além de um ambiente com o qual possuo uma relação muito forte e íntima. Não consigo me imaginar vivendo em outro lugar (Paulinho – funcionário público – 45 anos).

Paulinho, como é melhor conhecido o funcionário público Paulo César, nasceu e foi criado nas proximidades de Ilha de Guaratiba, construindo afinidade com o lugar por meio do futebol e das festas comuns na localidade. O estreitamento dessa relação, no entanto, eclodiu quando Paulinho casou com uma moradora do local e veio residir em Ilha de Guaratiba. A paixão de Paulo César pelo lugar é tamanha que ele atribui ao Criador o fato de ter se encontrado com o mesmo, como se fosse uma pessoa, um ente querido. Mais que isso.

Transcendental, o seu amor desmedido pelo lugar está em um patamar de devoção. Chama atenção também o apego do referido morador às pessoas do lugar, comprovando que “quanto mais laços houver, mais forte será o vínculo emocional” (TUAN, 1983, p.175).

Descortinemos agora a declaração de mais um morador de Ilha de Guaratiba no tocante ao seu apego pelo lugar:

Ilha de Guaratiba sempre foi o meu ninho, sempre foi o lugar, o melhor lugar para ficar. Quando mais jovem, tinha uma namorada que vivia me pedindo para largar esse lugar, mas sempre respondia: não dá para deixar isso aqui. Em que outro lugar a gente encontra um céu estrelado como esse? E essa brisa fresca? Esse clima diferenciado? Essa vegetação? Esses pássaros em volta de nós? Essas flores e plantas? Esse contato com a vida? Aqui tem tudo o que preciso para viver (Marcelo Paes Costa – paisagista – 48 anos).

Chel, codinome do paisagista Marcelo, é um daqueles guaratibanos que sente um profundo orgulho de ser natural do lugar onde também foi criado. Os laços topofílicos entre Marcelo e Ilha de Guaratiba foram construídos ao longo de suas experiências vividas na referida porção espacial de bem querência, vivência responsável por um forte apego e identificação com a base territorial. Diferentemente de Paulinho, que salienta a relevância das pessoas e das relações interpessoais como maior estímulo para sua identificação com o lugar, Chel prefere exaltar os atributos naturais e paisagísticos do local, denotando serem esses os maiores responsáveis pelo vínculo entre ele e seu mundo vivido.

Revelemos, a seguir, as palavras de mais um morador, no que tange seu esplendoroso amor dedicado à Ilha de Guaratiba:

Aqui é onde me sinto bem, ambientado e completo. Nasci aqui, minha esposa nasceu aqui, meus pais nasceram aqui. Meus planos e sonhos se remetem sempre a algo a ser construído aqui. Nunca cogitei em ir para outro lugar, pois é aqui que desejo construir minha vida. A questão afetiva pesa muito nesse tipo de decisão. Além disso, gostaria de contribuir, de alguma maneira, com Ilha de Guaratiba por tudo aquilo que me proporcionou desde a infância. Por ser tão especial para mim, eu quero muito o bem desse lugar, e o que eu puder fazer pra ajudar... estou aqui mesmo (Marlon – 41 anos – funcionário do Sítio Roberto Burle Marx).

As proposições de que “os lugares são entes queridos merecedores de consideração” (MELLO, p. 50) e de que na “simbiótica relação entre homens e meio ambiente, lugares devem ser considerados pessoas e pessoas como lugares” (POCOCK, 1981, p.337) são aludidas no relato acima. Nele, o paisagista Marlon enfatiza querer o bem de Ilha de Guaratiba como se o referido lugar fosse uma pessoa merecedora de sua consideração e estima por tudo que lhe proporcionou ao longo de sua vida. Em sua exposição afirmando sentir-se completo no citado ambiente vivido, Marlon caminha na direção da premissa humanística segundo a qual “o lugar é um trecho da superfície terrestre no qual o homem se completa” (MELLO, 1991, p.50).

Em Tuan (1980), o termo topofilia é definido de diferentes maneiras, dentre as quais “as manifestações do amor humano pelo lugar” (p.106), “os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (p.107), enfim, este termo está sempre associado ao sentimento do indivíduo para com o lugar (p. 129). A filiação, vinculação, afeição, amor, identificação e demais sentimentos qualitativos das pessoas para com determinado ambiente, no entanto,

são estabelecidos mediante experiências íntimas, na qual esse meio físico é alçado ao patamar de lugar (TUAN, 1983). O intenso, sentimento de amor pelo lugar, no entanto, muitas vezes é aprofundado por acontecimentos simples, uma vez que

As experiências íntimas, não sendo exaltadas, passam despercebidas. Na hora, não dizemos “é este”, como fazemos ao admirar objetos de notória ou reconhecida beleza. É somente quando refletimos que reconhecemos seu valor. Na hora não estamos conscientes de nenhum drama; não sabemos que acabam de ser plantadas as sementes de um sentimento duradouro. Os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar (TUAN, 1983, p.158).

As experiências íntimas, portanto, não estão necessariamente vinculadas a acontecimentos de vulto, e sim a eventos corriqueiros do dia-a-dia que, apesar de sua aparente simplicidade são, igualmente, responsáveis pelo apego das pessoas ao seu lugar vivido. Sendo pessoais e individualizadas, essas experiências íntimas são difíceis de serem expressadas (TUAN, 1983), traduzidas e decodificadas. Quando reveladas por meio de relatos falados ou escritos, contudo, essas vivências manifestam belas histórias de amor dos indivíduos e grupos sociais por seu lugar, onde o mesmo é situado pelas pessoas como sua própria extensão. Nesse sentido, em meio a introjeções, o indivíduo não consegue se distinguir de seu lugar, não havendo, nesse caso, separação entre sujeito e objeto (COSGROVE, 2004; LOWENTHAL, 1982; RELPH, 1976; SCHULZ, 1979). Em relação à pertinente simplicidade das experiências que podem conduzir os

indivíduos a se apegar ao lugar, o depoimento a seguir pode se mostrar esclarecedor:

Esse lugar me formou e permitiu que minha subjetividade desabrochasse. Ele me influenciou em tudo. Foi onde vivi momentos de solidão. Hoje, no entanto, tenho com ele um enorme vínculo. É onde pretendo criar meus filhos. Aqui eu aprendi a dar valor à simplicidade, às pessoas que vivem da terra e aos hábitos como ir ao mangue pegar guaiamu, ir à roça pegar aipim, além de outros valores simples como ajuntar as pessoas para comer, beber... Esse sentido de comunidade de poder cumprimentar e conversar com as pessoas na rua. Essa proximidade com as pessoas eu aprendi aqui, onde me sinto em casa (Kleber – sociólogo – 39 anos).

Em relação ao sentimento de pertença que faz com que Kleber se sinta em casa no referido lugar, Schutz (1979, p. 291) discorre que “sentir-se em casa é uma expressão do mais alto grau de familiaridade e intimidade” e significa, entre outras coisas, costumes, valores, hábitos pessoais, tradições, um estilo peculiar de vida, composto de pequenos elementos importantes e queridos (SCHUTZ, 1979). No caso específico do sociólogo Kleber, podemos entender que foram exatamente essas peculiaridades do dia-a-dia que exerceram as maiores influências, tanto sobre sua individualidade, quanto sobre o forte vínculo que construiu com o lugar. Sendo oriundo da Tijuca, de onde veio com sua família ainda criança em 1982, Kleber teve que superar momentos de solidão até se adaptar ao seu novo ambiente. No entanto, o desconforto inicial foi com o tempo sendo substituído por um irresistível apego por seu novo “lar”. Esse episódio evidencia que o amor pelo lugar, bem como o sentimento de pertença e de filiação a ele atrelado, não reside no fato de ser seu “filho legítimo”, estando

associado, principalmente, às experiências emocionais vividas em determinado espaço que através desses laços afetivos transforma-se em lugar. Nessa trilha, da mesma maneira que o amor dos pais por seu filho adotivo encontra-se vinculado às experiências e não aos laços de sangue, o amor de um indivíduo por seu lugar não está subordinado ao fato de ter nele nascido, mas sim às vivências, contatos, relações, convivências, aprendizados e valores em meio a parentes, amigos, conhecidos, sentimentos e assim por diante, compondo um todo de estranhamentos, aderências e pertencimentos (MELLO, 2000). Por meio de intensas experiências íntimas, como as vividas por Kleber em Ilha de Guaratiba, o lugar pode vir a ser o centro (umbigo) do mundo para determinados indivíduos e grupos sociais. Este sentimento possui elementos positivos de valoração do lugar vivido, o melhor do mundo, ou centro, para onde tudo converge, como no caso do sentimento veiculado pelo sociólogo Kléber. Pode, entretanto, ter uma conotação negativa, de rejeição, aversão, do espaço feio, mal, distante, com relação ao fim do mundo, onde “Judas perdeu as botas” e assim por diante (TUAN, 1980; 2012; MELLO, 1991; 2000).

6.4 **Etnocentrismo: o lugar como centro / umbigo do mundo**

Para muitas pessoas que já ouviram falar do local em foco, o mesmo não representa mais que uma área periférica indiferenciada, distante de tudo e de todos. Em contraponto, como a paixão vivida não comunga com pensamentos embotados, distantes, há guaratibanos que situam o seu lugar no centro do seu mundo. No tocante pertencente à postura etnocêntrica é representativo o relato abaixo:

O pior período da minha vida foi quando tive que deixar Ilha de Guaratiba. Por causa do meu filho, tive que mudar para Jacarepaguá, onde morei por 16 anos. O fato de ter residido em outro bairro, no entanto, acendeu ainda mais o meu amor por esse lugar. Eu vinha para cá praticamente todos os dias, pois aqui estava minha mãe, meu trabalho, minhas coisas, minha vida. Sempre estive ligado a esse lugar, e na primeira oportunidade que tive, voltei correndo para cá e nunca mais saí, e nem pretendo.

Quando faço viagens longas, nos dois primeiros dias ainda fico desejoso em conhecer coisas e locais. No entanto, após o terceiro dia me bate uma vontade louca de voltar para o meu lugar. A parteira que me ajudou a nascer deve ter enterrado meu umbigo nesse pedaço de chão. Talvez isso explique a causa de tamanho prazer em voltar para casa quando estou viajando. Quando morava em Jacarepaguá não tinha muita vontade de voltar para casa, mas para cá desejo sempre voltar e sinto prazer em permanecer.

Em dias de feriado ou em finais de semana que não têm ninguém em minha chácara, dar uma caminhada aqui por dentro é a coisa mais satisfatória. Ah! É muito complicado falar de minha ligação com Ilha de Guaratiba. Talvez a frase que mais se aproxime de uma adequação seja "uma relação de unha e carne". De qualquer forma, é muito pouco para descrever o que sinto realmente. Faltam palavras... (Enanir de Souza – empresário – 75 anos).

Uma vez que o lugar, em sua condição de estabilidade e confinamento, nos remete a uma sensação de lar íntimo e humanizado e em um nicho de proteção e convivência construído na lida do dia-a-dia, obviamente, o afastamento deste ponto de apoio e bem querência constitui um desencontro que produz desencanto e descontentamento. Foi essa a sensação que teve Evanir de Souza quando precisou ficar distante de sua arena de lutas e bem querência que desbravava com singular desenvoltura (TUAN, 1983, 1998; MELLO, 1991; 2000). O referido empresário faz questão de descrever a saudade que sente de seu lugar quando está viajando. Nesse sentido, seu relato vai de encontro aos postulados fenomenológicos de Schutz (1979) quando o citado pensador aborda algumas questões relacionadas ao retorno ao lar.

O que, entretanto, deve ser entendido por “lar”? “Lar é de onde se parte”, diz o poeta. “Lar é o lugar para onde o homem tem intenção de retornar quando está longe”, diz o jurista. O lar é o ponto de partida assim como ponto terminal. É o ponto zero do sistema de coordenadas que atribuímos ao mundo a fim de nos movimentarmos dentro dele. Geograficamente, “lar” significa um certo local da superfície da Terra. Onde por acaso eu me encontro é o meu “domicílio”; onde tenho intenção de ficar é a minha “residência”; de onde venho e para onde quero retornar é o meu “lar”. No entanto, lar não é apenas o local – minha casa, meu quarto, meu jardim, minha cidade – mas tudo o que ele simboliza. O caráter simbólico da noção de “lar” é emocionalmente evocativo e difícil de descrever. Lar significa coisas diferentes para pessoas diferentes. Significa, é claro, a casa paterna, a língua materna, a família, o amor, os amigos; significa uma paisagem querida, “canções que minha mãe ensinou”, comida preparada de um determinado modo, coisas familiares para uso diário, costumes, hábitos pessoais – em suma, um estilo peculiar de vida, composto de pequenos elementos importantes e queridos (SCHUTZ, 1979, p. 290-291).

Ao fim do seu relato, Evanir de Souza ainda busca uma resposta plausível que possa justificar o profundo apego e apreço que sente por seu lugar, recorrendo a um antigo hábito que consiste em enterrar o umbigo externo das crianças. Esse costume, bastante comum na época em que a maioria dos partos era feito por parteiras nas próprias residências, simbolizava o vínculo do infante que acabara de nascer, com o lugar no qual avistara a luz pela vez primeira. Após o belo discurso que evidenciou uma profunda estima por sua base territorial, Evanir de Souza nos surpreende ao afirmar ser indescritível sua relação com Ilha de Guaratiba. Como se sabe, as experiências íntimas, responsáveis por situar uma área afetivamente demarcada no centro do mundo de determinadas pessoas são mesmo difíceis de comunicar. Por mais belas que sejam, essas evocações estão sempre aquém da profundidade e das experiências que nos remetem a um centro pleno de valores (SCHUTZ, 1979).

Na concepção de Gomes (2007), a primeira característica fundamental do humanismo retomada pela geografia refere-se à incontornável visão antropocêntrica, segundo a qual o homem é a medida de todas as coisas. Ademais, os seres humanos, individualmente ou em grupos, tendem a situar o seu lugar vivido como o centro do mundo. Neste contexto, o egocentrismo e o etnocentrismo tornam-se traços humanos universais (TUAN, 2012). Com base em Tuan (1980), Mello (1991, p.202) descreve o etnocentrismo como

um fenômeno universal de supervalorização do “centro”, “umbigo”, “mais saudável” ou “melhor lugar do mundo” e pode também ser compreendido como egocentrismo coletivo. As pessoas do “centro” estabelecem discriminação entre “nós” (“superiores”) e “eles” (“de menor valor”, “de cultura inferior”) olhando para estes de forma “blasé” e, por vezes, com apatia, sarcasmo ou agressividade.

A noção de centro é uma das mais relevantes manifestações culturais, uma vez que, comumente, as pessoas tendem a situar o lugar em que vivem como o mais importante e favorável, e como o centro do seu mundo. “Todos os povos antigos põem-se como centro das relações e organizam o que entendem por mundo nessa referência”. Nesse sentido, o topo é uma noção correlata. “Todo um simbolismo religioso e cartográfico deriva dessa centralidade, organizando a concepção e a relação geográfica desses povos” (MOREIRA, 2009, p. 67). De acordo com crenças indianas, o Monte Meru estaria erguido no centro do mundo. Já um mito iraniano entende que a montanha sagrada de Elburs estaria situada no ponto central da Terra. O nome do Monte Tabor, na Palestina, poderia significar “umbigo”. O monte Garizim, na região central da Palestina, sem dúvida alguma desfrutava do prestígio de lugar central, pois era chamado de “umbigo da Terra” (ELIADE, 2007). A Palestina, segundo antiga tradição, até hoje preservada na região, na sua condição de país mais alto por estar perto do cume da montanha cósmica, não teria sido encoberta pelo dilúvio. Um texto rabínico afirma: “a terra de Israel não foi submergida pelo dilúvio”. Para os cristãos,

o Gólgota estava situado no ponto central do mundo, já que era o cume da montanha cósmica e, ao mesmo tempo, o lugar onde Adão tinha sido criado e sepultado. Assim, o sangue do Salvador é

derramado sobre o crânio de Adão, enterrado precisamente aos pés da Cruz, servindo para sua redenção. A crença de que o Gólgota estaria situado no centro do mundo ainda é preservada no folclore dos cristãos orientais (ELIADE, 2007, p.24).

Por meio das crenças as quais fazemos menção podemos depreender que cada cidade oriental estava localizada no centro do mundo. Para alguns desses povos, o ponto mais alto da montanha cósmica não seria apenas o ponto mais elevado da Terra, mas também o umbigo do mundo, o ponto no qual começou a criação. Algumas tradições explicam o simbolismo do centro em termos tomados da embriologia, segundo o qual “o Ser Divino criou o mundo como um embrião. Do mesmo modo que o embrião se formou a partir do umbigo, Deus começou a criar o mundo do umbigo em diante, e, a partir daí, se espalhou em diferentes direções” (ELIADE, 2007, p. 25). Nesse ínterim, o mundo teria sido criado a partir de Sião e o universo concebido a partir de um ponto central. A criação do homem também teria acontecido em um ponto central, no centro do mundo (ELIADE, 2007).

Segundo tradição mesopotâmica, o homem teria sido formado no “umbigo da Terra”. Assim sendo, o Paraíso, onde Adão foi criado a partir do barro, encontra-se localizado no centro do cosmo. O Paraíso era o umbigo da Terra, e, segundo uma tradição síria, teria sido estabelecido em uma montanha mais alta do que todas as outras. Adão teria sido criado no centro da Terra (ELIADE, 2007). Partindo da premissa de que a criação derivou a partir de um centro, podemos presumir igualmente que qualquer lugar fundado tem sua edificação

no centro do mundo dos indivíduos que o estabeleceram como lar, abrigo, refúgio e morada.

A quimera relacionada ao tipo de centralidade aqui exposto é, segundo Tuan (1980; 2012), necessária para a manutenção da cultura. Para o referido pensador, quando a crua realidade despedaça a ilusão de que o nosso lugar é superior, é possível que a própria cultura decline. Mesmo sabendo que não estão no centro das coisas no sentido literal, é necessário que algo dessa fé esteja presente nas pequenas comunidades para que as mesmas prosperem (TUAN, 1980). O progresso advindo da crença humana de que o seu universo vivido se localiza no centro do mundo, entretanto, não estaria necessariamente atrelado a números, quantidades e aos demais valores objetivos (valorização). A centralidade, neste caso, estaria associada a uma série de valores subjetivos (valoração) baseados na subjetividade ou na intersubjetividade dos indivíduos e grupos sociais. Sendo o valor subjetivo uma relação entre o sujeito que valora e o objeto valorado, atribuir valor a um lugar é não ficar indiferente a ele. A não-indiferença é a principal característica do valor, uma vez que não ficamos insensíveis diante de determinado lugar que capta e irradia nosso afeto e simpatia, pois somos sempre influenciados pelas experiências no lugar vivido. Valorar é uma experiência fundamentalmente humana que se encontra no centro de toda escolha da vida (ARANHA e MARTINS, 1992). Dentre essas escolhas está a eleição da porção espacial que se distingue de todas as demais, não necessariamente por sua forma-conteúdo, mas devido às experiências, ao sentimento de pertença, à afetuosidade e aos demais

valores qualitativos que seus vivenciadores nutrem por ela, valoração esta que focalizará este outrora espaço indiferenciado no umbigo do mundo, como centro do universo.

Na perspectiva humanística, o conceito lugar, por não possuir escala definida, torna-se demasiadamente difuso uma vez que, tanto pode designar um assento, quanto abarcar o Planeta (TUAN, 1983). Todavia, o mesmo Tuan que retoma a máxima que define a Geografia como “o estudo da Terra como o lar das pessoas” (TUAN, 1991, p. 89), aponta também que “a toponímia soa falsa quando é manifestada por um extenso território” (TUAN, 1980, p. 116). No entanto, o amor patriótico, significativo em sua dimensão, pode contrariar suas elucubrações. Para o citado geógrafo, os sentimentos topofílicos necessitam de “um tamanho compacto, reduzido às necessidades biológicas do ser humano e às capacidades limitadas dos sentidos”. Além disso, uma pessoa pode se identificar mais facilmente com uma área, se ela indica ser uma unidade natural, pequena o suficiente para ser conhecida pessoalmente (TUAN, 1980, p. 116-117). Nesse campo, o lugar se confunde com a esfera local, sendo também o lócus do cotidiano “responsável pelas paixões humanas por meio da ação comunicativa e por diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade” (SANTOS, 2002, p. 322).

Ilha de Guaratiba é uma dessas pequenas comunidades, proclamadas por seus moradores, bairro vivido que o cotidiano pulsante transformou em um centro pleno de valores, um todo indissociável formado por pessoas, amigos, conhecidos, parentes, base territorial, evocações e outras referências, tais como “canções

que minha mãe me ensinou” (SCHUTZ, 1979) que permitem aos seus vivenciadores a agradável sensação de se sentirem em casa ou até mesmo emersos no centro-umbigo-coração do mundo (MELLO, 1991, 2000; TUAN, 1980, 1983, 1998), como sugere o relato abaixo.

Aqui eu fiz a minha casa permanente. Os umbigos de meus filhos eu enterrei aqui. Os umbigos dos meus netos serão enterrados aqui. Eu fiz aqui a minha casa permanente e é em nossa casa definitiva que um pedaço de nossa pele deve ser enterrado. Aqui já tem um pedaço de mim enterrado porque escolhi esse lugar para viver e construir minha casa de vida, a casa onde escrevo e onde vivo os melhores momentos de minha vida. Copacabana é onde eu moro para ser médico, ou seja, é meu local de trabalho. Aqui não! É nesse lugar que me completo. Ele é diferente de todos os outros porque a minha relação com ele é diferente. Aqui eu fiz e tenho a melhor amiga do mundo, que é a dona Seci; tenho o meu afilhado, que adoro; tem esse estilo de lugar pequeno que sempre gostei, ou seja, coisas simples que correm o risco de desaparecer com a chegada das grandes imobiliárias, sendo substituídas pela metrópole (José Humberto Resende – médico – 62 anos).

Diferentemente do guaratibano Evanir de Souza, que nasceu e foi criado em Ilha de Guaratiba, José Humberto Resende é apenas um dos muitos proprietários de segunda residência da localidade. O citado médico, que reside em Copacabana, adquiriu no local uma propriedade onde, há décadas, costuma se refugiar em suas férias, finais de semana e feriados. Esses fatos impulsionaram o Doutor Humberto, como é mais conhecido, a desenvolver o halo afetivo pelo referido lugar. Esse carinho desmedido é explicitado em seu relato que revela, entre outras coisas, estima, respeito e preocupação com o lugar que escolheu como centro em suas emoções. A consideração e apreço evidenciam-se pelo notório apego do citado médico pelo lugar que aprendeu a amar. Já o sentimento de respeito e preocupação fica

patente quando José Humberto, em meio às mudanças espaciais que vige no local, teme que o mesmo seja profundamente alterado, perdendo suas principais características e tomando a atmosfera da metrópole que o cerca.

As palavras finais do Dr. Humberto tornam-se esclarecedoras para elucidar a complexa dinâmica que envolve as transformações espaciais. Por meio de sua fala, podemos concluir que a continuidade do processo que proporcionou seu encontro com o lugar no passado, representa hoje um risco à manutenção do mesmo, uma vez que as características responsáveis pela sucessão de mudanças, corre o risco de metamorfosear, sobremaneira, o lugar.

Como participantes e integrantes da referida porção espacial, observamos que a emergência e o desenrolar do referido processo contribuiu decisivamente para o despertar de uma afinidade e bem querência pelo lugar que têm levado os novos e antigos guaratibanos a entenderem o canto do mundo no qual habitam como o centro/umbigo/coração do mundo – combinando com a tendência comum das pessoas considerarem o canto do mundo no qual habitam como o único favorável e os seus costumes e hábitos como a quintessência humana (TUAN, 1980, 1986).

6.5 Ilha de Guaratiba: um lugar

O “lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção” (TUAN, 2013, p. 199). Seus limites são existencialmente demarcados para seus residentes e vivenciadores. Há proposições em que “os lugares são entes queridos merecedores de consideração” e de que na “simbiótica relação entre homens e meio ambiente, lugares devem ser considerados pessoas e pessoas como lugares” (POCOCK, 1981, p.337). Será que os guaratibanos entendem desta forma? Consideremos o parecer de um deles:

Ilha de Guaratiba foi essencial para minha formação como pessoa. O que sou hoje é resultado de minha vivência nesse lugar. Sempre me orgulhei de ser filho dessa terra. Foi aqui que eu nasci, literalmente falando. Nasci em minha casa e o meu umbigo foi enterrado no meu quintal. Pipo e Ilha de Guaratiba: uma relação visceral. Sempre gostei do meu lugar. Com o tempo, no entanto, meu amor foi aumentando. A medida que amadurecemos, passamos a dar mais valor às coisas verdadeiramente importantes. Se Ilha de Guaratiba fosse uma pessoa, certamente seria a paixão da minha vida. Sou apaixonado por Ilha de Guaratiba. Não consigo me imaginar morando em outro lugar. Me considero uma guaratibano de corpo e alma. Estou plantado em Ilha de Guaratiba. Esse lugar é a minha raiz. Por ser o berço de minha família, a Ilha me remete a um sentimento muito profundo. Ilha de Guaratiba merece todo o meu carinho, respeito e admiração. Nas viagens, eu até me empolgo no primeiro dia. No dia seguinte, no entanto, já começa a bater aquela saudade de casa. No terceiro dia eu já fico doído para voltar. Em toda viagem o sentimento é o mesmo. Nem quando estou longe eu consigo me desvencilhar desse lugar (Pipo – biólogo – 49 anos).

O que é um lugar? Na teoria, buscamos responder esta difícil pergunta desde as primeiras linhas desta pesquisa. No segundo capítulo, inclusive, nos debruçamos exclusivamente sobre este

conceito a fim de tentar traduzir as diferentes lucubrações acerca de sua definição, bem como sobre suas múltiplas dimensões. Mas, na prática, que características podem ser elencadas para alçar uma localidade à condição de lugar? Ilha de Guaratiba é um lugar? O que faz dessa simples localidade um lugar? Essas últimas perguntas não podem ser respondidas com base em teorias, uma vez que as respostas estão vinculadas às experiências vividas pelos indivíduos e grupos sociais em seu universo vivido. Somente estes podem discorrer sobre suas vivências, sentimentos e significados construídos no transcurso do tempo em seu chão experienciado. Somente a intensidade das citadas experiências, bem como sua interpretação, pode definir se o local representa ou não um lugar para seus residentes.

Com base no depoimento elencado, podemos considerar Ilha de Guaratiba um lugar. Como representante de sua coletividade, Pipo, um morador apaixonado por seu universo vivido, contribui para essa asserção por meio de seu relato. Entre os motivos e/ou características que norteiam a “lugaridade” (RELPH, 2012) de Ilha de Guaratiba, estão explícitos no depoimento do morador em questão: a importância do lugar para a formação do indivíduo como pessoa; a paixão pelo lugar como se o mesmo fosse uma pessoa; a profunda afeição pelo lugar construída e fortalecida ao longo do tempo; o sentimento de pertencimento e o enraizamento ao lugar; a saudade do lugar quando distante de seu “lar” e o amor pelo lugar.

Para encerrar, concernente ao sentido de lugar, deixo minhas próprias considerações: para mim, Ilha de Guaratiba é “o lugar por

excelência”. Berço de minha história e geografia, o lugar sempre me acolheu em meus anos de existência: lugar onde nasceram meus pais e onde nasci e me criei. Lugar onde estudei e trabalhei. Lugar onde hoje leciono nas escolas nas quais aprendi a amar a geografia. Lugar onde conheci a Jeane, minha mulher, e onde a Nicole, minha filha, deu seus primeiros passos. Lugar que me formou e fez de mim o que hoje sou. Lugar em que vivi minhas mais profundas experiências. No meu entendimento, não há lugar como Ilha de Guaratiba.

6.6 Desaguando no Rio Olímpico

No bojo da marcha urbanizadora que vigora em Ilha de Guaratiba, o que representa a perfuração do Túnel da Grota Funda? No entendimento da moradora Cátia,

o Túnel da Grota Funda representa uma porta que se abriu recentemente, uma espécie de portal que trouxe coisas boas e, na mesma proporção, muita insegurança. O lado bom é que facilitou a vida de moradores que, como eu, perdia horas importantes do dia na travessia da serra. Eu trabalho em Botafogo e, por isso, sofria muito no trânsito. Tanto na ida para o escritório, pela manhã, quanto no retorno para casa, na hora do rush, o trânsito ficava parado na Serra da Grota Funda. Apesar desse lado positivo, depois da inauguração do túnel eu passei a me sentir muito mais insegura do que antes. Com o túnel, as pessoas descobriram o nosso bairro, fazendo com que a violência aumentasse por aqui. O acesso livre e rápido ao nosso lugar tornou-se para nós, moradores, uma via de mão dupla. A cidade que estava do outro lado da serra, agora está à nossa porta (Cátia – secretária executiva – 35 anos).

Na linha contínua do espraiamento da urbe carioca, aterros de lagos, charcos, mangues, pântanos e mesmo avanços significativos sobre o mar contribuíram para a expansão da cidade (ABREU, 1987; 2008; GALVÃO, 1992). Em outro movimento, a abertura de túneis tornou-se necessária devido, sobretudo, às características físicas de nossa cidade, presenteada pela natureza com maciços montanhosos e domínios florestais (Tijuca, Pedra Branca e Gericinó-Mendanha). Sendo assim, vale repetir, desde 1887 a perfuração de túneis tornou-se uma solução viável para conectar os diferentes lugares da cidade separados por elevações que precisavam ser rompidas (ABREU, 1987; 2008; GALVÃO, 1992; MELLO, 1995; CARVALHO, 2002). No prosseguimento deste processo, utilizando as palavras da moradora Cátia, “o Túnel da Grota funda representa uma porta aberta entre Ilha de Guaratiba e a cidade que se encontrava do outro lado da montanha”.

O que representa o Túnel da Grota Funda para um tradicional agricultor acostumado com o isolamento do lugar e, desconcertantemente, com suas características de cidade do interior? A fim de obter resposta, vejamos o que diz o Senhor Agostinho:

Depois que furaram o túnel a gente só vê crescimento. O lugar está muito mudado depois do túnel. Há algum tempo, eu olhava lá para baixo e só via plantação. Hoje já dá para ver a quantidade de sítios, casas e condomínios. Depois do túnel veio mais gente para cá ainda. Pior que só veio gente mal educada. Dia desses eu estava lá embaixo e só via a quantidade de pessoas que passava caminhando. Tudo gente estranha que não tem coragem de dar um bom dia (senhor. Agostinho – agricultor e apicultor – 71 anos).

O senhor Agostinho mora em um verdadeiro paraíso, literalmente no meio do mato, sobre um dos morros que circundam o lugar. Como boa parte dos antigos agricultores do local, Agostinho é filho de portugueses. Seus pais aportaram em Ilha de Guaratiba antes de seu nascimento, nos idos de 1920, fixando residência no lugar que preservou como moradia e fonte de sustento por meio de seu bananal e de sua criação de abelhas. O morador em foco entende que o Túnel da Grota Funda, além de ter transformado o lugar com o número crescente de moradias, mudou as relações interpessoais com as quais estava acostumado. Para ele, um simples cumprimento faz parte do dia-a-dia e da necessária interação entre seus pares. O simpático agricultor, que adora jogar conversa fora, fica indignado com a indiferença com que é tratado pelos novos moradores que, por possuírem outra postura em relação ao outro, não são dados às relações de camaradagem e vizinhança com as quais o senhor Agostinho está acostumado. Na confluência dos tempos, o referido senhor adota uma postura e tem mesmo a sensação de estranheza com respeito aos que estão chegando à Ilha de Guaratiba. A experiência vivenciada por este guaratibano de longa tradição é ilustrativa para demonstrar uma das mudanças na vida de relações provocadas, tanto pela confluência da urbanidade carioca sobre o lugar, quanto pelo desaguar de Ilha de Guaratiba nas águas de um Rio olímpico e caudaloso de toda gente.

PALAVRAS FINAIS

O presente livro resulta de uma longa trajetória acadêmica. Este percurso evidencia o dinamismo no qual o lugar pesquisado encontra-se envolto. Na verdade, as abordagens sobre a multidimensionalidade inerente ao universo vivido guaratibano me acompanham desde o alvorecer de minha jornada acadêmica. Nesta trilha, a dimensão do vivido contribuiu para elevar à condição de lugar, o bairro recortado afetivamente pelos guaratibanos, abordagem inicial inscrita como monografia de graduação em geografia no Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos em Campo Grande, situado na Zona Oeste do Rio de Janeiro (FERNANDES, 2003). Esta pesquisa foi aprofundada e originou um novo trabalho, onde salientamos o papel da valorização (fundária/imobiliária) do espaço no processo de valorização do lugar defendido como tal no curso de Políticas Territoriais no Estado do Rio de Janeiro, ao nível de Especialização, na UERJ (FERNANDES, 2006). Três anos depois, obtive o título de mestre ao defender minha dissertação de mestrado cumprindo as exigências do curso junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ. Para tanto me debrucei sobre as geografias individuais e coletivas dos geógrafos informais de Ilha de Guaratiba. Neste percurso, busquei me embasar nos preceitos dos expoentes da geografia humanística Lowenthal e Tuan, entendendo os seres humanos como aptos a discorrer sobre seus mundos vividos (FERNANDES, 2010).

O desenrolar de minhas preocupações em relação a Ilha de Guaratiba tem me cativado a continuar escrevendo sobre o lugar. Além do mais, parafraseando Tuan (1961, p. 32), “eu não tenho qualquer obrigação de descrever outra área senão aquela pela qual eu tenho um afeto especial ou uma inexplicável fascinação”. O lugar no qual vivo é e sempre será meu ponto fundamental de preocupação.

Ao longo desta texto, vimos que vários cientistas – principalmente após a década de 1970 – têm se empenhado em criticar a visão reducionista do homem, postulada pela ciência positiva, tendência que favoreceu aos geógrafos humanísticos a interpretação do sentimento e a compreensão das relações entre os homens e seu mundo. A referida corrente do pensamento geográfico se opõe igualmente ao positivismo, na tentativa de superar-lhe o reducionismo. Esta tese se ocupa exatamente desta perspectiva, qual seja traduzir/decodificar a alma de um lugar em particular, qual seja Ilha de Guaratiba.

Ao decodificar as experiências vividas por membros da comunidade estudada, esta tese sublinhou a premissa fenomenológica de que “cada indivíduo constrói seu próprio mundo” (SCHUTZ, 1979, p.17). Mais que isso, ao decifrar vivências, sentimentos e outras experiências comuns aos indivíduos, revelou o fenômeno intersubjetivo, uma vez que “experiências individuais convergem para a coletividade” (MELLO, 2000, p.42). Por meio do nicho de experiências compartilhadas, pelo pesquisador inclusive, ensejei descortinar as geografias memoráveis de Ilha de Guaratiba, bem como o reflexo das transformações em voga na vida e no conjunto de

valores e sentimentos dos guaratibanos, envoltos igualmente por essa metamorfose espacial e existencial que ocorre em seu universo vivido.

A fim de não finalizar este trabalho em meio a preocupações e justificativas metodológicas, gostaria de evocar o caráter sagrado do sentido de lugar, embasando-me na arraigada perspectiva religiosa de Mircea Eliade (2007) em relação à descrição mítica sobre o simbolismo do centro. A alusão a essa abordagem sacra representa uma derradeira tentativa de expressar – por meio de palavras – o valor, o significado, a importância e a relevância do lugar para a pessoa que o vivencia e faz do mesmo seu eixo central para onde tudo converge. O citado filósofo, ao se dedicar sobre a história das religiões, percorre algumas tradições orientais até situar o Paraíso, onde o homem (Adão) foi criado por Deus a partir do barro, no centro do mundo – ou no umbigo da Terra (ELIADE, 2007; 2012). Esse insight, trazido por Eliade, nos remete a uma espécie de devaneio na tentativa de apurar o porquê do amor e da veneração do ser humano por seu universo vivido.

Qual teria sido o maior castigo imposto ao homem por sua desobediência à ordem Divina? Uns diriam ter sido a exaustão imposta pelo trabalho que a partir de então se tornou fatigante. A maioria, certamente, afirmaria ser a morte, que passou a vigorar após o pecado, o “castigo capital” tributado ao homem. A morte física, no entanto, não foi imposta pelo Criador, sobrevivendo ao homem como a maior consequência do seu pecado. Uma vez descartada a morte, não teria sido a expulsão do Paraíso – o lugar por excelência – o grande castigo imposto ao homem pelo Criador? Em meio à marcha

urbanizadora e ao vicejar de novas geografias memoráveis que caracterizam a “corrida para o oeste carioca”, o que estará reservado para Ilha de Guaratiba e seus moradores?

Com efeito, no curso de um olímpico Rio de toda gente e com formação de novos meandros, o Túnel da Grotta Funda e a malha viária, alavancada pela construção da Rodovia Transoeste, surgem para atender os anseios de moradores – e mesmo frequentadores de Ilha de Guaratiba – e a ambição do poder público em incorporar esta área à cidade.

Ilha de Guaratiba, inaugurada como sesmaria nos idos de 1579, singrou durante séculos graças ao vicejar de sua agricultura e à pacata vida de seus integrantes. Nos últimos anos, contudo, e com a perspectiva olímpica, a calha do Rio se avoluma em meio a dois movimentos: de Guaratiba ao Rio, propriamente dito, e, deste, na confluência dos tempos, em direção à terra do Senhor Willian, do paisagista Roberto Burle Marx e dos Guaratibanos enlaçados com seu universo vivido.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1210 p.

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1987. 147 p.

_____. A Cidade, a Montanha e a Floresta. In: ABREU, Maurício de Almeida. *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992. p. 55-103.

_____. A Apropriação do Território no Brasil Colonial. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org). *Explorações Geográficas: Percursos no Fim do Século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.197-245.

_____. Sobre a Memória das Cidades. *Revista da Faculdade de Letras* — Geografia I série, Porto, v.14, p. 77-97, 1998.

_____. Cidades: Espacialidades e Temporalidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (Orgs). *Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2003. 430 p.

_____. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2008. 155 p.

ABREU, Regina. Chicletes eu misturo com bananas? Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs). *O que é memória social?*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011. 160 p.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Os cantos e encantamentos de uma geografia sertaneja de Patativa do Assaré. In: MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Orgs). *Geografia e*

Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: Eduel, 2010. 354 p.

ANTONELLO, Ideni Terezinha. As territorialidades amazônicas reluzem na narrativa literária de Peregrino Júnior. In: MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Orgs). *Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação.* Londrina: Eduel, 2010. 354 p.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação.* São Paulo: Moderna, 1996. 255 p.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Temas de Filosofia.* São Paulo: Editora Moderna, 1992. 232 p.

ARAÚJO, Dorothy Sue Dunn de. A Vegetação da baixada de Guaratiba-Sepetiba. In: KNEIP, Maria Lina et al. *Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba-Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: UFRJ; Niterói: EDUFF, 1987. p. 47-72.

ASSIS, Lenilton Francisco de. Turismo de Segunda Residência: a Expressão Espacial do Fenômeno e as Possibilidades de Análise Geográfica. *Revista Território*, Rio de Janeiro: set/out, p. 107-122, 2003.

ATLAS das unidades de conservação da natureza do estado do Rio de Janeiro, 1990. Paginação irregular.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço.* São Paulo: Martins Fontes, 2008. 242 p.

BANDEIRA, Lucia Batista. Mallet - *Um Bairro Eleito e demarcado Afetivamente.* 1999. Monografia (Especialização em Políticas Territoriais no estado do Rio de Janeiro) – Instituto de Geografia, Universidade de Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

BASTOS, Ana Regina Vasconcelos Ribeiro. Espaço e Literatura: algumas reflexões teóricas. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n.5, 1998.

BELL, Daniel. *O Advento da Sociedade Pós-industrial*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1977.

BERDOULAY, Vicent; ENTRIKIN, John Nicholas. Lugar e Sujeito: perspectivas teóricas. In: MARANDOLA JR, Eduardo et al. *Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012. 307 p.

BERTA, Ruben. Guaratiba: Plano de Estruturação Urbana prevê prédios de 4 andares. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 28 abr. 2012.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Geografia Cultural: um Século* (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-131.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011. 1488 p.

BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural – Algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural – Uma Antologia*. V. 2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 292 p.

BOSI, Ecléa. *Memória & sociedade – Lembrança de velhos*. Companhia das Letras: São Paulo, 2003. 488 p.

BUTTERFIELD, Roger. "Henry Ford, the Wayside Inn, and the Problem of 'History is Bunk'". *Massachusetts Historical Society Precedings*, Massachusetts, v. 77, p. 53-66, 1965.

BUTTNER, Anne. Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CRISTOFOLETTI, Antônio (Org). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 165-193.

BUTTNER, Anne. Lar, Horizonte de Alcance e o Sentido de Lugar. *Revista Geograficidade*, Niterói, v.5, n.1, p. 4-19, verão 2015.

CALS, Soraia. *Roberto Burle Marx: uma Fotobiografia*. Rio de Janeiro: Bolsa de Arte, 1995. Paginação irregular.

CANCLINI, N. G. *La Globalización Imaginada*. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1999.

CAPEL, Horácio. *La Cosmópolis y La Ciudad*. Barcelona: Ed. Del Serbal, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Lugar no/do Mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARVALHO, Ronaldo Cerqueira de. *Rio de Janeiro: Uma cidade conectada por túneis – panorama até o final dos anos sessenta*. 2002. Monografia (Especialização em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

CARVALHO, Ronaldo Cerqueira de. Rio de Janeiro – uma cidade conectada por túneis. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Urbanismo; Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2004. 57 p.

CASSIRER, Ernest. *A Filosofia das Formas Simbólicas: II - o pensamento mítico*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 432 p.

_____. *A Filosofia das Formas Simbólicas: III – fenomenologia do conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 818 p.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTRO, Augusto César de. *Guaratiba: Ontem e Hoje*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Curso de Licenciatura

em História, Fundação Educacional Unificada Campograndense (FEUC), Rio de Janeiro, 2002.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. As Perspectivas dos Estudos Geográficos. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 11-36.

CLAVAL, Paul. O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 35-86.

_____. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007. 453 p.

CORRÊA, Magalhães. O Sertão Carioca. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 167, 478p., 1936.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Meio Ambiente e a Metrópole. In: ABREU, Maurício de Almeida. *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992. p. 27-36.

_____. *O Espaço Urbano*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2000. 94 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: Um Conceito-Chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org). *Geografia: conceitos e temas*. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 15-47.

_____. A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 167-186.

_____. Sobre a geografia cultural. In: Textos NEPEC (volume 3). Rio de Janeiro: UERJ, 2007.

_____. A espacialidade da cultura. In: CD cultura. Rio de Janeiro: UERJ, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia Cultural: apresentando uma antologia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). *Geografia Cultural: uma antologia* (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. 344 p.

COSGROVE, Denis. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 224 p.

_____. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92-123.

COSTA, Mariana Timóteo da. A dois passos do paraíso. *Revista O Globo*, Rio de Janeiro, 15 dez. 2013.

COSTA, Otávio. Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, Edição comemorativa 1993-2008, p. 149-156, 2008.

DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159 p.

DIAS, Alice Ferreira Rodrigues. Ilha de Guaratiba: Paisagem Verde Para Quem? *Revista Espaço Aberto*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 89-108, 2011.

DREW, David. *Processos Interativos Homem-Meio Ambiente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 224 p.

ELIADE, Mircea. *La Nostalgie des Origines*. Paris: Folio-Essais; Galimard, 1971.

_____. *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 2007. 175 p.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 178 p.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000 224 p.

ENTRIKIN, John Nicholas. O Humanismo Contemporâneo em Geografia. *Boletim de geografia teórica*, São Paulo, v. 10, 1980.

FARAH, Fábio. José Humberto Resende – O doutor do Sudário. *Revista Isto é Gente*, São Paulo, 02 jun. 2003. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoegente/200/reportagens/jose_humberto_resende_sudario.htm>. Acesso em: 20 nov. 2015.

FERNANDES, Marcio Luis. *Ilha de Guaratiba: De Espaço a Lugar*. 2003. 44f. Monografia (Graduação em Geografia) – Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos, Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Ilha de Guaratiba em seus atributos naturais*. Rio de Janeiro, 2005. 41f. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/ilha-de-guaratiba-em-seus-atributos-naturais/136345/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

_____. *A Valorização do “Espaço” produzindo a valoração do “Lugar.” O caso de Ilha de Guaratiba – R.J.* 2006. 56 f. Monografia (Especialização em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

_____. *Ilha de Guaratiba e suas paisagens*. Rio de Janeiro, 2008. 32 f. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/ilha-de-guaratiba-e-suas-paisagens/136627/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

_____. Por uma Necessária Mudança de Valores: uma proposta para a produção de um espaço (urbano) que privilegie o uso e não a troca. In: SIMPÓSIO NACIONAL O RURAL E O URBANO NO BRASIL, 2., 2009, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2009.

FERNANDES, Marcio Luis. *Decodificando geografias pretéritas e hodiernas de Ilha de Guaratiba*. 2010. 99f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

_____. *Descortinando a marcha urbanizadora em Ilha de Guaratiba a partir das experiências vividas por seus moradores*. Rio de Janeiro, 2011. 25 f. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/descortinando-a-marcha-urbanizadora-em-ilha-de-guaratiba-a-partir-das-experiencias-vividas-por-seusmoradores/136505/>>. Acesso em 19 out. 2015.

_____. O Caráter Identitário da Toponímia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDO DAS AMÉRICAS, 3., 2012. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

_____. Globalização e urbanização do mundo. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/globalizacao-e-urbanizacao-do-mundo/136480/>>. Acesso em 19 out. 2015.

_____. Um outro horizonte em busca da humanização da geografia. *Revista Geograficidade*, Niterói, v.4, n.1, p. 78-87, verão 2014.

_____. Corrida à Zona Oeste. *O Dia*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2014 b. Coluna Opinião.

_____. Descortinando o universo simbólico de um lugar. *Revista Perspectiva Geográfica*, Cascavel, v.9, n.11, 2015.

FERREIRA, Antônia Maria M; OLIVEIRA, Marli Vieira de. Contribuição ao Estudo Arqueo-Geológico do Quaternário Superior da Baixada de Guaratiba-Setpetiba. In: Kneip, Maria Lina et al. *Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba-Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ; Niterói: EDUFF, 1987. p. 29-45.

FIREY, Walter. Sentiments and symbolism as ecological variables. *American Sociological Review*, v.10, n.2, p. 140-148, 1945. (Annual Meeting Papers).

FIREY, Walter. Sentimentos e simbolismo como variáveis ecológicas. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia cultural: uma antologia*, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ; 2013. p. 21-34.

FREITAS, Inês Aguiar de; PERES, Waldir Rugero; RAHY, Ione Salomão. A Janela de Hitler. *GeoUERJ – Revista do Departamento de Geografia*. Rio de Janeiro n. 6, p. 29-36, 1999.

FRÉMONT, Armand. Histoire d'une Recherche. In: Frémont et ali. *Espace Vécu et Civilisations*. Paris: CNRS, 1982. 106 p.

FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em nome do rei: uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Editora Garamond), 1999. 304 p.

GALLAIS, Jean. Alguns Aspectos do Espaço Vivido nas Civilizações do Mundo Tropical. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Geografia Cultural: um século* (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 63-81, 2002.

GALVÃO, Maria do Carmo Corrêa. Focos sobre a questão ambiental no Rio de Janeiro. In: ABREU, Maurício de Almeida. *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992. p. 13-26.

GEIGER, Pedro Pinchas. Contribuição ao debate sobre espacialidades e temporalidades urbanas. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (Orgs). *Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2003. 430 p.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2013. 213 p.

GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 366 p.

GONDAR, Jô; DODEBEL, Vera (Orgs). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011. 160 p.

GUERRA, Antônio Teixeira. *Dicionário Geológico e Geomorfológico*. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. 446 p.

HAESBAERT, Rogério. *O Mito da Desterritorialização: Do “fim dos Territórios” à Multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 400 p.

_____. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA – EGAL, 10., 2005, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2005.

HALL, Stuart. *Representations: cultural representations and signifying practices*. London: Routledge publications, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *La Mémoire Collective*. Presses Universitaires de France: Paris, 1968.

_____. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2013. 224 p.

HALLEY, Bruno Maia. O Bairro e os enredos do lugar. Revista Geograficidade, Niterói, v.4, n.1, p. 43 – 57, Verão 2014.

HERDY, José Maria. Ilha de Guaratiba tem tudo para se tornar um bairro eficiente. In.: PORTAL Guaratiba, Rio de Janeiro, 01 jun. 2013. Disponível em: <http://www.portalguaratiba.com.br/2013/noticias/010601_ilha_de_guaratiba_tem_tudo_para_se_tornar_um_bairro_eficiente.html>. Acesso em: 20 nov. 2015.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1992. 349 p.

_____. *A Produção Capitalista do Espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

HIGHET, Gilbert. *The Classical Tradition: Greek and Roman Influences on Western Literature*. Oxford: Clarendon, 1949.

HOLZER, Werther. *A geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990* (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: PPGEO/UFRJ, 1992. 550 f.

_____. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 103-122.

_____. A Geografia Humanista: uma revisão. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, Edição comemorativa 1993-2008, p. 137-147, 2008.

JANOT, Luiz Fernando. A caminho de Guaratiba. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 26 out. 2013. Coluna Opinião.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 309 p.

JOHNSTON, Ronald John. Introducion el estudio internacional de la historia de la geografia. In: JOHNSTON, Ronald John; CLAVAL, Paul (Orgs). *La geografia Actual: geógrafos y tendencias*. Barcelona: Ariel, 1986 a. p. 13-25.

JOHNSTON, Ronald John. *Geografia e Geógrafos: a geografia humana anglo-americana desde 1945*. São Paulo: Difel, 1986. 359 p.

KNEIP, Maria Lina et AL (Org). *Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba-Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ; Niterói: EDUFF, 1987. 257 p.

KORYTOWSKI, Ivo. Literatura e Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, [20--]. Disponível em: <<http://literaturaeriodedejaneiro.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

LAGO, Mário. *Na Rolança do Tempo*. José Olympio: Rio de Janeiro, 1976. 350 p.

LEFEBVRE, Henri. *La Presencia y La Ausencia*. Contribución a la teoría de las representaciones. México: FCE, 1983. Paginação irregular.

_____. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LESSA, Carlos. *O Rio de Todos os Brasís: Uma Reflexão em Busca de Auto-Estima*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 478 p.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e Imaginação: Em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRITOFOLETTI, Antônio. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 103-141.

_____. *The Past Is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

_____. Como Conhecemos o Passado. *Projeto História – Revista do programa de estudos pós-graduados de história*, São Paulo, v. 17, p. 63-201, 1998.

MARANDOLA JR, Eduardo. Sobre Ontologias. In: MARANDOLA JR, Eduardo et al. *Qual o espaço do lugar?* Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. 307 p.

MASCARENHAS, Gilmar. *O Lugar da Feira-Livre na grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência (Rio de Janeiro: 1964-1989)*. 1991. 220 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

MASSEY, Doren. *Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia Humanística: A Perspectiva da Experiência Vivida e Uma Crítica Radical ao Positivismo. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, p. 91-115, 1990.

_____. *O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular Brasileira – 1928/1991 – uma introdução à geografia humanística*. 1991. 300 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1991.

_____. A Humanização da Natureza – uma odisséia para a (re)conquista do paraíso. In: SILVA, S. T.; VIANA, O. M. *Geografia e Questão Ambiental*. Rio de Janeiro: IBGE, 31-40, 1993.

_____. Em Defesa dos Indivíduos nos Estudos Geográficos. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO 1. 1999, Rio Claro. Anais...Rio Claro: UNESP, 1999. p. 113-118.

_____. *Dos Espaços da Escuridão aos Lugares de Extrema Luminosidade – O Universo da Estrela Marlene como e documento para a construção de conceitos geográficos*. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

_____. Descortinando e (Re)pensando Categorias Espaciais com Base na Obra de Yi-Fu Tuan. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 87-101.

_____. A Restauração dos Lugares do Passado. *Revista GeoUERJ*, Rio de Janeiro, n.12. p. 63-69, 2002.

_____. Símbolos dos Lugares, dos Espaços e dos “Deslugares”. *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro, v. 16, p. 64-72, 2003.

MELLO, João Baptista Ferreira de. No Pulsar da Cidade Maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro. In: SOCIEDAD LATINOAMERICANA DE ESTUDIOS SOBRE AMERICA LATINA Y EL CARIBE – SOLAR, 9., 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: [S.n.], 2004.

_____. Valores em Geografia e o Dinamismo do Mundo Vivido na Obra de Anne Buttimer. *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro, v. 19-20, p. 33-40, 2005.

_____. Os Tambores e as Flechas de São Sebastião do Rio de Janeiro. *Revista Imaginário e Arte*, São Paulo, n.15 p. 37-67, 2007.

_____. O Rio dos Símbolos Oficiais e Vernaculares. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Espaço e cultura: pluralidade temática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 173-186.

MENDILOW, Adam Abraham. *Time and the novel*. London: John Spencer/Badger, 1960.

MENEZES, Luiz Fernando et al (Org). *História Natural da Marambaia*. Rio de Janeiro: EDUR, 2005.

MENEZES, Luiz Fernando; ARAÚJO, Dorothy Sue Dunn de; GOES, Maria Hilde de Barros. Marambaia: a última restinga carioca preservada. *Revista Ciência Hoje*, v. 23, n.136, p. 28-37, mar. 1988.

MONBEIG, Pierre. *Novos estudos de geografia humana brasileira*. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1957.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Annablume, 2007. 152 p.

MOREIRA, Ruy. *O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes da renovação*. São Paulo: Contexto, 2009. 172 p.

NOGUÉ Y FONT, J. El paisaje existencial de cinco grupos de experiência ambiental. Ensaio metodológico. In: BALLESTEROS, A. *Geografía y Humanismo*. Barcelona: Oikos-tau, 1992. p. 87-96.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo: PUC-SP. 1993. p. 7-28. (Projeto História, n. 10).

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo et al. *Qual o espaço do lugar?* Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. 307 p.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. São Paulo: Martins Fontes, 1970. 284 p. (Edições 70).

PANOFSKY, Erwin. *Significado das artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PARK, Robert Ezra. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 26-67.

PICKLES, Jonh. *Geography and humanism*. Norwich: Geo Books, 1985. 64 p.

PINTO, Rivadávia. Guaratiba: Um Orgulho de 407 Anos. *Razão: o jornal positivo*. Rio de Janeiro, não paginado, nov. 1986.

POCOCK, Douglas. Place and the novelist. *Transactions of the Institute of British Geographers: New Series*, v. 6, p. 87-98, 1981.

PORTAL Guaratiba. Rio de Janeiro, [20--]. Disponível em: <<http://www.portalguaratiba.com.br>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

PROCESSAMENTO DIGITAL: Geotecnologias e software livre. [S.I.], [20--]. Disponível em: <<http://www.processamentodigital.com.br>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

REDONDO, Andrea Albuquerque. A cidade cresce para Guaratiba. *Urbe Carioca*. Rio de Janeiro, 25 set. 2012. Disponível em: < <http://urbe.carioca.blogspot.com.br> >. Acesso em: 20 nov. 2015.

RELPH, Edward. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. *Canadian Geographer*., v. 14, n.3, p. 193-201, 1970.

_____. *Place and Placelessness*. London: Pion, 1976. 156 p.

_____. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essências de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo et al. *Qual o espaço do lugar?* Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. 307 p.

RHEINGANTZ, Carlos. *Primeiras Famílias do Rio de Janeiro (séculos XVI e XVII)*. V. 1. Livraria Brasileira Editora: Rio de Janeiro, 1965. 556 p.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. *Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: IPPUR, UFRJ: FASE, 1997. 352 p.

RIBEIRO, Miguel Ângelo; COELHO, Maria do Socorro Alves. A importância do fenômeno da segunda habitação e suas implicações com a atividade de lazer-veraneio: o exemplo do Estado do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 9., 2007, Niterói. *Anais...* Niterói: ANPEGE, 2007. 1 CD-ROM.

RIO 2016. Rio de Janeiro, [20--]. Disponível em: <<http://www.rio2016.com>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião: Uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: EdUERJ: 2002. 90 p.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org).

Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 224 p.

ROTEIROS Geográficos do Rio: roteiros gratuitos em defesa da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, [20--]. Disponível em: <<http://www.roteirosdorio.com>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

RUA, João. Urbanidades e Novas Ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: Algumas considerações teóricas. In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foepfel (Org). *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Infobook, 2002 A. p. 27-42.

_____. Urbanização em áreas rurais no estado do Rio de Janeiro In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foepfel (Org). *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Infobook, 2002 B. p. 43-69.

SÁ, Fátima. Burle Marx Não Morreu. *Revista O Globo*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 227, 30 nov. 2008. Paginação irregular.

SACK, Robert David. Magic and space. *Annals of the association of American geographers*, v. 66, n.2, p. 309-322, 1976.

_____. *Human Territoriality: its theory and history*. Cambridge. Cambridge University Press, 1986. 256 p.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Espacialidades e temporalidades urbanas. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (Orgs). *Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2003. 430 p.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

_____. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 117 p.

_____. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: EDUSP, 2002. 384 p.

SANTOS, Noronha. *As freguesias do Rio antigo*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 319 p.

SEAMON, DAVID. Body-subject, time-space routines, and place-ballets. In: BUTTIMER, Anne and SEAMON, David. *The Human Experience of Space and Place*. New York: St. Martin's Press, 1980. p. 148-165.

SEAMON, DAVID. Corpo-sujeito, Rotinas Espaços-temporais e Danças do Lugar (tradução de Paulo Maurício Rangel). *Revista Geograficidade*, Niterói, v.3, n.2, p. 4-18, Inverno 2013.

SILVA, Armando Corrêa da. *O espaço fora do lugar*. São Paulo: Hucitec, 1988. 128 p.

SILVA, Kelly Cristina Rodrigues. A memória para pensar o espaço: a perspectiva do lugar. *Revista Geograficidade*, Niteroi, v.5, n.2, p. 26-37, Inverno 2015.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a vida Mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SÍTIO Roberto Burle Max. Rio de Janeiro, [20--]. Disponível em: <<http://sitioburlemarx.blogspot.com.br>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

SOARES, Maria Therezinha de Segadas Soares. *Aspectos da geografia carioca*.: Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1962.

_____. O conceito geográfico de bairro e sua exemplificação na cidade do Rio de Janeiro. In: BERNANDES, Lysia; SOARES, Maria

Therezinha de Segadas. *Rio de Janeiro – Cidade e Região*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990. p. 105-120.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, p. 139-172, 1989.

_____. *Mudar a Cidade: Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 556 p.

_____. *ABC do Desenvolvimento Urbano*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 190 p

TARGINO, Tânia; MONTEIRO, Neide Carvalho. *Atlas Escolar da Cidade de Rio de Janeiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2000. 41p.

TUAN, Yu Fu. Topophilia or sudden encounter with landscape. *Landscape*, v.11, n. 1, p. 29-32, 1961.

_____. Sacred Space: Exploration of an Idea. In: DIMENSION of human geography. Chicago: University of Chicago, 1978. p. 84-100.

_____. *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980. 288 p.

_____. Geografia Humanística. In: CHRITOFOLETTI, Antônio. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 143-164.

_____. *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.

_____. *The good life*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986. 191 p.

_____. A view of geography. *Geographical Review*. New York, v. 81 n. 1: p. 99-106, 1991.

TUAN, Yu Fu. *Escapism*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998. 245 p.

_____. *Paisagens do Medo*. São Paulo: UNESP, 2005. 373 p.

_____. Espaço, Tempo e Lugar: Um Arcabouço Humanista. *Revista Geograficidade*, Niterói, v.1, n.1, p. 8-19, Inverno 2011.

_____. *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. Londrina: Eduel, 2012. 344 p.

_____. *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*: Londrina, PR: EDUEL, 2013. 248 p.

WEID, Elisabeth von der. *O bonde como elemento de expansão urbana no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997. 30 p.

WIRTH, Louis. O Urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 90-113.

WRIGHT, John. Terrae incognitae: the place of the imagination in geography. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 37. p. 01-15, 1947.

YÁZIGI, Eduardo. Patrimônio Ambiental Urbano: refazendo um conceito para o planejamento urbano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (orgs). *Dilemas Urbanos: Novas Abordagens sobre a Cidade*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 253-265.

ANEXO A – Decreto Nº 3158 de 23 de Julho de 1981. Estabelece a Denominação, a Codificação e a Delimitação dos Bairros da Cidade do Rio de Janeiro (Resumo Restrito à Região Administrativa de Guaratiba).

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais, tendo em vista a Deliberação n.º 114, de 8 de abril de 1981 da Comissão do Plano da Cidade - P/COPLAN, aprovada no processo n.º 02/1476/80,

DECRETA:

Art. 1.º - A denominação, a codificação e a delimitação dos bairros da Cidade do Rio de Janeiro ficam estabelecidos por este decreto.

Art. 2.º - Os bairros são relacionados no Anexo I com a sua denominação e a sua codificação.

Parágrafo único - A codificação dos bairros obedece ao seguinte critério:

- o primeiro dígito corresponde ao número da Área de Planejamento;

- os dois dígitos seguintes correspondem ao número da Região Administrativa;

- os três últimos dígitos correspondem ao número do bairro.

Art. 3.º - A delimitação dos bairros é estabelecida no Anexo II.

Art. 4.º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 23 de julho de 1981 – 417º. de Fundação da Cidade

JULIO COUTINHO

Joaquim Torres Araujo

Carlos Alberto de Carvalho

José Maria da Motta

Vicente de Paulo Barreto

Lucy Serrano Ribeiro Vereza

Paulo Cesar Catalano

Renato da Silva Almeida

Raimundo Moreira de Oliveira

ANEXO I: DENOMINAÇÃO E CODIFICAÇÃO DOS BAIRROS

XXVI Região Administrativa

526151 Guaratiba

526152 Barra de Guaratiba

526153 Pedra de Guaratiba

ANEXO II: DELIMITAÇÃO DOS BAIRROS

XXVI RA – GUARATIBA

151 – **Guaratiba**

Da Praia da Capela, na Baía de Sepetiba, pelo prolongamento da Avenida Carlos da Silva Rocha e, por esta (excluída) atravessando a Estrada da Matriz, até o entroncamento com a Rua Soldado Prim Canes; deste ponto, pelo prolongamento do alinhamento da Avenida Carlos da Silva Rocha, até a Rua 25 do PAL 18.529; por esta (incluída) até a Estrada da Capoeira Grande; por esta (incluída) até a Estrada do Catruz; por esta (excluída) até a Rua Maestro Deozílio; por esta (excluída) e por seu prolongamento, até a Baía de Sepetiba; daí, pelo litoral, passando pela Paia do Aterro (incluída) até a foz do Rio do Ponto ou Piaí, no Saco do Piaí; pelo leito deste, atravessando a Estrada do Piaí, até a Estrada da Pedra; por esta (incluída) até o entroncamento com a Rua General Alexandre Barreto (excluída); daí, subindo o espigão até o ponto de cota 157m, na Serra do Cantagalo; deste ponto, pela cumeada em direção nordeste, até o ponto de cota 203m; deste ponto, em direção norte, passando pelos pontos de cota 178m, 194m, 157m e 153m, até o ponto de cota 249m no Morro de Santa Eugênia, deste ponto, por uma linha reta em direção leste, até o ponto de cota 227m na Serra de Inhoaíba; deste ponto, pela cumeada e pelo espigão passando pelos pontos de cota 242m, 187m, 184m, 154m e 119m, até o ponto de cota 78m; deste ponto, descendo em linha reta, em direção ao entroncamento da Estrada do Magarça com a Rua Campo Formoso; por esta (excluída) até a Estrada do Mato Alto; por esta (excluída) até o Rio Cabuçu; pelo leito deste, até o entroncamento com a Avenida Alhambra; por esta (excluída) até a Rua Jorge Sampaio; por esta (excluída) até a

Estrada da Cachamorra; seguindo por esta (incluída) até a Rua Jose Capanema; por esta (incluída) até o seu final; daí, pela vertente, até o ponto mais alto do Morro do Cabuçu (cota 568m); deste ponto, descendo e subindo as vertentes e atravessando a Estrada das Tachas em linha reta, até o ponto culminante do Morro dos Caboclos (cota 688); deste ponto, seguindo pela cumeada em direção sul, passando pelo ponto mais alto do Morro da Toca Grande, descendo e subindo os espigões e atravessando a Estrada da Toca Grande no ponto de cota 346m, até o ponto de cota 444m; deste ponto, descendo e subindo os espigões, atravessando a Estrada do Morgado no ponto de cota 248m, até o Pico do Morgado (cota 398m); deste ponto, pela cumeada passando pelo Morro da Boa Vista (cota 334m), até o Morro da Ilha (cota 434); deste ponto, descendo em reta a vertente, até encontrar o entroncamento da Estrada da Grota Funda com a Avenida das Américas; por esta (incluído apenas o lado par) até a Estrada da Barra da Guaratiba; por esta (excluída) até a ponte de acesso ao Campo de Provas da Marambaia (limite da ZE-6, Decreto nº 4528, de 27/11/70); por esta (incluída e incluindo o trecho da Restinga da Marambaia pertencente ao Município do Rio de Janeiro) e pela orla da Baía de Sepetiba ao ponto de partida, incluindo sob sua jurisdição as ilhas de Guaraguessaba e do Urubu e ainda as ilhas da Barra de Guaratiba.

152 – Barra de Guaratiba

Do Oceano Atlântico, no local denominado Saco dos Meros (incluído, excluindo a Ponta da Praia Funda), subindo e descendo o espigão, passando pelo ponto de cota 96m, até a Garganta da Praia Funda (cota 13m); deste ponto, subindo o espigão do Morro de Guaratiba até o ponto de cota 334m e, pela cumeada, até o Morro de São João da Mantiqueira (cota 273m); deste ponto, descendo e subindo o espigão em direção norte, passando pela Garganta do Grumari (cota 108m), atravessando a Estrada do Grumari, até o ponto de cota 237m no Morro da Faxina; deste ponto, pela cumeada em direção norte, até o ponto de cota 394m; deste ponto, descendo e subindo os espigões em direção nordeste, passando pelos pontos de cota 298m, 358m, 392m, 339m e 413m, até o ponto culminante do Morro de Santo Antônio da Bica (cota 482m); deste ponto, pela cumeada, passando pela cota 452m, 383m e 324m, até o ponto de cota 279m; deste ponto, descendo o espigão, até encontrar o entroncamento da Estrada da Grota Funda com a Avenida das Américas; por esta (incluído apenas o lado ímpar) até a Estrada da Barra de Guaratiba; por esta (incluída) até a ponte de acesso ao Campo de Provas da Marambaia (limite da ZE-6, Decreto nº 4528, de 27/11/70 (excluída); daí, pela Praia da Barra de Guaratiba (incluída) e pela orla marítima ao ponto de partida, incluindo sob sua jurisdição as ilhas do Frade e Rasa de Guaratiba.

153 – Pedra de Guaratiba

Da Praia da Capela, na Baía de Sepetiba, seguindo pelo prolongamento da Avenida Carlos da Silva Rocha e por esta (incluída) atravessando a Estrada da Matriz, até o entroncamento com a Rua Soldado Prim Canes; deste ponto, pelo prolongamento do alinhamento da Avenida Carlos da Silva Rocha, até a Rua 25 do PAL 18.529; por esta (excluída) até a Estrada da Capoeira Grande; por esta (excluída) até a Estrada do Catruz; por esta (incluída) até a Estrada da Pedra; por esta (incluída) até a Rua Maestro Deozílio; por esta (incluída) e por seu prolongamento, até a Baía de Sepetiba; daí, por sua orla incluindo as Praias da Venda Grande, da Pedra e da Capela, ponto de partida.

ANEXO B – Plano Urbanístico elaborado pelo Grupo do Trabalho do PEU da Associação Rural Guaratiba. referente a área da Ilha de Guaratiba

Para que Ilha de Guaratiba continue sendo o **Bairro Verde** de sempre, o grupo elaborou as seguintes sugestões:

- 1 Manter as áreas cultivadas existentes e que estão registradas nas respectivas associações, com privilégios nas cobranças do IPTU e ITR
Exemplo: Itaguaí, com áreas mistas. (Residências ao lado de Comercio e áreas Rurais).

- 2 Criar Zonas de Ocupação, com os diferenciados gabaritos.
 - 2.1 Zonas Exclusivamente agrícolas – mais de 5000 m². O Gabarito nestas áreas seria de casas unifamiliares com o Máximo de 2 andares.

 - 2.2 Zonas Exclusivamente residenciais até a cota 80. Lotes mínimos de 500 até 800m². O Gabarito nestas áreas seria de 4 andares.

 - 2.3 Zonas Mistas – Comerciais / Residenciais / Agrícolas. Lotes mínimos de 2000m². O Gabarito nestas áreas seria de 4 andares.

 - 2.4 Zonas de Agro silviculturas nas cotas 60 até 100. Lotes mínimos com mais de 10.000m²

2.5 Elaborar projetos de Ecoturismo incluindo áreas do Parque da Pedra Branca.

2.6 Zonas livres de qualquer ocupação: margens dos rios, áreas sujeitos a alagamento, pântanos, riachos com no mínimo 5 m de mata ciliar.

3 Não permitir Indústrias pesadas ou poluentes

4. Elaborar Plano Piloto com traçados das futuras ruas dividindo o Zoneamento das áreas

5 Elaborar Projeto do saneamento Básico

6 Construções novas, individuais. Condomínios e loteamento deverão ter uso de Biodigestores no quesito saneamento.

O PEU deve abordar formas de regularizar a situação de posses e das construções irregulares que são predominantes na região.

ANEXO C – Carta de Recomendação para o PEU – Projeto de Estruturação Urbana de Ilha de Guaratiba – proposta da AMIG – Associação de Moradores de Ilha de Guaratiba

Rio de Janeiro, RJ, 08/10/2015.

Ofício de nº. 002/15

Ref.: Carta de Recomendação Para o PEU – Projeto de Estruturação Urbana de Ilha De Guaratiba

A Associação de Moradores de Ilha de Guaratiba vem por meio desta solicitar de V.Sr^a. a apreciação da “**Carta de Recomendação para o PEU – Proposta de Estruturação Urbana de Ilha de Guaratiba**” aqui proposta, segue abaixo:

RESUMO DA ATA DA REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE ILHA DE GUARATIBA EM 3 DE OUTUBRO DE 2015.

Para colaborar com a Prefeitura do Rio tendo em vista as notícias a respeito da elaboração do PEU de Guaratiba, a **ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE ILHA DE GUARATIBA**, na reunião do dia 3 de outubro de 2015, elaborou esta proposta a ser encaminhada ao Prefeito.

Esta proposta foi dividida em 3 partes.

A 1ª PARTE – A trata da necessária organização prévia da região, no sentido de garantir a infraestrutura urbana e ambiental com vistas a receber as mudanças no espaço construído a partir da implantação das diretrizes do PEU.

Esta parte tem como fundamento os princípios previstos no **Artigo 65 do PLANO DIRETOR DE 2011**, que trata do **PLANO REGIONAL**, instrumento que define as diretrizes, objetivos e ações para uma Região de Planejamento. Ou seja, trata-se da necessidade de garantir, antes da aplicação do PEU, as funções urbanas básicas (circulação, trabalho, moradia e lazer), bem como as funções sociais da cidade previstas na **Lei Orgânica do Município**.

A 2ª PARTE - B trata dos itens a serem considerados no texto do PEU com foco na organização do espaço construído, conforme a natureza deste instrumento para o controle do uso e ocupação do solo.

Deve-se destacar que os itens a seguir são questões próprias da logradouro **ILHA DE GUARATIBA (PI)** e os demais relativos à circunscrição total regida pelo **PEU DE GUARATIBA (PG)**.

A - PRIMEIRA PARTE:

Itens a serem considerados pelo **Plano de Desenvolvimento Local** baseado no **PLANO REGIONAL** previsto no **Artigo 65 do Plano Diretor de 2011** para garantia da base estrutural necessária para a consolidação do PEU.

Contemplam-se os seguintes pontos:

- 1 - Um novo sistema viário. (PG)
- 2 - Impedimento da extração mineral inclusive de águas subterrâneas. (PG)
- 3 - Tratamento de esgoto e drenagem de águas pluviais, lixo, programa de macrodrenagem, abastecimento de água. (PG)
- 4 – Manutenção dos conceitos relativos à **Área de Especial Interesse Agrícola. (PI)**

5 - Delimitação da **Zona de Amortecimento** do Parque Estadual da Pedra Branca, (PG)

6 – Delimitação e **proteção dos contrafortes** do Maciço da Pedra Branca (PG)

7 – Delimitação da **Área Especial Interesse Ambiental - AEIA** do Maciço da Pedra Branca de competência municipal. (PG)

8 – Programa geral de mobilidade urbana e acessibilidade urbana. (PG)

9 – Aprovação de um plano de transporte coletivo usando VLT e ônibus tipo "jardineira", nas vias locais dirigidas para as linhas de BRT e estação de trens de Campo Grande. (PG)

10 – Plano local para a **Área de Especial Interesse Social - AEIS**, com objetivo de regularizar ocupações e loteamentos irregulares, a partir do levantamento Cadastral destas áreas. (PG)

11 - Plano de regularização dos loteamentos inscritos no **Núcleo de Regularização de**

Loteamentos da Prefeitura. (PG)

12 - Plano de regularização dos loteamentos não inscritos no **Núcleo.** (PG)

13 - Discriminação das **terras públicas** em cadastro acessível ao público. (PG)

14 - Aproveitamento de áreas vazias e ociosas para criação de bosques e áreas de lazer (PI).

15 - Inscrição no cadastro fiscal das vias existentes sem inscrição municipal: as não reconhecidas pela Prefeitura situadas nos acessos, ou no interior dos loteamentos inscritos no **Núcleo** de Regularização de Loteamentos e aquelas ainda sob regime tributário do INCRA, remanescentes da antiga Zona Rural do Município. (PG)

16 - Revisão e melhoria da iluminação pública; (PG)

17 - Melhoria da infraestrutura da educação; (PI)

18 - Revisão da política de educação adequada à realidade local; (PI)

19 - Construção de creches e melhoria do posto de saúde. (PI)

20 - Plano de arborização para a região com espécies nativas.

21 - Impedimento da implantação de heliportos. (PI)

22 - Aproveitamento paisagístico das faixas de domínio das estradas e avenidas municipais (PG).

23- Instalação de um posto (Posto de Orientação Urbanística e Social) na Sede da XXVI RA.

B- SEGUNDA PARTE – (Itens para organizar a política de uso do solo para o texto do PEU)

- 1 - Uso exclusivo **residencial unifamiliar** (PI)
- 2 - Atividade econômica principal agrícola e agricultura com foco em **plantas ornamentais** (PI)
- 3 – Proteção, no Zoneamento, do uso tradicional para a **Agricultura Urbana**. (PG)
- 4 – Construções de **galpões** somente como complemento da atividades agrícola. (PI)
- 5 - Delimitação da **Faixa Marginal de Proteção - FMP** das águas superficiais. (PG)
- 6 - Não permitir postos de gasolina e bancos. (PI)
- 7 - Gabarito máximo de sete metros de altura com taxa de ocupação máxima de 50% (PI).
- 8 - Lote mínimo de 600m². (PI)
- 9 - Uso comercial de bairro em edificação exclusiva. (PI)
- 8 - Revisão e melhoria da iluminação pública (PG)
- 9 - Melhoria da infra-estrutura da educação (PI)

- 10 - Revisão da política de educação adequada à realidade local (PI)
- 11 - Construção de creches e melhoria do posto de saúde (PI)
- 12 - Plano de arborização para a região.
- 13 - Impedimento da implantação de heliportos (PI)
- 14 - Aproveitamento paisagístico das faixas de domínio das estradas e avenidas municipais (PG)

OBSERVAÇÕES FINAIS:

LEGENDAS:

PG = Plano Guaratiba válido para todo o bairro

PI = Plano Ilha de Guaratiba válido somente para a área da Ilha de Guaratiba

_____ X _____

FUNDAMENTOS DA POLITICA URBANA NA LEI ORGANICA DO MUNICÍPIO.

Art. 422= Funções sociais da cidade

Art. 422 - A política urbana, formulada e administrada no âmbito do processo de planejamento e em consonância com as demais políticas municipais, implementará o pleno atendimento das funções sociais da Cidade.

§ 1º - As funções sociais da Cidade compreendem o direito da população a moradia, transporte público, saneamento básico, água potável, serviços de limpeza urbana, drenagem das vias de circulação, energia elétrica, gás canalizado, abastecimento, iluminação pública, saúde, educação, cultura, creche, lazer, contenção de encostas, segurança e preservação, proteção e recuperação do patrimônio ambiental e cultural.

Art. 427 - O Poder Público garantirá à população os meios de acesso ao conjunto de informações sobre a política urbana, como forma de controle sobre a responsabilidade de suas ações:

I - no plano diretor;

II - no processo de elaboração e execução orçamentária;

III - nos planos de desenvolvimento urbanos e regionais;

IV - na definição das localizações industriais;

V - nos projetos de infraestrutura;

VI - no acesso ao cadastro atualizado de terras públicas;

VII - nas informações referentes à gestão dos serviços públicos.

_____ x _____

CAPÍTULO II: DOS INSTRUMENTOS DE PLANEJAMENTO URBANO

Seção I: Dos Planos, Programas e Projetos da Administração Municipal

Art. 65. O Plano Regional constitui o instrumento que define as diretrizes, objetivos e ações para uma Região de Planejamento, e estará subordinado ao disposto nesta Lei Complementar.

§1º O plano regional conterà:

I - diagnóstico Regional, contemplando Leitura Técnica e Leitura Comunitária;

II - articulação das políticas públicas setoriais conforme previstas nesta Lei Complementar;

III - indicação de planos e programas setoriais;

IV - projetos e ações da administração para a área;

V - metas e prazos para a implementação de ações;

VI - definição da forma de acompanhamento;

VII - previsão orçamentária.

§ 2º Poderão se constituir em instâncias de planejamento e cooperação na articulação intersetorial, a qual se refere o inciso II do §1º deste artigo, o Plano Estratégico, a Agenda 21 e outras instâncias que venham a ser criadas com esta finalidade ou afins.

Art. 66. O Plano Setorial espacializa políticas públicas, estabelece programas setoriais e indica a articulação das ações de órgãos setoriais da Administração.

Parágrafo único. O Programa Setorial trata da estruturação de um conjunto de metas e ações para implementação de uma ou mais políticas públicas afins, indicadas neste Plano Diretor.

Art. 67. O Projeto Urbano será elaborado para implementar políticas, diretrizes, planos e programas propostas por este Plano Diretor, com os seguintes objetivos:

I - requalificação de áreas da Cidade;

II - dinamização de economias locais;

III - implantação ou ampliação de infraestruturas urbanas e de transportes coletivos;

IV - recuperação do patrimônio histórico;

V - implementação ou complementação de políticas, diretrizes, planos e programas.

Parágrafo único. O Projeto Urbano poderá ser:

I - de iniciativa do Poder Executivo ou do Poder Legislativo, quando sua realização for prioritária para o interesse coletivo;

II - de iniciativa privada, quando constituir-se como proposta voluntária de agente ou conjunto de agentes privados;

III - vinculado à implementação de uma operação urbana consorciada.”

Certo de nossa solicitação será alvo da vossa atenção, desde já nossos sinceros agradecimentos.

Atenciosamente:

Higor Pereira Neto
Presidente

ANEXO D – Estruturação Urbana de Guaratiba – Proposta encaminhada pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil

Síntese

O Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB/RJ realizou ao longo dos meses de agosto, setembro e outubro de 2013, um conjunto de reuniões técnicas e seminários para o estudo do quadro urbanístico e socioambiental de Guaratiba.

Tal estudo foi promovido como uma reflexão dos arquitetos e urbanistas integrantes de comissão especialmente designada pelo IAB RJ com o objetivo de colaborar com a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro para se alcançar o melhor encaminhamento para os desafios de ocupação e desenvolvimento que a região apresenta.

Entendemos que o presente e o futuro da região apontam para uma forte expectativa de prover a região dos meios para garantir a conservação ambiental de forma integrada com as políticas de desenvolvimento urbano.

Avaliadas de modo expedito as condições geomorfológicas, ambientais, de ocupação territorial, urbanística, sociais e econômicas da região, a comissão especial do IAB RJ estabeleceu como conceitos estruturantes de suas recomendações:

A ocupação e o desenvolvimento da região devem estar em sintonia com um Plano Geral Urbanístico-Ambiental.

Como bases de um Plano Geral, consideramos:

- Necessário evitar a expansão da cidade, pois seu crescimento é incompatível com a universalização da prestação dos serviços públicos segundo as exigências contemporâneas;
- Os investimentos públicos devem priorizar o suprimento de infraestrutura e serviços públicos para os núcleos urbanos consolidados na região;
- O atendimento de famílias cujas moradias estejam em área de risco, deve priorizar a ocupação de terrenos e áreas livres no interior dos núcleos consolidados e já munidos de infraestrutura;
- Qualquer nova construção ou ocupação deve assegurar o estrito atendimento às exigências ambientais previstas para as reservas naturais da região;
- O Plano Geral deve possibilitar um método de gestão compartilhada, envolvendo órgãos da administração pública, moradores e sociedade civil, para o planejamento e a implantação dos projetos previstos para a área.

Delimitação da Área de Especial Interesse Ambiental da Região de Guaratiba, criada pelo Decreto 37.483 de 31 julho de 2013:

Situada nas bordas da mancha urbana da cidade, essa região apresenta grandes áreas desocupadas e ocupações urbanas esparsas, expressão típica das áreas periféricas das grandes metrópoles brasileiras.

Sua dimensão territorial (13.950 ha) é superior à soma dos bairros do Centro e Zona Sul.

Segundo o Censo de 2010, Guaratiba possui uma população de 110 mil habitantes, instalada em cerca de 40 mil domicílios, o que caracteriza uma densidade ocupacional bruta de apenas oito habitantes por hectare e um crescimento populacional entre 2000 e 2010 da ordem de 26%, um percentual considerável comparativamente com outras áreas da cidade.

A abertura do túnel da Grota Funda e a implantação do BRT atravessando essa região e ligando diretamente os bairros de Santa Cruz e Campo Grande com a Baixada de Jacarepaguá apontam para a necessidade de se planejar a gestão dessa área, do ponto de vista de sua ocupação urbana, a curto, médio e longo prazo.

Seu relevo peculiar e a grande variedade de rios atravessando a região, desde o maciço da Pedra Branca até a Baía de Sepetiba, faz com que esta baixada sofra periódicos alagamentos causados, inclusive, pelo regime dos mananciais e das variações da maré. O recente alagamento da área onde se realizaria um evento da Jornada Mundial da Juventude - "Campus Fidei – comprova essa tendência característica da região.

Fundamentação

Pensar a região como parte indissociável do contexto urbano do município do Rio de Janeiro e da sua região metropolitana é uma condição para o encaminhamento da questão.

A elaboração de um processo de planejamento deve envolver organizações dos moradores da região, representativas da sociedade civil e das diversas instâncias do poder público que atuam, direta ou indiretamente, no desenvolvimento urbano e ambiental dessa localidade.

Não se entende que unicamente a criação de uma legislação urbana possa assegurar uma ocupação adequada da região. É preciso que se promova um conjunto de ações de curto, médio e longo prazo visando oferecer meios para o poder público definir os conceitos e critérios para o uso e ocupação da área, de forma coerente com as suas condições naturais, ambientais e geomorfológicas.

É necessário, portanto, traçar uma metodologia de atuação que agregue as diversas secretarias municipais, estaduais e federais na elaboração de um planejamento abrangente e de uma efetiva gestão e controle da ocupação da área. É imprescindível ouvir os diversos agentes sociais, culturais e empresariais que atuam na região para se estabelecer, de forma a dar transparência, os principais vetores para o planejamento e ocupação da área.

No mundo contemporâneo, o planejamento assume um caráter de administração de conflitos e de interesses particulares que devem ser explicitados e discutidos de maneira clara e objetiva para serem confrontados com os interesses gerais da cidade e da sua região metropolitana. É indispensável que esse debate esteja associado a uma estratégia de comunicação eficiente para lhe garantir a visibilidade e a repercussão desejada.

A tarefa de conduzir esse processo de planejamento deveria ser confiada a uma “Comissão Executiva do Planejamento e Gestão para a Região de Guaratiba”, agregada à Casa Civil da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, em atuação conveniada com o Governo do Estado e o Governo Federal através dos seus representantes designados. As diversas secretarias de governo e as empresas de serviços públicos envolvidas solidariamente nesse processo participariam com as suas respectivas representações. Os poderes legislativos, o Ministério Público e as organizações representativas da sociedade civil atuariam dentro do âmbito das suas atribuições legais.

Deverão ser focados, prioritariamente, dois eixos principais na abordagem da questão: os aspectos ambientais e o planejamento urbano.

Há que se considerar a existência de alguns núcleos urbanos derivados de loteamentos da década de 1950 e de algumas atividades produtivas e culturais instaladas na região. Existem, também, alguns agrupamentos habitacionais ocupando áreas desprovidas de

infraestrutura e sujeitas a alagamentos. Essas e outras áreas semelhantes deverão ser adequadas urbanisticamente às condições do ambiente local como forma de estabelecer uma convivência harmônica entre os princípios de sustentabilidade e do desenvolvimento socioeconômico da região.

Para a consecução desses objetivos seria recomendável que a Prefeitura criasse a “Comissão Executiva do Planejamento e Gestão para a Região de Guaratiba” com as funções de estabelecer e coordenar o processo de planejamento da região. Esse grupo estabeleceria os princípios metodológicos e coordenaria as ações desenvolvidas pelos temas incumbidos de traçar as diretrizes do planejamento urbano da região.

Desdobramentos

Para dar suporte a “Comissão Executiva do Planejamento e Gestão para a Região de Guaratiba” o IAB após a instalação da mesma poderá organizar os debates com a participação de amplos setores que abordarão diversos aspectos que irão embasar um maior reconhecimento da região. Sugerimos, inicialmente, os seguintes enfoques a serem abordados:

- **GUARATIBA E SUA INSERÇÃO NO CONTEXTO URBANO e METROPOLITANO.**

A grande dimensão territorial. O Patrimônio Histórico e Arqueológico existente. A perspectiva de expansão urbana. A influência do modelo urbanística da Barra da Tijuca. A conexão com Campo Grande e Santa Cruz. O túnel da Grota Funda e o BRT. O Plano Diretor. Os estudos preliminares do PEU. A legislação em vigor.

Centralidades e periferias. A influência das cidades que compõem a Região Metropolitana. Os meios de transporte coletivo e particular. A acessibilidade e os vetores de conexão urbana.

- **O MEIO AMBIENTE LOCAL**

Unidades de Preservação e Conservação: manejo, visibilidade, manutenção e visitação. Restrições e possibilidades de uso. Parques naturais: recreação, cultura e lazer. Bacias hidrográficas. Reservas naturais e ambientais. Biomas naturais.

- **MODELOS URBANÍSTICOS E GESTÃO DO TERRITÓRIO**

Modelos urbanísticos possíveis. Exemplos referenciais similares. O mercado imobiliário. A gestão do espaço urbano a curto, médio e longo prazo. As linhas de financiamento possíveis. As parcerias público-privadas.

Os documentos produzidos pelos diversos temas deverão ser objeto de um amplo debate destinado a apresentação e discussão das ideias e propostas formuladas. As contribuições apresentadas durante os debates deverão ser apreciadas e incorporadas aos relatórios, caso sejam decisões consensuais. Ao final poderá ser produzida uma publicação contendo os material de pesquisa e as propostas para o desenvolvimento futuro da área.

Anexos:

- DECRETO Nº 37.483 DE 31 DE JULHO DE 2013 - CRIA A ÁREA DE ESPECIAL INTERESSE AMBIENTAL DA REGIÃO DE GUARATIBA - XXVIRA.
- DECRETO Nº 37.460 DE 29 DE JULHO DE 2013 - DECLARA DE INTERESSE SOCIAL, PARA FINS DE DESAPROPRIAÇÃO, A ÁREA QUE MENCIONA.
- ANEXO 1 ANEXO 1 ANEXO 1 ANEXO 1

DECRETO Nº 37.483 DE 31 DE JULHO DE 2013
DECRETO Nº 37.483 DE 31 DE JULHO DE 2013
DECRETO Nº 37.483 DE 31 DE JULHO DE 2013
DECRETO Nº 37.483 DE 31 DE JULHO DE 2013

CRIA A ÁREA DE ESPECIAL INTERESSE AMBIENTAL DA REGIÃO DE GUARATIBA
CRIA A ÁREA DE ESPECIAL INTERESSE

AMBIENTAL DA REGIÃO DE GUARATIBA CRIA A ÁREA DE ESPECIAL INTERESSE AMBIENTAL DA REGIÃO DE GUARATIBA CRIA A ÁREA DE ESPECIAL INTERESSE AMBIENTAL DA REGIÃO DE GUARATIBA -- XXVI RA. XXVI RA. XXVI RA. XXVI RA.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela legislação em vigor,

CONSIDERANDO que a Lei Orgânica do Município do Rio de Janeiro, no Capítulo "Do Meio Ambiente", art. 463, enumera, entre outros, que "são instrumentos, meios e obrigações de responsabilidade do Poder Público para preservar e controlar o meio ambiente: IX - manutenção e defesa das áreas de preservação permanente, assim entendendo aquelas que, pelas suas condições fisiográficas, geológicas, hidrológicas, biológicas ou climatológicas, formem um ecossistema de importância no meio ambiente natural, destacando-se: os manguezais, as áreas estuarinas e as restingas; as nascentes e as faixas marginais de proteção de águas superficiais; a cobertura vegetal que contribua para a estabilidade das encostas sujeitas à erosão e deslizamento ou para fixação de dunas; as áreas que abriguem exemplares raros, ameaçados de extinção ou insuficientemente conhecidos da flora e da fauna, bem como aquelas que sirvam como local de pouso, abrigo ou reprodução de espécies; os bens naturais a seguir :O Maciço da Pedra Branca, os Parques, reservas ecológicas e biológicas, estações ecológicas e bosques públicos";

CONSIDERANDO a localização em Guaratiba da Reserva Biológica de Guaratiba, do Parque Estadual da Pedra Branca, da Área de Proteção Ambiental da Pedra Branca, do Parque Natural Municipal da Serra da Capoeira Grande; da Área de Proteção Ambiental da Serra da Capoeira Grande e do Morro do Silvério; da Área de Proteção Ambiental das Brisas e da Zona de Amortecimento dessas unidades;

CONSIDERANDO o disposto no artigo 117, da Lei Complementar nº 111 de 01 de fevereiro de 2011 que instituiu o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável do Município do Rio de Janeiro; que classifica como Sítio de Relevante Interesse Paisagístico e Ambiental a Restinga da Marambaia; a Reserva Biológica e Arqueológica de Guaratiba, o Maciço da Pedra Branca; as encostas das serras de Capoeira Grande e Inhoaíba; o Sítio Burle Marx;

CONSIDERANDO os riscos que o processo de adensamento dessa região a partir da implantação da Transoeste e da abertura do túnel da Grota Funda apresentam à manutenção da qualidade ambiental, à paisagem urbana e à qualidade de vida da região de Guaratiba;

CONSIDERANDO a fragilidade ambiental da área e a necessidade de evitar a degradação de suas condições ambientais, bem como garantir o desenvolvimento sustentável da região, DECRETA: -- Art. 1º Art. 1º Art. 1º Fica criada a Área de Especial Interesse Ambiental (AEIA) da Região de Guaratiba, delimitada e descrita na forma dos Anexos I e II deste Decreto. -- Art. 2º Art. 2º Art. 2º Art. 2º Fica suspenso, pelo período de 180 (cento e oitenta) dias a partir da

publicação deste Decreto, nos termos do art. 108, § 2º da Lei Complementar nº 111/2011 - Plano Diretor, o licenciamento de demolição, construção, acréscimo ou modificação, reforma, transformação de uso, parcelamento do solo ou abertura de logradouro na Área de Especial Interesse Ambiental (AEIA) de Guaratiba.

Parágrafo Único Parágrafo Único Parágrafo Único Parágrafo Único - No prazo estipulado no caput, a Secretaria Municipal de Urbanismo em conjunto com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e o IRPH, realizará estudo com o objetivo de determinar meios de proteção do meio ambiente natural e cultural da AEIA. -- Art. 3º Art. 3º Art. 3º Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, 31 de julho de 2013; 449º ano da fundação da Cidade.

EDUARDO PAES

• Anexo 2 Anexo 2 Anexo 2 Anexo 2

DECRETO Nº DECRETO Nº DECRETO Nº DECRETO Nº 37.460 DE
29 DE JULHO DE 2013 37.460 DE 29 DE JULHO DE 2013 37.460 DE
29 DE JULHO DE 2013 37.460 DE 29 DE JULHO DE 2013

DECLARA DE INTERESSE SOCIAL, PARA FINS DE
DESAPROPRIAÇÃO, A ÁREA QUE MENCIONA. DECLARA DE
INTERESSE SOCIAL, PARA FINS DE DESAPROPRIAÇÃO, A ÁREA
QUE MENCIONA. DECLARA DE INTERESSE SOCIAL, PARA FINS
DE DESAPROPRIAÇÃO, A ÁREA QUE MENCIONA. DECLARA DE

INTERESSE SOCIAL, PARA FINS DE DESAPROPRIAÇÃO, A ÁREA QUE MENCIONA.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais, e

CONSIDERANDO a realização da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), no período de 23 a 28 de julho de 2013, na Cidade do Rio de Janeiro;

CONSIDERANDO a importância da Jornada Mundial da Juventude para a Cidade do Rio de Janeiro e a necessidade de se oferecer um legado para a população carioca;

CONSIDERANDO a necessidade de registrar na memória da cidade e de sua população a realização da Jornada Mundial da Juventude - JMJ Rio 2013;

CONSIDERANDO os investimentos já realizados pela Igreja Católica na área denominada "Campus Fidei", onde seriam realizados os eventos com a presença do Papa Francisco, nos dias 27 e 28 de julho de 2013;

CONSIDERANDO a necessidade de se homenagear o Papa Francisco que muito contribuiu, com palavras e exemplos, para despertar na população carioca o sentimento de esperança e justiça social;

CONSIDERANDO que algumas localidades de Guaratiba sejam caracterizadas e reconhecidas como áreas dotadas de infraestrutura deficiente, com parte da população vivendo em habitações irregulares;

CONSIDERANDO que é obrigação constitucional do Poder Público assegurar a todos moradia digna, na forma do art. 6º da Constituição Federal;

CONSIDERANDO o disposto no art. 5º, alínea "p", do Decreto-Lei nº 3.365, de 21 de junho 1941, c/c o art. 2º, inciso V, da Lei nº 4.132, de 10 de setembro de 1962, DECRETA: Art. 1º Art. 1º Art. 1º Art. 1º Fica declarada de interesse social, para fins de desapropriação, a área conhecida como "Campus Fidei", situada no bairro de Guaratiba, conforme croqui anexo.

Parágrafo Único - A desapropriação será realizada pela via judicial e do valor total deverão ser descontados os investimentos realizados pela Igreja Católica na referida área, para a realização da Jornada Mundial da Juventude - JMJ. Art. 2º Art. 2º Art. 2º Art. 2º Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, 29 de julho de 2013; 449º ano da fundação da Cidade.

ANEXO E – Decreto nº 24230 de 20 de maio de 2004 – Dispõe sobre a Baixada de Guaratiba, onde localiza-se Ilha de Guaratiba, decretando a criação do bairro denominado Recreio de Guaratiba.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais e, considerando a experiência com o planejamento urbanístico da Barra da Tijuca; considerando a expansão econômica futura da região metropolitana tem como polo o Porto de Sepetiba; considerando o início das obras do Túnel da Grota Funda em alguns meses; considerando a expectativa estratégica quanto à Restinga da Marambaia; considerando a disponibilidade de áreas públicas,

DECRETA

Art. 1.º A Secretaria Municipal de Urbanismo – diretamente e através do IPP – estabelecerá em até cento e oitenta dias o Planejamento Urbanístico da baixada de Guaratiba – área plana contígua a Grota Funda – levando em conta:

1 – O planejamento da infraestrutura, dos espaços públicos, dos serviços sociais, do paisagismo comum e dos limites do novo bairro, a cargo da prefeitura;

2 – As definições para uso residencial e comercial, a cargo do setor privado;

3 – A legislação urbanística que precisa ser alterada, preparando os termos do projeto de lei a ser enviado à Câmara de Vereadores.

Art. 2.º A região citada no artigo anterior denominar-se-á Recreio de Guaratiba.

Art. 3.º A Secretaria Municipal de Urbanismo poderá para partes do planejamento utilizar o concurso público de projetos como metodologia.

Art. 4.º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, 20 de maio de 2004 – 440º ano da fundação da Cidade.

CESAR MAIA

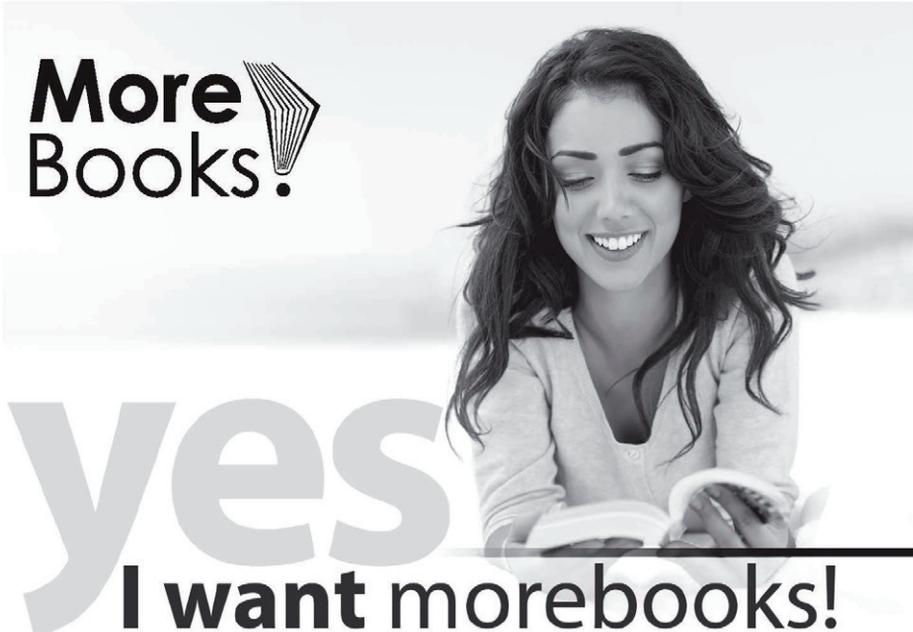
Anexo Único

Bitmap 1

Desenho apenas referencial



**More
Books!** 



yes
I want morebooks!

Buy your books fast and straightforward online - at one of the world's fastest growing online book stores! Environmentally sound due to Print-on-Demand technologies.

Buy your books online at
www.get-morebooks.com

Compre os seus livros mais rápido e diretamente na internet, em uma das livrarias on-line com o maior crescimento no mundo! Produção que protege o meio ambiente através das tecnologias de impressão sob demanda.

Compre os seus livros on-line em
www.morebooks.es

OmniScriptum Marketing DEU GmbH
Bahnhofstr. 28
D - 66111 Saarbrücken
Telefax: +49 681 93 81 567-9

info@omniscrptum.com
www.omniscrptum.com

OMNIScriptum



